

# CURSO DE TEOLOGIA

## Intermediário

**MÓDULO 9**

LIDERANÇA CRISTÃ  
LÍNGUA GREGA I  
APOLOGÉTICA CRISTÃ  
ACONSELHAMENTO PASTORAL

 EDITORA  
**RIDEEL**  
Quem tem Rideel tem mais.



**faculdade teológica betesda**

Moldando vocacionados



# LIDERANÇA CRISTÃ

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	443
<b>1. DEFINIÇÃO DO TERMO</b> .....	444
<b>2. GESTÃO E LIDERANÇA</b> .....	445
<b>3. O QUE SIGNIFICA SER LÍDER</b> .....	446
3.1 O LÍDER LIDERADO.....	447
3.2 O QUE É E O QUE NÃO É LIDERANÇA.....	448
3.3 O RELACIONAMENTO DO LÍDER.....	452
3.4 A IMPORTÂNCIA DE UMA CHAMADA ESPECÍFICA.....	454
<b>4. ASPECTOS ESSENCIAIS DE UMA LIDERANÇA CRISTÃ</b> .....	456
4.1 O LÍDER QUE INFLUENCIA.....	456
4.2 AUTOLIDERANÇA.....	456
4.3 GOVERNAR BEM A PRÓPRIA CASA.....	457
<b>5. COMO SER UM LÍDER LIDERADO</b> .....	559
5.1 A BUSCA PELO PRIMEIRO LUGAR.....	559
5.2 A TOALHA E A BACIA.....	560
5.3 SEJA PRIMEIRO UM SEGUIDOR.....	561
5.4 A CONSCIÊNCIA DO ACERTO DE CONTAS.....	562
<b>CONCLUSÃO</b> .....	564
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	565
<b>AValiação</b> .....	566

## INTRODUÇÃO

Todo projeto necessita de liderança; em todos os lugares que olhamos é possível enxergarmos traços de liderança, desde o módulo que você está segurando em suas mãos até o lugar onde você está sentado, para que tudo isso existisse foi preciso empreendedorismo, dinheiro, pessoas e principalmente liderança.

É interessante como percebemos quando uma liderança está ou não desempenhando bem seu papel, isso é possível perceber na igreja onde congregamos, no nosso trabalho e até em nossa família.

Uma boa liderança é percebida de longe, e uma liderança ruim também. Como nosso assunto é liderança CRISTÃ, nos ateremos a esse tema, porém é importante salientarmos aqui que a liderança cristã, está fundamentada nas bases da liderança geral, sendo assim os princípios aqui inseridos são voltados tanto para a liderança eclesiástica quanto para a liderança de uma forma genérica.

Ser um líder não é tarefa fácil, sobretudo se a liderança for desenvolvida dentro do Reino de Deus, onde infelizmente as pessoas esperam de seus líderes mais perfeição do que comprometimento, visão essa que além de ser equivocada, acaba atrapalhando o desempenho e o avanço do Evangelho de Cristo a partir da Igreja local; isso porque as pessoas que esperam perfeição acabam se espelhando em seus líderes, e como já sabemos, o nosso maior modelo deve ser Cristo e não um líder local.

Por outro lado, os liderados dão pouca atenção ao comprometimento de seus líderes com Deus, e com Sua obra; o resultado geralmente é o mesmo: pessoas que idolatram seus líderes tanto que não percebem que eles mesmos estão pouco comprometidos com o Reino de Deus, pois acabam por se tornar mais um tipo de modelo a ser seguido do que pessoas estratégicas em posição de liderança para que o Reino de Deus avance de forma que só Cristo seja seguido. A Seguir veremos o que realmente é liderança cristã.

## 1

## DEFINIÇÃO DO TERMO

Como será que podemos definir o termo “liderança”? Para muitos, liderança está relacionada a chefiar, dar ordens, mandar, ser o primeiro, enfim, o conceito de liderança para muitos tem o sentido de domínio, porém esse conceito é um grande equívoco. Hoje em dia as muitas definições existentes para o conceito da “liderança” quase sempre incluem dois aspectos. São eles: (1) influenciar a conduta e (2) orientar para um objetivo. Numa formulação abreviada podemos dizer que: Liderança é o influenciar pessoas para um determinado objetivo.

Segundo a conferencista Tatiane Spazziano, “liderança é o processo de influenciar pessoas no sentido de que ajam a favor dos objetivos da instituição. Os líderes criam condições para as pessoas exercerem todo seu potencial, propiciando-lhes a autoconfiança e estimulando-as a perseguirem um ideal”.

É claro que nosso assunto aqui não se limita apenas a questão da liderança, mas diz respeito à liderança a partir da Igreja de Cristo, porém é importante entendermos e definirmos aqui que líder não tem a ver com chefe ou patrão ainda que esses títulos não sejam utilizados na igreja, é comum enxergarmos em líderes cristãos mais traços de chefes e patrões do que propriamente uma liderança fraternal (de irmão).

Líder, portanto, não pode ser entendido como uma pessoa que manda, e nem como o principal, mas podemos entender como líder cristão aquele que viabiliza a instalação do Reino de Deus a partir da igreja local onde ele se encontra.

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- 1) O que Tatiane Spazziano disse sobre ser líder?
- 2) Com que função geralmente a liderança é confundida?
- 3) Como você define um líder cristão com suas palavras?

## 2 | GESTÃO E LIDERANÇA

No módulo VI aprendemos um pouco acerca de gestão ministerial, muitos podem até se perguntar qual a diferença entre gestão e liderança? Afinal não é a mesma coisa? Quando gerenciamos não estamos liderando? A resposta é não, não é a mesma coisa, existe uma pequena diferença entre gestão e liderança. Quando falamos em gestão estamos falando em gerenciar situações ou administrar coisas; eu consigo gerenciar meu talão de cheques meus recursos na gestão se aprende fazer planejamento e executá-los, portanto a gestão vai trabalhar com o abstrato, já a liderança trabalha com o concreto, nós gerenciamos situações, mas, lideramos pessoas, a diferença essencial é que não podemos liderar pessoas pensando que elas são simplesmente números, devemos entender que o ato de liderar requer alguns cuidados muito específicos, pois trabalhar com seres humanos requer muita atenção.

Uma boa liderança enxerga não somente o todo e sua ligação a conjuntos maiores, mas também a pessoa individual. Liderar sempre significa despertar vida no liderado e estar a seu serviço, como exigido por Jesus. É nisto que consiste o verdadeiro desafio. Quando o ser humano é visto como um ser espiritual, como imagem de Deus, e não como números nem quantidades, nem mesmo como meios que me possibilitaram um futuro brilhante.

Dentro da gestão trabalhamos com números, cálculos, metas a serem cumpridas; dentro da liderança trabalhamos com seres humanos e todas as suas complexidades, dentro da liderança exige-se um grande cuidado em tomar decisões, pois o que está em jogo não é lucro ou prejuízo financeiro, e sim homens e mulheres, seres que possuem a imagem e semelhança de Deus, e que o senhor ama de maneira incomparável a ponto de dar seu próprio filho para morrer por eles, portanto, a tarefa de liderar se torna a responsabilidade mais delicada que o homem possa ter.

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- 1) Qual a diferença entre gestão e liderança?
- 2) Qual a especificidade da gestão, ou seja, com que a gestão ministerial se preocupa?
- 3) Cite uma situação em que devemos liderar em vez de gerir.

# 3 | O QUE SIGNIFICA SER LÍDER

Por muitos anos confundimos líder com chefe, a culpa dessa confusão vem do mundo corporativo, onde os chefes impunham suas ideias e projetos fazendo com que os funcionários ou colaboradores desempenhassem papéis dentro do projeto mesmo sem a aptidão ou a vocação para tal. Como nossa compreensão de administração acaba passando por nossa experiência no mundo corporativo, essa ideia de “chefe-líder” acabou tomando conta de nossas igrejas, e acabamos aceitando como se essa fosse a única realidade possível, mas não é.

Conheço igrejas com ótimos líderes, que não estão desempenhando nenhum papel de liderança devido à insegurança de seus “chefes” que por medo de perderem o posto preferem sufocar a liderança alheia, e sem nenhum pudor evitam que pessoas estratégicas sejam usadas na comunidade local simplesmente por entenderem que uma liderança na comunidade pode causar prejuízo ou até a perda do pastorado, dessa forma diversas igrejas vão seguindo com líderes estáticos ou engessados por chefes que estão conduzindo as pessoas da forma como acha mais conveniente.

Ser líder cristão, portanto, significa ser uma pessoa estratégica na comunidade, ou seja, a liderança cristã está intimamente ligada ao desafio de perceber a vontade de Deus e implementá-la de forma estratégica alcançando as pessoas com essa visão, e gerindo o processo de implementação de forma que o nome do Senhor seja exaltado desde o início e durante todo o processo, o líder então é um escolhido por Deus para receber uma direção e implementá-la na comunidade ou a partir dela sempre contando com uma supervisão espiritual coerente, coesa e íntegra para que a liderança não se torne uma chefia e acabe desmontando o projeto todo migrando para uma gestão paralela.

Por exemplo, existem igrejas com projetos maravilhosos na área social, mas que em algum ponto da história houve um hiato entre a supervisão espiritual e a liderança do projeto, e, como consequência, o projeto foi se desenvolvendo órfão de supervisão, aconselhamento e prestação de contas, de tal forma que o próprio líder acaba assumindo o projeto de uma forma que divide a igreja ao invés de uni-la. Por isso a liderança nunca pode funcionar divorciada de uma supervisão espiritual, afinal ser líder não significa ser dono, e ter liderança não transforma o líder em alguém acima de tudo e todos, sobretudo em um ambiente de Igreja.

O grande papel do líder não é mandar, pois para essa função não há nenhuma necessidade de um chamado especial, afinal “mandar” é o tipo de coisa que qualquer um pode fazer, mas liderar uma igreja ou um projeto dentro dela, ou mesmo que funcione paralelo a ela, requer chamada, humildade, capacidade e principalmente sujeição, sem esses ingredientes a liderança se torna autoritária, engessada e capaz até de tornar um projeto da Igreja mais importante do que o próprio papel da Igreja na sociedade. Perceba na história que os grandes líderes que funcionaram não foram os autoritários como Hitler, Stalin e tantos outros que seguiram a mesma linha, mas sim os líderes servos como Martin Luther King e até Gandhi (não estamos aqui aprovando a religião Hindu, apenas reconhecendo a liderança de Mohandas Karamchand Gandhi), que por sua liderança pacífica recebeu o título de “Mahatma”, nome que vem do sânscrito e significa “A grande alma”, por libertar a Índia e transformá-la em um estado independente através de protestos pacíficos como o jejum, por exemplo.

Como vimos, temos na história bons e maus exemplos de liderança e tanto um quanto o outro podem nortear a nossa própria liderança pessoal para que não tome um rumo que acabe por atrapalhar a Igreja em nome de um projeto, tantos outros exemplos podem ser utilizados aqui que até mudaria o foco de nosso estudo e passaríamos a falar sobre líderes e métodos de liderança, portanto, voltemos ao foco central, deixamos como indicação o livro *O Monge e o Executivo* lançado em português no ano de 2005 pela editora Sextante.

### 3.1 O LÍDER LIDERADO

É muito comum um líder acabar assumindo um projeto como sendo algo pessoal dele, isso acontece em várias gamas desde empresas até (infelizmente) na Igreja, por isso a maioria de nós já viu um pastor (líder) deixando a Igreja aos cuidados do filho, como se a Igreja fosse um bem de família, um tipo de herança a ser “tocada” pelos herdeiros legais do líder. Esse tipo de “Nepotismo Evangélico” é muito comum, sobretudo nas igrejas neopentecostais, onde a liderança geralmente é feita a partir da família do Líder.

A Bíblia não apresenta esse tipo de padrão de sucessão ministerial. Pelo contrário, cada pessoa que se levanta como líder no texto bíblico é chamada especialmente para desenvolver funções específicas se tornando líderes, porém sendo claramente lideradas pelo Senhor e andando conforme as ordens e preceitos do Senhor.

Na Igreja não deve (ou pelo menos não deveria) ser diferente, pessoas são chamadas, instruídas e guiadas pelo Senhor para liderar a Igreja ou algum projeto da Igreja, isso, porém, deve ser feito com clareza, caráter e principalmente com a direção de Deus. É possível que um filho substitua as funções do pai no ministério, nós não estamos aqui dizendo que isso é proibido; a grande questão aqui é que nós lideramos um projeto que não é nosso e quem escolhe quem vai trabalhar na liderança desse projeto (Igreja) é o dono, nesse caso, o próprio Deus.

Conheço igrejas maravilhosas que cometeram erros estruturais importantes na hora de escolher os líderes. Foram escolhidas pessoas com boa dicção, bom currículo, bom relacionamento com o pastor etc; só se esqueceram de verificar se eram escolhidos por Deus para aquela tarefa. Vemos isso quase acontecendo no capítulo 16 do primeiro livro de Samuel. Deus envia Samuel na casa de Jessé, porque um líder seria escolhido para a nação. Quando chega lá, Samuel, que tinha tanta experiência com Deus, ia se deixando levar pela aparência apresentada pelos filhos de Jessé, e por pouco ele não faz uma besteira elegendo uma pessoa errada para uma função tão importante; ainda bem que ele deu ouvidos ao Senhor, que interferiu, impedindo-o de fazer a escolha errada. Como resultado dessa escolha dirigida pelo Senhor, temos Davi, o grande rei de Israel, o homem segundo o coração de Deus, capaz de assumir um reino cheio de problemas internos, dívida externa, sem confiabilidade nenhuma e ainda vivendo guerras quase diariamente; e entregar ao seu sucessor um reino em paz, com os cofres cheios, e com o território muito maior do que o deixado pelo seu antecessor.

Exemplos como esse são importantes para prestarmos muita atenção em como estamos procedendo com a liderança que recebemos do Senhor, pois na realidade somos líderes liderados pelo Senhor, e não podemos esquecer que um dia prestaremos contas a Ele de nosso mordomado (Mt 25).

Vale lembrar que, no contexto de comunidade, a Igreja também tem voz para escolher pessoas para trabalharem na administração de projetos, conforme vemos no capítulo seis do livro dos Atos dos Apóstolos, porém perceba que aquela escolha não era uma escolha para liderança, mas sim para a operacionalização de um ministério (serviço) que já contava com líderes (nesse caso, os Apóstolos), porém precisava de mais material humano, que foi caso escolhido por eleição pela própria comunidade. Não podemos confundir essa eleição para eleger pessoas para trabalharem um projeto com a eleição de pessoas para liderarem a Igreja de Jesus, nesse caso fica muito claro que quem escolhe é o próprio Deus, conforme o capítulo treze do mesmo livro; ou seja, quem escolhe os líderes é Deus, e quem os lidera é Deus. Nesse caso somos líderes, liderados pelo Senhor para trabalharmos o Reino e prestarmos contas a Ele e à Comunidade onde estamos inseridos.

Outro exemplo de Liderança liderada é o de Jesus (Lc 6.12-16), perceba no texto que Ele passa uma noite inteira em oração para no outro dia escolher doze pessoas para o ministério; Ele é plenamente Deus (conforme o segundo módulo já estudado), então entendemos que essa noite em oração serve-nos como exemplo sobre como devemos proceder em relação ao ministério. É comum pessoas sendo escolhidas com base em seus conhecimentos, suas amizades, seu temperamento, sua situação financeira ou até por “tempo de casa”, mas nesse texto Jesus deixa claro que quem escolhe as pessoas é Deus (Jo 15), por isso a liderança deve estar sempre em oração pedindo ao Senhor que mostre Seus escolhidos, pois só assim será possível trabalhar para Deus sendo um líder liderado por Ele.

Quando entendemos essas questões, fica mais fácil explicar porque existem pessoas envolvidas no ministério, mas que não condizem com o nome de Cristo, ou porque existem pessoas que ostentam títulos ministeriais,

porém não tem a piedade, que é a marca registrada de todo servo do Senhor. A explicação é simples, alguém escolheu essa pessoa sem que Deus o tivesse escolhido.

As escolhas de líderes sem a direção de Deus traz dois resultados maléficos ao Reino: improdutividade e escândalo, o primeiro resultado é gerado quando a pessoa escolhida pelo líder (que não atentou para a vontade de Deus) acaba não produzindo nada na função para qual foi colocado, e o segundo é muito mais danoso, acontece quando a pessoa escolhida, além de não produzir, acaba destruindo aquilo que já foi produzido, trazendo prejuízos ao Reino de Deus.

Portanto, ser um líder liderado é ter a consciência de que estamos trabalhando para Deus e não para nós mesmos; é sabermos que nossa tarefa de liderança é apenas estratégica e tão passageira quanto os dias de nossa vida (Salmos 90); por isso é preciso liderar como quem tem um acerto de contas com o verdadeiro líder e Senhor da obra.

### 3.2 O QUE É E O QUE NÃO É LIDERANÇA

Como nossa experiência sobre liderança surge a partir de nossa vivência com o mundo corporativo, é comum absorvermos de lá nossas impressões sobre o que é ser um líder. Nesse ponto de nossa matéria, gostaríamos de propor alguns pontos sobre o que não é liderança, e com isso lançar luz sobre o tema.

1. Não é líder aquele que tem necessidade de exigir.
2. Não é líder aquele que sofre com o sucesso de outro.
3. Não é líder aquele que não tem metas definidas.
4. Não é líder quem se atrapalha com a sua lista de prioridades.

**Não é líder aquele que tem necessidade de exigir.**

A liderança é diferente da chefia justamente por não ter a necessidade de imposição. Um chefe chega a essa posição por indicação e por isso precisa se impor para que sua posição continue sendo respeitada, isso não tem nada a ver com liderança. O líder não impõe nada, ele conquista e mobiliza pessoas com seus projetos, por isso a liderança diverge da chefia. Enquanto na chefia existem subalternos, na liderança existem companheiros. Enquanto na chefia existe carga horária, na liderança existe labor. Enquanto na chefia as pessoas suportam o chefe, na liderança as pessoas seguem o líder. Enquanto na chefia existe pagamento como troca pelo trabalho, na liderança existe satisfação.

Ser um líder é não ter a necessidade de se impor como faz um chefe, é não ter por necessidade a imposição. Sabendo disso, nossos olhos começam a se abrir para enxergarmos com que tipo de autoridade espiritual estamos servindo a Deus; será que estou congregando com um líder, ou com um chefe?

A necessidade de autoafirmação é apenas uma característica capaz de denunciar o nosso estilo de vida, toda vez que um líder tem a necessidade de exigir que algo saia do jeito que ele quer, ele está naquele momento saindo da condição de líder e assumindo o papel de chefe.

O líder não se preocupa com coisas superficiais, como cor da parede, detalhes do uniforme escolhido para um evento, ou se o nome dele vem seguido do seu título; para um líder essas coisas menores não influenciam em nada.

Existem “líderes” que acabam se preocupando com coisas supérfluas, isso, além de depreciar sua posição de liderança, acaba minando um projeto que Deus deu a ele, mas que comporta pequenas alterações cosméticas que não vão comprometer em nada a estrutura central da missão, pelo contrário essas alterações serão responsáveis por forjar nos companheiros (que abraçaram o projeto) um sentimento de satisfação, fazendo com que se sintam importantes no projeto, e de fato o são. Aliás, sem pessoas para executar, nem é possível chamar de projeto, o nome seria apenas “ideia”.

Fica muito claro então que todo líder só é líder porque mobiliza, influencia e conquista pessoas para que projetos possam ser executados, a partir do momento que há imposição, podemos considerá-lo apenas como um mero chefe.

**Não é líder aquele que sofre com o sucesso de outro.**

No décimo oitavo capítulo do primeiro livro de Samuel, a partir do quinto versículo temos um exemplo daquilo que chamamos: “não liderança”.

O contexto é o seguinte: Davi tinha assumido recentemente o comando dos exércitos de Israel num contexto de guerra onde todos os dias havia baixas em ambos os exércitos. Quando Davi assumiu o posto, o povo aceitou e comemorou a escolha que o rei fizera, e Saul, por sua vez, ficou muito contente com a aceitação do povo diante de Davi, até aí tudo estava correndo dentro da normalidade.

Até que uma vitória espetacular de Davi sobre os filisteus em uma das batalhas foi o bastante para tirar Saul do sério, e a partir daquele momento Saul nunca mais conseguiu dormir como antes, por causa do sucesso de Davi, veja o que diz o texto:

- 6- *Sucedeu, porém que, retornando eles, quando Davi voltava de ferir o filisteu, as mulheres de todas as cidades de Israel saíram ao encontro do rei Saul, cantando e dançando alegremente, com tamboris, e com instrumentos de música.*
- 7- *E as mulheres dançando, cantavam umas para as outras, dizendo: Saul feriu milhares, porém Davi deu dez milhares.*
- 8- *Então Saul se indignou muito, pois aquela palavra pareceu mal aos seus olhos e disse: Dez milhares deram a Davi, e a mim somente milhares; o que lhe falta, senão só o reino?*
- 9- *Daquela dia em diante, Saul trazia Davi sob suspeita.*
- 12- *Saul, pois, temia a Davi, porque o Senhor era com Davi e se tinha retirado dele.*
- 13- *Pelo que Saul o afastou de si, e o fez comandante de mil; e ele saía e entrava diante do povo.*
- 14- *E Davi era bem-sucedido em todos os seus caminhos; e o Senhor era com ele.*
- 15- *Vendo, então, Saul, que ele era tão bem-sucedido, tinha receio dele.*

O próprio texto já fala por si. Saul e Davi estão do mesmo lado na batalha. Davi trabalha para Saul, a vitória de um é a vitória do outro, mas parece que Saul está mais preocupado com a ameaça do seu prestígio pessoal do que propriamente com o bom desempenho do exército durante a guerra, e em especial naquela batalha.

Perceba que as mulheres que cantavam a vitória foram saudar Saul (o rei por sua vitória), e não Davi. Mas o ciúme de Saul foi tão doentio que não percebeu que a vitória de Davi era também a vitória dele, e de todo país. É a partir dessa vitória que Saul passa a odiar Davi, inclusive tentando assassiná-lo algumas vezes (uma delas nesse mesmo capítulo).

É impressionante como esse comportamento de “não liderança” é capaz de minar uma vitória iminente, fazendo com que toda uma guerra mude de situação por falta de uma liderança estabilizada. Foi o que aconteceu com Saul, que termina seus dias tirando a própria vida justamente porque não conseguiu vencer (sem Davi) a Guerra contra a Filístia.

Esse comportamento serve de exemplo a todo líder que milita da Causa de Cristo: além de entendermos que somos líderes liderados, precisamos prestar atenção nas pessoas que Deus está levantando para nos auxiliar em

cada projeto abraçado e desempenhado sob nossa liderança. Se uma pessoa faz sucesso levantando a mesma bandeira que o líder, isso não significa que agora ele tem um rival, mas sim que agora ele pode ficar tranquilo, pois Deus está levantando pessoas estratégicas para trabalhar ao seu lado, e sob sua liderança. Se o líder souber aproveitar essas pessoas estratégicas sem ciúmes ou crises, ele desfrutará de duas bênçãos: A primeira é que agora ele pode ficar tranquilo, pois o projeto que ele idealizou está sendo feito por pessoas capacitadas (muitas vezes até mais do que o próprio líder). E, em segundo lugar, quando isso acontece provavelmente o líder se encontra diante de seu sucessor para aquele projeto; e agora ele pode treiná-lo e instruí-lo para que um dia seu lugar seja ocupado por alguém dentro da vontade de Deus, ou como fez Saul (e como acontece muitas vezes no contexto de Igreja), ele pode investir seu tempo e suas energias perseguindo e tentando apagar a luz emitida por aquele que está tentando ajudar.

Nesse ponto de nosso estudo entendemos que se alguém está fazendo sucesso dentro do Reino de Deus onde fomos levantados (por Ele) como líderes, então temos todo motivo do mundo para glorificar a Deus. Se as pessoas estão fazendo festa para celebrar o sucesso de alguém que está sob sua liderança, então essa festa também é sua, aproveite!

**Não é líder aquele que não tem metas definidas.**

É triste acompanhar uma liderança que não sabe pra onde vai. É preciso saber nesse ponto de nosso estudo que, se você é um líder da Igreja de Cristo, as pessoas não estão seguindo você porque você é bom, as pessoas o acompanham porque aderiram ao seu projeto.

Isso mesmo, algo desenvolvido sob sua liderança fez com que essas pessoas se identificassem, por isso se aproximaram e se envolveram, agora estão dispostas a investir tempo, dinheiro, energia e o prestígio que elas têm em prol do projeto que você está liderando. Tudo isso porque entenderam e aprovaram a forma como você encara e desenvolve os projetos idealizados sob sua liderança. Ou seja, nas palavras do apóstolo Paulo, o líder é apenas um vaso (2 Co 4.7), mas o que chama a atenção das pessoas não é vaso em si, mas é o que contém dentro dele; nesse caso, as pessoas não seguem líderes apenas porque eles são bons, educados e perfeitos (até porque já estudamos bastante até aqui para perceber que só Deus é perfeito, e nós estamos sendo por Ele aperfeiçoados), mas se algumas (poucas ou muitas) pessoas saem de casa regularmente para ouvir um líder, isso significa que essas pessoas aprovaram a ideia que esse líder tem, e está lá aguardando as possibilidades de se envolverem de forma a viabilizarem o que for preciso.

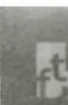
Isso explica porque igrejas parecem não crescer nunca, ano após ano, as mesmas pessoas se reúnem para cantar as mesmas músicas e ouvir a mesma coisa. O que está faltando? Por que não sai dessa situação nunca? A resposta é que faltam metas!

Difícilmente alguém vai envolver sua família, suas energias, seus amigos, seu dinheiro, suas habilidades, seu nome (e tudo mais que uma pessoa empresta ao fazer parte de uma comunidade Cristã), se ninguém sabe pra onde estão indo, quando vão chegar, e qual é o próximo passo.

Essa percepção por parte das pessoas acontece logo que elas se aproximam do líder. Existem grandes expositores do texto Bíblico, homens de oração e de intimidade com Deus, mas que não têm uma liderança mais expressiva porque lhes faltam metas. Não estão faltando oração e nem conhecimento Bíblico, porém qual é a ideia de reunir pessoas apenas pela reunião?

Conforme as pessoas percebem que “falta alguma coisa”, acabam se afastando porque querem ser úteis dentro do Reino de Deus, e perceberam que isso não será possível com uma liderança que não caminha para lugar nenhum. Se você é um líder do Reino de Deus, procure estabelecer metas a longo, médio e curto prazo para que sua comunidade caminhe dentro de uma direção, é importante que as pessoas saibam para onde estão indo, como chegarão lá e quanto custará a eles cada passo que está sendo dado nessa direção.

Se você já teve a sensação de andar por um caminho desconhecido, ou de se perder durante uma viagem, então você sabe que a sensação de dirigir enquanto se está perdido é terrível porque a gente pensa que seja lá



qual a direção tomarmos parece que sempre iremos para mais longe do alvo; essa é a sensação que muitos irmãos têm de suas igrejas. As reuniões são apenas pra tratar de assuntos periféricos, os cultos parecem ser apenas um encontro ordinário na agenda da comunidade, e a sensação é de que a comunidade não tem nenhuma relevância na sociedade imediatamente próxima onde está plantada. É preciso definir metas, é preciso programar meios de alcançar objetivos claros e compartilhá-los com a própria comunidade, uma pessoa que apenas dirige culto não pode ser chamado de líder, pelo simples fato de que um líder não tem essa função porque ele dirige um culto, mas sim porque ele dirige pessoas a um objetivo claro e compartilhado, e aprovado pela palavra do Senhor e pelos irmãos envolvidos em atingir esse objetivo.

**Não é líder quem se atrapalha com sua lista de prioridades.**

Liderar, entre outras coisas, significa organizar. Essa organização vai desde verificar as metas a curto, médio e longo prazo até a disciplina em desempenhar metodicamente cada uma das etapas estipuladas para a manutenção e crescimento do projeto em foco.

Por isso o líder cristão deve ter bem definida a sua lista de prioridades, pois isso, além de garantir o bom desempenho da obra que lhe foi confiada, também tem a finalidade de gerar transparência durante todo o processo em que a obra vai se desenvolvendo.

É preciso lembrar que, quando falamos sobre prioridades, estamos nos referindo à ordem de importância que cada segmento apresenta, e tanto a ordem quanto a importância devem ser estabelecidas por uma liderança madura, cristã e confiável. Se isso não acontecer, os resultados podem ser prejudiciais ao Reino aí estabelecido.

Não é incomum encontrarmos igrejas que contam com um grupo de louvor maravilhoso, que às vezes cresce mais do que a própria Igreja, e na mesma comunidade o trabalho social está defasado ou mesmo nem existe. Existem igrejas que tem uma Escola Dominical nota DEZ e um evangelismo nota ZERO. As perguntas que surgem desses exemplos são:

- Se essa igreja tem um louvor tão maravilhoso, porque não se dedicam da mesma forma para ajudar pessoas que passam necessidades (às vezes essas pessoas são até da mesma igreja). Afinal, qual é a meta de a igreja cantar ou pregar?

- Nessa Igreja o estudo da palavra está em primeiro lugar, mas então por que ninguém pratica?  
Por que não existem conversões?

São questões como essas e muitas outras que sabemos existir em um contexto de Igreja local, que sinalizam o tamanho da importância de estabelecermos uma boa lista de prioridades. Logo, não é possível considerar alguém como líder se não é capaz de organizar para a comunidade a ordem e a importância que cada ministério tem dentro da Obra de Deus. Johan Dupin (Webmaster de [www.gestion-de-temps.com](http://www.gestion-de-temps.com)) nos dá alguns conselhos que achamos importante:

Devemos encarar os fatos: Para muitas pessoas, 24 horas não são suficientes para completar todas as tarefas em curso. Por isso, é necessário estabelecer prioridades, organizar suas tarefas em quatro grupos.

1. Importante e urgente.
2. Pouco importante, mas urgente.
3. Não é urgente, mas importante.
4. Pouco urgente e não importante.

### **Importante e urgente**

Essas tarefas são aquelas que devem ser feitas imediatamente, caso contrário as consequências serão indesejáveis. Um exemplo é a liquidação de fatura: se você não pagar suas contas, ou cortar seus prestadores de serviços, você não terá custos adicionais. Essas tarefas devem ser executadas sem demora.

Você tem que dar a máxima prioridade a elas. A boa notícia é que algumas destas tarefas são simples e podem ser delegadas a terceiros, tais como fazer compras para a festa que acontecerá à noite, por exemplo. A delegação pode ser realmente necessária quando se trata de realizar tarefas manuais.

### **Pouco importante, mas urgente**

A importância da atividade nesta categoria varia de acordo com os indivíduos. Por exemplo, um período de saldos pode ser considerado desnecessário para uma pessoa que deseja comprar qualquer coisa, mas muito importante para quem quer comprar um produto, mas tem não o orçamento de recursos para fora deste período.

Para saber a real importância de uma ação, perguntar-se quais são as consequências negativas se você não fazê-lo. Se você considerar que essas consequências são mínimas, então, não deve realizar a ação.

### **Não é urgente, mas importante**

Você vai com frequência adiar essas ações, mas elas são realmente as que exigem um planejamento mais cuidadoso, organização e atingir seus objetivos.

O perigo é quando a mão na ação mais recente, como é que você apresentou as ações que você considera urgente, mas são muito menos importantes, que você vai perder muito tempo. Por exemplo, em vez de procurar aumentar as vendas e reduzir seus custos, você gasta tempo mantendo seus clientes (que poderia ser feito por outra pessoa).

Ou pior, você pode empurrar prazos antes de você perceber que você não tenha realizado as tarefas desta categoria, pois há muito tempo.

Deve-se dar a essas tarefas alta prioridade: você não precisa necessariamente realizar o benefício imediato, mas a longo prazo os seus esforços serão recompensados.

### **Algo importante e não urgente**

Você pode pensar que essas tarefas são tão importantes que ninguém é bom o suficiente para realizá-la. É muito longe do caso: a maioria das pessoas passam a maior parte do seu tempo a fazer as tarefas triviais e não urgentes, como navegar na internet sem rumo, ver televisão, jogar jogos de vídeo, chat ou telefone, fazer compras etc.

Obviamente, é essencial para relaxar e se divertir, mas temos de limitar o tempo para estas atividades, se você realmente quiser realizar algo em sua vida. Atividades nesta categoria não são prioridade. Se você quiser ter sucesso e alcançar seus objetivos, limitá-las ou não realizá-las: o foco nas atividades que lhe trará mais resultados. Portanto ordenar prioridades dentro do Reino de Deus é muito importante, porque, além de nortear o dia a dia do líder, do projeto e de todos envolvidos, essa organização possibilita economia de dinheiro, trabalho e energia, e principalmente de tempo para que as metas estabelecidas sejam alcançadas dentro da previsão previamente estipulada e compartilhada com os irmãos envolvidos.

Agora que vimos exemplos de “não liderança”, podemos entender melhor o que é ser um líder, pois uma liderança ponderada e preparada é percebida de longe; já uma liderança atrapalhada e mais comprometida consigo do que com o projeto infelizmente é percebida de mais longe ainda, e o pior, seus estragos são tão danosos que podem comprometer até a próxima geração do projeto.

Que Deus em Cristo nos capacite a sermos líderes do Reino, e não de nós mesmos, precisamos entender que antes de sermos líderes somos servos, e trabalhamos como quem há de prestar contas (Hb 4.13).

## **3.3 O RELACIONAMENTO DO LÍDER**

Conforme já estudamos, ser líder não significa ser chefe ou ser patrão. Mas é inegável que todo líder precisa de subordinados; por isso precisamos deixar claro aqui como funciona o relacionamento entre liderança e liderado.

Em primeiro lugar é preciso entendermos que as diferenças entre liderança e chefia são muito drásticas na questão do relacionamento; um chefe, por exemplo, não tem nenhuma necessidade de manter amizade com seu



subordinado, mas se um líder não mantém uma amizade saudável com seus subordinados pode significar o fim de um projeto, ou seja, existe uma diferença muito marcante entre essas duas áreas de gerência.

Essa diferença toda se dá principalmente pela motivação daqueles que trabalham para tornar possível a realização de um ou mais projetos, sabemos que no mundo corporativo os funcionários trabalham em troca do salário, já no dia a dia da Igreja as pessoas trabalham visando à realização de um ou mais projetos que tornam possível a instalação do Reino de Deus.

No primeiro caso (mundo corporativo), não há tanta necessidade de relacionamento (apesar de que até, nesse caso, um bom relacionamento faz toda diferença), mas em se tratando de um projeto onde ninguém está se envolvendo em troca de um salário, mas apenas pelo fato de enxergarem que é um projeto necessário para que o Reino de Deus seja instalado, se não houver comunicação e principalmente relacionamento entre líder e liderado, o projeto corre o risco de tomar rumos diferentes, ou o projeto se dividirá em outras partes, ou tomará um rumo não planejado ou ainda será abortado sem sucesso, tudo isso por falta de relacionamento. Ainda nessa questão de relacionamento, precisa ficar claro que a decisão para um bom relacionamento sempre deve partir do líder na direção de quem é liderado; é claro que todo relacionamento tem desgastes, discordâncias, afinal não somos robôs, somos seres humanos e cada um tem sua personalidade e opinião diferente, por isso sempre haverá pontos de discordâncias. É nesses pontos (onde existem divergências de opiniões) que uma liderança dependerá de seu relacionamento pessoal com as pessoas envolvidas no projeto.

Um bom relacionamento entre líder e liderado não é um benefício apenas do projeto em si, mas de todos, envolvidos. No segundo livro de Samuel capítulo 21, a partir do versículo 15 temos uma história que ilustra bem o que estamos estudando.

No texto, Davi já está velho, é um bom rei para Israel e continua à frente do exército atuando como combatente (aliás, essa é uma marca do reinado de Davi, ele não apenas ditava, mas também estava com os soldados no *front* de batalha), sabemos que a idade faz com que os reflexos e o vigor mudem, e foi o que aconteceu com Davi, durante a batalha ele se cansou, e um gigante chamado Isbi-Benobe cuja lança tinha o peso de três quilos e seiscentos gramas estava no encalço de Davi para matá-lo, e no momento do golpe que seria mortal ao rei Davi, um de seus companheiros chamado Abisai interceptou o ataque e assumiu a luta, matando o gigante.

Sabemos que esse tipo de atitude não acontece entre um chefe e um funcionário, mas esse é o tipo de fato que acontece entre dois AMIGOS. Davi era mais do que um tio para Abisai, naquela cena não estavam lutando um rei e um subordinado, mas sim dois amigos. A atitude de Abisai em socorrer seu líder mostra que Davi era mais do que um rei, fica claro que havia relacionamento entre eles.

Toda liderança que desenvolve um bom relacionamento com seus liderados tem a garantia de uma liderança duradoura, e menos exposta aos percalços da vida, pois sempre que for preciso as pessoas se unirão para lutar em prol do projeto e até do líder, se for esse o caso.

Portanto, ter um bom relacionamento faz toda a diferença, e torna possível o desenvolvimento de todo projeto dentro do Reino. Jesus, pouco antes da cruz, disse aos seus discípulos: “– Já não vos chamo de servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor. Antes, tenho vos chamado de amigos, pois tudo o que ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer.” (Jo 15.15). Perceba na frase de Jesus que os discípulos só são chamados de amigos porque não existem segredos no projeto, “... pois tudo o que ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer”. Ou seja, só é possível haver amizade, onde há cumplicidade, e não segredos.

Se você é um líder, busque ter um relacionamento com as pessoas que fazem parte do projeto que você está liderando para Deus, comece se abrindo mais para as pessoas que estão envolvidas nos projetos que você está gerindo. Entenda que só é possível chamar de AMIGO aquelas pessoas que estão perto do líder e que, por conhecerem tanto o histórico quanto o projeto, estão dispostos a levantar espadas para defender tanto um como o outro.

Se você ainda não tem esse tipo de liderança, esse é um bom momento para começar. Leia o texto que demos como referência e procure na Bíblia quando é que a história de Davi e Abisai começa, descubra que eles são mais do que apenas um líder e um liderado, e busque aplicar em sua vida padrões de relacionamentos que possibilitem ver o que Davi viu: Alguém empunhando uma espada e derrubando um gigante para defender o projeto, e a pessoa que o tornava possível.

### 3.4 A IMPORTÂNCIA DE UMA CHAMADA ESPECÍFICA

O Reino de Deus é o lugar onde a demanda é maior do que os trabalhadores dispostos ao trabalho (Mt 9:37), todo lugar onde há mais trabalho do que trabalhador, a tendência é que as pessoas dispostas a trabalhar acabem assumindo trabalhos sem capacitação, ou até mesmo sem tanto interesse, mas apenas por saberem que o trabalho tem de ser realizado. Por isso não é raro encontrarmos pessoas desqualificadas realizando tarefas que requerem qualificação, o resultado disso é aquele que já sabemos: ministérios de baixa qualidade e desempenhos abaixo do esperado tanto por Deus, como pela comunidade.

É nesse ponto que entra a necessidade de uma chamada específica. Certa vez o Apóstolo Paulo disse que dentro do Reino de Deus existem áreas distintas de atuação e pessoas específicas para cada uma dessas áreas, mostrando que a necessidade de diversificação de ministérios, além de ser necessária, é também a forma que Deus escolheu para gerir a Igreja. Nesse caso é preciso pensar em: Como visualizar quais áreas de atuação existem na comunidade que estamos inseridos? Em segundo lugar, precisamos identificar qual delas se identifica com nosso perfil. A partir dessa análise, poderemos ter uma noção do chamado de Deus para nossas vidas.

*Efésios 4; 11-13 E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, Querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo;*

*Até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a homem perfeito, à medida da estatura completa de Cristo.*

Como vemos no texto acima, Paulo alista alguns dons ministeriais e para que servem esses dons. Em primeiro lugar, podemos perceber que existe diversificação no serviço, ou seja, não são todos que são chamados para o mesmo serviço (1 Co 12; 4-6 “Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos.”). Em segundo lugar os dons não são para nos promover na escalada cristã, e sim para servirmos ao corpo de Cristo, que é a igreja afim de que o Reino cresça e a igreja seja edificada. Hoje em dia as igrejas evangélicas brasileiras sofrem com uma administração incoerente no que diz respeito aos dons ministeriais. É comum vermos hoje em dia o seguinte caso:

Uma pessoa não cristã frequenta um culto e no final se decide por Cristo, levanta sua mão e “aceita” Jesus como seu “Senhor e Salvador”, a partir daí ela começa a ser assídua nos trabalhos da Igreja, culto de oração, culto de ensinamento, evangelismo e demais atividades, demonstra ser uma pessoa super disposta e envolvida com a obra. Passa-se certo tempo e aquele irmão(ã) continua sempre ativo na igreja; surge uma oportunidade em determinado departamento, o líder vai se reúne com os demais participantes e decidem-se por colocar aquele novo convertido, afinal é uma pessoa que vestiu a camisa do ministério.

E essa pessoa é colocada muitas vezes sem uma direção divina, simplesmente porque estava se destacando na Igreja; muitas vezes acaba dando certo, ela se enquadra nessa tarefa, e o trabalho frutifica; os líderes, observando o desempenho deste, resolvem promovê-lo a uma tarefa mais difícil e assim vai caminhando até quem sabe chegar à liderança de uma igreja. Um exemplo mais comum é a pessoa que começa trabalhando com as crianças, depois de um trabalho satisfatório vai dirigir os adolescentes, mocidade, departamento de missões e daqui a pouco está à frente de uma igreja. Em outras ocasiões parece que funciona como uma promoção ou uma “escadinha”. A pessoa começa como obreiro cooperador, passa para diácono, presbítero, evangelista e pastor que parece o último degrau, o sonho de todos que entram para o ministério. O grande problema desta “escadinha” é que dessa forma nunca é levado em conta o fator “chamada”, pois não é porque fui um bom diácono que serei um bom evangelista, ou um bom pastor, afinal existe diversificação nos serviços, alguns foram chamados para servir a mesa (*diakonia*), outros para levarem o evangelho em outros lugares (evangelistas), e outros para tomarem conta de um rebanho (*poimen*). Alguns foram chamados para trabalhar com crianças, um grande trabalho dentro do reino, outros com a mocidade, outros com adolescentes, essas tarefas não deve funcionar como promoções (você começa com as crianças e se for um bom líder infantil será promovido para trabalhar com adolescentes)

como se uma tarefa fosse superior à outra ou mais honrosa. Dentro do reino todos os serviços são honrosos, afinal foi Deus que nos constituiu.

Quando se trata de liderança, seja em qual departamento for a chamada é imprescindível, quando assumimos determinada função sem a aprovação de Deus a Igreja sofre. Por isso, antes de mais nada, precisamos entender para o quê fomos chamados. Qual é a minha chamada?

Infelizmente existem pessoas que não tem noção de sua chamada e ficam insistindo em algo que não tem qualidades necessárias para realizar, por isso se não fui chamado para determinado trabalho não devo lutar para me qualificar e sim procurar saber qual é o meu chamado específico, afinal todos foram chamados para algo.

E quando descobrimos realmente qual a nossa chamada devemos entender com qual intuito devo trabalhar. Tem muita gente que trabalha para ganhar reconhecimento, agenda ou posições “maiores”, quando isso acontece não estamos levando em consideração o porquê de ter sido chamado.

Somos chamados não para sermos honrados e glorificados por homens, somos chamados para servir ao próximo e à igreja e não para sermos servidos, Paulo deixou claro quando escreveu sua carta para os Efésios que os dons ministeriais devem ser exercidos para o aperfeiçoamento dos santos e para a edificação do corpo de Cristo, a fim de que todos cheguemos à unidade da fé e à estatura de homens perfeitos em Cristo Jesus.

O chamado para liderança é o que o líder deve ter em primeiro lugar, não adianta ler bons livros, participar de grandes seminários, nem ser um bom gerente, precisamos ser chamados por Deus para essa tarefa tão delicada que é servir a igreja.

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- 1) O que podemos aprender quando entendemos a “não liderança”?
- 2) Quando um líder tem necessidade de exigir, quais são as consequências?
- 3) Porque é tão importante definir metas?
- 4) O que deve nortear a lista de prioridades de um projeto?

## 4

## ASPECTOS ESSENCIAIS DE UMA LIDERANÇA CRISTÃ

### 4.1 O LÍDER QUE INFLUENCIA

Influência é tudo que um bom líder deve exercer sobre os seus liderados, pois trabalhamos com pessoas para atingirmos um alvo, a grande questão é que muitos que ocupam a posição de líder não influenciam seus subordinados, antes fazem com que tenham medo e realizem suas tarefas não por vontade própria e sim por pressão; o resultado são pessoas descontentes trabalhando sem vontade, o serviço não rende, além de criar um péssimo ambiente de relacionamentos. Em se tratando de liderança cristã não é diferente, hoje em dia temos muitos líderes de igrejas que exercem muito esse papel, a ponto de se sentirem donos da vida das suas ovelhas, e sendo assim eles ditam o que a pessoa deve usar, o que deve comer, aonde devem ir, com quem devem andar sob a ótica da exclusão, ou seja, o membro deve fazer tudo que o “líder manda”, caso contrário será excluído da Igreja e estará em rebeldia. Enfim, o que acontece hoje é um grande abuso por parte de líderes mal orientados acerca do que realmente significa ser de fato um líder.

As pessoas não devem nos seguir ou fazer aquilo que pedimos por medo ou pressão, e sim por livre e espontânea vontade, dessa forma as atividades são realizadas com sucesso, por isso o ato de influenciar pessoas é tão importante.

Podemos definir influência da seguinte forma: (1) ação que uma pessoa ou coisa exerce sobre a outra. (2) Prestígio, preponderância. (3) Autoridade moral. A influência é transmitida pelo carisma do líder, pela forma com que ele age, toma decisões, se comunica, as pessoas gostam de seguir quem elas admiram, portanto a melhor forma de liderar não é exercendo o poder sobre os homens e sim a capacidade de influenciar pessoas para cumprirem os objetivos propostos; esse esquema de liderança com base na influência moral foi o mesmo método utilizado por Jesus aos seus discípulos. Em nenhuma parte da Bíblia veremos o mestre mandando e desmandando, pelo contrário o Senhor Jesus influenciava os homens pelo seu carisma. Ao chamar os doze para serem seus discípulos não os ordenou sob pena de condenação eterna, ou fazendo grandes promessas, também não os atraía por sua elegância e riquezas, Jesus foi o maior líder que já existiu, ele conseguia atrair pessoas para si com uma única sentença “Vem e me segue”. Ninguém conseguia dizer não, ele não era rico nem oferecia facilidades, porém todos o seguiam por onde ele ia, as pessoas obedeciam a sua palavra não por medo, mas confiantes de que tudo que ele falava era verdade. Jesus conseguiu influenciar pessoas no mundo inteiro, por isso ele é o maior líder que já existiu.

### 4.2 AUTOLIDERANÇA

A capacidade de autoliderar-se constitui a condição básica para liderar os outros. Frequentemente se subestima a importância da autocondução, o trabalho sobre si mesmo. Preferimos exigir que os outros se modifiquem: o líder, os colaboradores, a política, o estado.

Quando falamos de autoliderança abrangemos um contexto bem amplo, tal como: organizar seu tempo, sua agenda, sua alimentação, seu desenvolvimento emocional, profissional e até mesmo espiritual.

Melhorar continuamente, essa é a razão de autoliderar-se, o verdadeiro líder não é aquele que somente exige dos outros, mas aquele que reconhece e exige de si mesmo um melhor desempenho.

A autoliderança é fundamental na vida de cada líder, pois lideramos os outros não segundo as técnicas que aprendemos na faculdade, no seminário ou na igreja, lideramos os outros segundo aquilo que somos, e aquilo que acreditamos. Portanto, o desenvolvimento de uma boa liderança está intrinsecamente relacionado ao meu próprio desenvolvimento, o desenvolvimento da minha consciência.

Paulo exorta os cristãos da seguinte forma: “E não vos conformeis com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2). O conselho de Paulo para a igreja de Roma é que, através do Espírito Santo, os cristãos experimentem uma transformação em sua vida; a princípio a proposta do evangelho não é transformar o mundo inteiro, e sim agir na vida de pessoas; talvez nunca conseguiremos fazer com que as pessoas ao nosso redor mudem seus comportamentos, talvez nunca conseguiremos pregar a palavra e acompanharmos uma metamorfose em nossos familiares, amigos, vizinhos, companheiros de trabalho, enfim, mas se o evangelho conseguir mudar a mim mesmo podemos dizer que o reino está avançando; não devemos cobrar dos outros uma mudança, devemos entender que o evangelho em primeiro lugar quer transformar a minha vida. E isto também faz parte da autoliderança, o papel de cada líder é sim de conduzir pessoas a um determinado objetivo, porém não podemos nos esquecer que para conduzir nossos liderados precisamos compreendê-los, amá-los, respeitá-los, do contrário jamais teremos sucesso na caminhada de líderes, e para conseguirmos concluir tais objetivos é necessário que observemos quem realmente somos, e quais são os nossos valores, precisamos nos autodisciplinar para conseguirmos a atenção e o respeito dos nossos liderados, somente assim seremos verdadeiros líderes.

### 4.3 GOVERNAR BEM A PRÓPRIA CASA

Uma das principais características requerida pela Bíblia para um líder é exatamente essa “O líder deve primeiramente liderar bem a sua própria casa”. Paulo exorta Timóteo sobre quais são as características que um bispo (pastor) deve possuir, uma delas é essa: “Que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?” (1 Tm 3;4-5) “Os diáconos sejam maridos de uma só mulher, e governem bem a seus filhos e suas próprias casas.” (1Tm 3;12).

A família foi a primeira instituição divina, Quando falamos de família, pensamos logo em uma estrutura composta de: marido (Gn 3.6), esposa (Gn 3.12), e quando possível com filhos(as) (Gn 3.16). A estrutura familiar foi criada por Deus (Gn 2.21-22), e quando formamos família, isso implica cuidados pessoais e responsabilidades individuais de cada parte para o bom desenvolvimento da família. (Ef 6.1-4), (5.22-33). É muito comum hoje em dia muitos casos de homens, mulheres ou filhos que são pessoas de respeito nas comunidades, exercem grandes papéis, têm muito prestígio, mas infelizmente dentro de casa as coisas se invertem, é um anjo dentro da igreja, e um demônio dentro de casa. O testemunho cristão não deve ser exercido somente na rua com as pessoas, ou através das mensagens que pregamos, antes o verdadeiro testemunho e o melhor e mais eficiente é o testemunho que damos aos da nossa casa. Uma família bem estruturada gera também uma Igreja de alto impacto na sociedade, uma família desestruturada gera uma Igreja fraca; o grande problema é que pessoas como as que citamos são uma coisa na Igreja e outra em casa têm um sério problema de identidade, não consegue ser uma pessoa só em todos os lugares, dependendo do ambiente em que ela estiver se comportara de uma forma diferente, quando agimos assim, enviamos a seguinte mensagem: “Ainda não fui transformado”. Não devemos pensar que porque somos usados por Deus, possuímos vários dons espirituais, temos grande prestígio dos outros, ou porque Deus tem prosperado e abençoado nossas vidas de várias maneiras, que por essas causas Deus está contente conosco e não precisamos mudar a nossa forma de viver e agir, nos conformarmos com a situação, lembramos que possuir dons ou qualquer outra característica não nos qualifica como verdadeiros cristãos. A igreja de Corinto tinha esse problema, em 1Co 1.7.

Paulo declara que os corintos não tinham falta de nenhum dom espiritual, no entanto, no capítulo 3 versículo 1 Paulo declara que os cristãos de Corinto são carnis. Isso parece um grande paradoxo, não é? Como pode uma Igreja ou uma pessoa ter todos os dons do Espírito Santo e mesmo assim ser uma pessoa carnal? Simples ter dom não nos qualifica como cristãos, não é porque Deus nos usa que ele se agrada dos nossos comportamentos, nossa atitude deve refletir as atitudes de Cristo, não devemos nos conformar com sinais, Jesus disse que no último dia muitos dirão “Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome

não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.” (Mt 7; 22-23).

O cuidado com a família deve vir em primeiro lugar, antes mesmo da Igreja, Paulo diz que se a pessoa não sabe governar a própria casa também não governará bem a casa do Senhor. Existe muitos pastores que são extremamente zelosos com a Igreja, mas que deixam a desejar na vida familiar, ele se doa com tanta intensidade na “obra do Senhor” que nunca tem um tempo para sair com a esposa, almoçar num lugar diferente, passear com os filhos e se tornar amigo deles, infelizmente a maioria dos problemas entre pais e filhos consiste exatamente nesse aspecto, não conseguimos ganhar a amizade dos nossos filhos, em vez disso exercemos uma autoridade déspota com as crianças, as consequências disso vemos em sua adolescência e juventude.

Se quisermos ter sucesso e exercer com excelência o chamado à liderança devemos ter como prioridade o bem-estar de nossa família e da nossa casa, dessa forma podemos até não ganhar muitas pessoas para o reino de Deus, mas seremos fiéis entregando o grande depósito que ele nos concedeu chamado família.

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- 1) Como podemos definir o termo “influência”?
- 2) Qual é a condição básica para liderar os outros?
- 3) Cite os textos que Paulo trata sobre as qualificações do líder cristão.

## 5

## COMO SER UM LÍDER LIDERADO

A principal lição que aprendemos de Jesus sobre liderança é que ser líder está intimamente ligado ao serviço ou ao servir, Jesus foi um líder que entendia sua posição não como chefe, ou como aquele que deve ser servido pelos outros, pelo contrário seu modo de liderar abala muitos de nossos conceitos; almejamos a liderança como uma forma de ficar de braços cruzados enquanto outros nos servem, Jesus ensinou e personificou a liderança como serviço, algo incompreensível com o conceito de liderança em um mundo tão competitivo como o nosso.

Ele jamais serviu a si mesmo, antes, tudo que fazia, fazia como um homem a serviço de uma missão, observemos todas as narrativas dos evangelhos onde Jesus se coloca como servo do Pai (Mt 26;39, Jo 4;34, Jo 6;38).

### 5.1 A BUSCA PELO PRIMEIRO LUGAR

“Quando por alguém fores convidado às bodas, não te assentes no primeiro lugar; não aconteça de que esteja convidado outro mais digno do que tu; E vindo o que te convidou a ti e a ele, te diga: Dá o lugar a este; e então, com vergonha, tenhas de tomar o derradeiro lugar.

Mas, quando fores convidado, vai, e assenta-te no derradeiro lugar, para que, quando vier o que te convidou, te diga: Amigo, sobe mais para cima. Então terás honra diante dos que estiverem contigo à mesa.

Porquanto qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado” (Lc 14; 8-11).

É natural hoje em dia no meio dos líderes cristãos uma busca insaciável pelo primeiro lugar; muitos querem de qualquer forma se assentar nos púlpitos no meio dos “grandes” homens de Deus, nas grandes convenções e congressos, muitos centralizam sua vida em obter elogios por parte dos outros. Assim como acontecia na época de Jesus era muito comum esse espírito competitivo na busca pelos lugares mais proeminentes nos banquetes, com o intuito de ter algum tipo de reconhecimento por parte do dono da festa; Jesus alerta contra essa prática comum nos círculos judaicos, pois sempre quando alguém tenta se projetar ou se atirar para o sucesso acaba muitas vezes tendo uma queda brusca, ou acaba sendo humilhado diante dos homens.

Esse princípio que Jesus alerta seus discípulos tem um caráter ainda maior do que simplesmente evitar a vergonha diante da multidão, o que o Senhor quer transmitir aos seus seguidores é que o verdadeiro líder cristão não deve de maneira nenhuma achar que o estar sentado à mesa principal nos qualifica como melhores do que os que estão a serviço da mesa. Muitas vezes nós líderes nos esquecemos que o verdadeiro lugar da liderança cristã é no meio da multidão, não na mesa principal.

Os que seguem o modelo de liderança ensinado por Jesus não devem pensar que os que ocupam um púlpito são de alguma forma superiores ou mais dignos de honra do que aqueles que estão no meio da multidão.

O chamado à liderança não está relacionado com posição, e sim com serviço, infelizmente muitos líderes preferem os primeiros lugares, em vez de estar no meio do povo, essa mentalidade tem permeado nossas igrejas, parece que aquele que ocupa uma posição ou tem um título ministerial é mais homem de Deus do que aqueles que estão lá em baixo no meio da multidão; o que a Igreja precisa entender é que Deus nos chamou para servir-mos ao reino e ao próximo, a mesa principal deve ser opcional, não devemos pensar que estar no meio de pessoas desconhecidas é vergonhoso, pelo contrário, devemos nos sentir honrados, pois isso é sinal que podemos ainda prestar serviço para o Rei dos Reis, e que nosso mestre nunca fez questão de buscar o primeiro lugar, nem a mesa principal nos banquetes, sua companhia não era os grandes mestres e nem os líderes religiosos. Se o próprio Jesus não fez questão desse tipo de grandeza, por que será que nós, seus discípulos, vivemos correndo atrás disso?

A obra do Senhor não precisa de pessoas que ocupem posições ou títulos, precisa de homens e mulheres que não se preocupam com isso, mas sim em ver a Cristo formado em cada um desses pequeninos.

Humildade é a palavra chave que Jesus quer nos ensinar nessa passagem; o grande problema do lutar para ocupar o primeiro lugar, porque quando centralizamos nosso desejo na mesa principal nos esquecemos do servir, mantemos nossa atenção fita na primeira possibilidade de chegar mais perto de alguém importante, e nos esquecemos do que realmente é importante, servir. Essa atitude infelizmente tem gerado muitos problemas, porque quando se olha para a posição de líder com esses olhos faz com que todos a almejem, e nesse desejo desenfreado de se tornar líder para ter uma posição de destaque esquecemo-nos do fator chamada.

## 5.2 A TOALHA E A BACIA

“Levantou-se da ceia, tirou as vestes, e, tomando uma toalha, cingiu-se.

Depois deitou água numa bacia, e começou a lavar os pés aos discípulos, e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido.

Depois que lhes lavou os pés, e tomou as suas vestes, e se assentou outra vez à mesa, disse-lhes: Entendeis o que vos tenho feito?

Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou. Ora, se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. Na verdade, na verdade vos digo que não é o servo maior do que o seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou. Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes.”(Jo 13; 4-5, 12-17).

Temos nessa passagem a grande lição de liderança por parte de Jesus; Jesus estava na sua última semana de vida aqui na Terra, sua hora estava chegando, alguns momentos antes de eles cearem Jesus teve uma atitude que deixou todos estupefatos: O grande Mestre, o homem que os escolheu para serem seus seguidores, pegou em suas mãos uma bacia com água e uma toalha; a princípio ninguém desconfiava do que se tratava, de repente Jesus arregança as mangas, se agacha até os discípulos e começa lavar-lhes os pés.

Por essa com certeza ninguém esperava, todos ficaram escandalizados, afinal era comum essa prática naquela época, mas de forma contrária, os empregados lavarem os pés de seus senhores.

Após o término dessa estranha atitude, Jesus se levanta e deixa bem claro que no Reino de Deus as posições se invertem. Era comum o empregado lavar os pés do seu senhor, mas no Reino de Deus as posições se invertem; O senhor é que tem por obrigação lavar os pés de seus servos. Ele conclui essa linda cena dizendo que assim como ele sendo senhor lavou os pés dos discípulos, também cada um de nós devemos fazer isso uns com os outros.

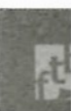
Para compreendermos melhor a dimensão dessa atitude, devemos entender sobre o que era o lava-pés: Os peregrinos percorriam uma longa distância pelas estradas empoeiradas da Palestina, quando chegavam a uma determinada casa o anfitrião ficava incumbido de fornecer água para lavagem de seus pés como sinal de hospitalidade. Contudo, desatar as sandálias e pessoalmente lavar os pés de outra pessoa era considerado servil, ficando essa responsabilidade para criados não judeus (o escravo judeu não tinha essa obrigação), esposas ou filhos submissos.

Jesus está se colocando literalmente em uma posição inferior a todos ali sentados à mesa, até mesmo a Judas o traidor. A disposição de Jesus em lavar os pés dos seus discípulos contraria tudo que aqueles homens conheciam; Cristo o filho de Deus que é o próprio Deus encarnado, o Todo-Poderoso, desce à Terra e torna um homem como nós, e lava os pés de homens como Pedro, João e Judas Iscariotes.

Essa realmente é a maior prova de humildade por parte de um líder. Paulo nos dá um conselho muito interessante:

“De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens;

E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz.”  
(Fp 2; 5-8).



A atitude de Jesus nos constrange, afinal, o nosso Mestre lavou os pés dos discípulos e ordenou que devemos fazer assim também com os outros. Esse é um conceito de liderança exigido por Jesus aos seus seguidores; aquele que foi chamado para liderar jamais deve se colocar acima de seus liderados; na perspectiva do Reino aquele que recebe um dom não tem privilégio sobre os demais, pelo contrário, na perspectiva do Reino o dom é uma ferramenta não uma premiação, ferramenta serve para executar serviço, portanto todos que receberam dons de da parte de Deus devem sair da zona de conforto, abrirem mão das suas exigências e entenderem que Deus nos chamou para trabalharmos a fim de que o bom perfume de Cristo seja espalhado pela face da Terra.

Nessa nova perspectiva de liderança enxergamos quem são os verdadeiros líderes dentro do reino; hoje em dia é comum até mesmo dentro das igrejas pessoas abusarem de sua autoridade, mandando e desmandando, colocando medo e distribuindo desconfiança no meio do povo. O verdadeiro líder cristão transmite confiança e segurança ao povo, pois ele não busca seus próprios interesses, ele é um líder assim como Jesus que cinge os lobos e vai lavar os pés até mesmo daquele que o traiu ou vai trair, o verdadeiro líder não olha para o rebanho com perspectiva de conseguir alguma coisa, mas olha como pessoas que Deus colocou em suas mãos para servir-lhes e entregar a sua vida por elas, para que o nome do Senhor seja glorificado.

### 5.3 SEJA PRIMEIRO UM SEGUIDOR

Jesus chamou os discípulos para segui-lo. Eles só se tornaram líderes depois que Jesus lhes deu poder para liderar; ele os capacitou e insistiu que primeiro o seguissem (Mt 8; 22, 9; 9, Mc 10; 21).

Jesus ao chamar os doze não prometeu que eles seriam líderes futuramente, Jesus os chamou para serem seguidores. O seguir constitui uma peça fundamental na vida do líder cristão. Quando falamos em ser um seguidor primeiramente é porque só podemos ser líderes se tivermos uma chamada específica para isso. Se esta chamada realmente existir, devo entender que antes que ela se cumpra devo compreender qual é a proposta final desse chamado para mim; Deus não chama pessoas simplesmente para tirar-lhes da desocupação e lhe dar uma tarefa só para não nos sentirmos desprezados. Deus nos chama para uma missão, entender qual missão irei realizar com esse chamado que tenho é a proposta de ser um seguidor.

Isto é uma peça-chave no ministério porque tem muita gente que recebeu um chamado e está exercendo a função de maneira e no lugar errados. Devemos entender qual é a proposta de Deus para nós. Onde ele quer que realizemos essa tarefa? Com que grupo de pessoas devo trabalhar? Quando decidimos seguir a Cristo primeiramente, essa tarefa se torna mais clara e específica.

Nós que temos a ambição de liderar, muitas vezes concordamos com tudo o que garanta um lugar de liderança. Procuramos naturalmente posições de poder a fim de comandar outros e compartilhar as vantagens da posição. Os ensinamentos de Jesus sobre liderança não apoiam tais esforços e desejos humanos. Jesus ensina que aprendemos liderar ao aprender a seguir. A verdadeira liderança é cultivada no Espírito de Cristo, seguindo Jesus. Não é comandando outros que nos tornamos líderes, e sim obedecendo ao Senhor.

“Obediência e paciência” são as palavras-chave nesse tópico. Esse conceito já não faz muito sentido em nossas igrejas, hoje o que vale é imposição, a pessoa que se estabelece acaba sendo escolhida, dentro do Reino de Deus a obediência a Cristo é a base de nosso relacionamento com Deus. A palavra discípulo em grego é o termo “*maqth,ō*” (*mathetes*), literalmente “aprendiz”, derivado de “*manthano*”, “aprender” que indica pensamento acompanhado por esforço, por conseguinte denota “aquele que segue os ensinamentos de alguém”.

Jesus nos chamou assim como primeiramente chamou os doze para sermos seus discípulos, literalmente seus “aprendizes”, logo discípulo de Jesus não são todos aqueles que se dizem tal, antes aqueles que obedecem à voz do mestre.

Só nos tornamos líderes autênticos quando nos despimos do nosso ego e das nossas projeções para aceitar passivamente a vontade daquele que nos chamou.

A segunda palavra, “paciência”, é o que falta em muita gente, e também é o motivo pelo qual muita coisa errada acaba acontecendo. O antônimo de paciência é “pressa” e o que mais encontramos no meio evangélico são pessoas que têm um chamado, porém não conseguem aguardar o momento certo, querem que Deus faça tudo

o mais rápido possível. Nessa impaciência muita gente acaba se vendendo para obter uma posição ou um título; muitos se autodenominam com títulos extravagantes a fim de saciar seu próprio eu.

Nossa atitude deve ser como a de Davi, que recebeu a promessa e foi ungido como rei com dezessete anos, mas só foi oficialmente rei catorze anos depois. Davi não procurou atalhos; ele poderia muito bem ter chegado ao poder bem antes, mas confiou em Deus e entregou seus caminhos para ele; essa deve ser também nossa atitude, muitos não conseguem aguardar que Deus os faça chegar onde ele quer que cheguemos, mas tenhamos um coração como de Davi, manso e paciente.

#### 5.4 A CONSCIÊNCIA DO ACERTO DE CONTAS

Somos despenseiros de Deus, responsáveis por Ele pelo uso apropriado do tempo e das oportunidades, capacidades e posses, e das bênçãos da Terra e seus recursos, que Ele colocou sob o nosso cuidado.

A mordomia é um privilégio que Deus nos concede a fim de desenvolvermos o Amor de Deus dentro desse mundo. A palavra “mordomo” no português vem do latim “majordomus”, que tem o mesmo significado do grego “oikono,moō” “oikonomos” (vem de *oikos*-casa, e *nomos*, governo). *Major*, em latim, é maior ou principal, e *domus*, casa, a casa com tudo que ela contém e significa. Assim, mordomo é o principal servo, o que administra a casa do seu senhor, o mordomo administra os bens de outro.

Logo, o conceito de mordomia cristã é o reconhecimento da soberania de Deus, a aceitação do nosso cargo de depositários da vida e das possessões, e a administração destas de acordo com a vontade de Deus.

Entendemos que Deus é dono de tudo e de todos, e nos colocou nesse mundo para administrarmos a sua criação.

Em se tratando de liderança cristã, é muito importante a compreensão dessa doutrina bíblica. Como já mencionado acima o mordomo é uma pessoa de autoconfiança, que tem a responsabilidade de administrar toda a casa do seu senhor; temos o exemplo de Eliezer servo de Abraão (Gn 24; 2) e também de José filho de Jacó que era mordomo de Potifar (Gn 39; 4-6). Deus, ao criar o mundo, delegou a Adão a responsabilidade de administrar a Terra “E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra.” (Gn 1; 28). “E tomou o SENHOR Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar” (Gn 2; 15).

A terra pertence ao Senhor. “Do SENHOR é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam.” (Sl 24; 1). Foi ele quem a criou. “No princípio criou Deus os céus e a terra” (Gn 1; 1).

Deus criou tudo que existe no mundo, também criou o homem a sua imagem e semelhança (Gn 1; 27), após criar a terra e o ser humano, Deus confiou sua criação nas mãos do homem para que ele pudesse cuidar dela; entendendo que Deus não abandonou o mundo nas nossas mãos, antes fez dos seres humanos seus mordomos. É interessante entendermos que, depois da queda, o homem se rebelou contra seu criador e quis se apossar da Terra, transformando o mundo em um verdadeiro caos. Cristo se encarnou e desceu até o nosso mundo para colocar ordem no caos. Jesus veio a Terra em primeiro lugar para resolver o problema do relacionamento do homem com Deus, afinal, a partir do momento que o homem entrou em rebelião, esse relacionamento foi afetado; Jesus veio nos reconciliar com Deus.

Em segundo lugar Cristo veio para colocar ordem no “cosmos”. Quando o homem pecou, diz a Bíblia que até mesmo a criação foi afetada “E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo.” (Gn 3; 17-18).

Como revela o texto acima a terra foi afetada por causa do pecado. E as consequências disso são reveladas no decorrer da história humana, porém Jesus, além de reestabelecer a paz entre o homem e Deus, também veio colocar ordem na terra. “Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus.

Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou. Na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora. E não só ela,



mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo.” (Rm 8; 19-23).

O homem foi um servo mau e negligente, que usufruiu de maneira inapropriada dos bens do seu Senhor. Interessante que Deus não guardou rancor da humanidade e resolveu nos dar uma segunda chance de mostrar serviço.

Para isso Jesus teve de pagar o preço pelos nossos pecados, e através de Jesus um novo grupo de pessoas foram escolhidas para dar continuidade à obra de Cristo aqui na terra; esse novo grupo é a “igreja”. Fomos chamados e escolhidos por Deus para refletirmos os valores do Reino, Deus nos escolheu para sermos seus mordomos, a Igreja tem por responsabilidade cuidar e zelar de tudo que Deus criou.

Portanto nós, “igreja”, temos tamanha responsabilidade, cuidar dos bens de nosso Senhor.

### CARACTERÍSTICAS DISTINTAS DO MORDOMO CRISTÃO

- a) Aceita Cristo como o Senhor (Mt 6.33)
- b) Reconhece que Deus é o legítimo dono de tudo (Sl 24.1, Dt 10.14)
- c) Esforça-se por descobrir o propósito de Deus para o uso adequado de cada bem que possua (Lc12:42, 43).
- d) Segue os propósitos de Deus em toda a sua maneira de viver:
- e) Reflete o controle de Cristo na aquisição de bens;
- f) Dá testemunho do seu amor a Cristo através do uso dos bens materiais (Rm 10.13, Mc 12.41-44). Isso tudo é um grande privilégio. Sermos mordomos do Senhor, administrar os bens do nosso Deus, no entanto, nos lembremos do tamanho da responsabilidade que está em nossas mãos, afinal hoje administramos suas propriedades, mas chegará o dia em que ele voltará e pedirá conta de nossa mordomia (Mt 21; 33-42, 25; 14-30).

Chegará o dia do acerto de contas, Deus pedirá conta de tudo que fizemos com o que ele nos deu: nosso corpo, nosso tempo, nossas posses, nossos bens, nossos talentos, nossos dons e nossas responsabilidades ministeriais. Todos que lideram um grupo de pessoas, seja com duas ou com duas mil, seja de crianças ou uma grande igreja, todos nós daremos contas a Deus da vida dessas pessoas. Esforcemo-nos para que naquele dia sejamos achados como mordomos fiéis e entreguemos tudo que ele nos confiou com muito amor e carinho e com muitos frutos.

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- 1) Com que a liderança está intimamente relacionada?
- 2) Quem ficava incumbido de lavar os pés dos viajantes?
- 3) Dentro da perspectiva do Reino, o que é um dom?
- 4) Qual a origem do termo “mordomo”?
- 5) Qual a função de um mordomo?

## CONCLUSÃO

“Esta é uma palavra fiel: se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja.” (1 Tm 3; 1). Almejar uma função (não posição) dentro do Reino é uma coisa muito boa segundo Paulo, porém não podemos ler esse texto isoladamente, devemos ler todo o capítulo três para entendermos que é muito bom exercer funções dentro da Igreja, porém Paulo Alista uma série de requisitos que o Bispo (literalmente aquele que exercia liderança em uma comunidade) deve possuir: “Convém, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma mulher, vigilante, sóbrio, honesto, hospitaleiro, apto para ensinar;

Não dado ao vinho, não espancador, não cobiçoso de torpe ganância, mas moderado, não contencioso, não avarento;

Que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia (Porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?);

Não neófito, para que, ensoberbecendo-se, não caia na condenação do diabo. Convém também que tenha bom testemunho dos que estão de fora, para que não caia em afronta, e no laço do diabo.”

Exercer a função de líder dentro da igreja de Cristo é uma responsabilidade enorme, estamos liderando pessoas que são amadas por Deus; no dia do acerto de contas seremos cobrados pelas nossas coisas, mas em se tratando de pessoas a cobrança será ainda maior. Sigamos o conselho que o apóstolo Pedro deixou em sua epístola no capítulo cinco: “Aos presbíteros, que estão entre vós, admoesto eu, que sou também presbítero com eles, e testemunha das aflições de Cristo, e participante da glória que se há de revelar:

Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto;

Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho. E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa da glória.” (1 Pe 5; 1-4).

## BIBLIOGRAFIA

ASSLÄNDER, Friedrich; GRUN, Anselm. *A Arte de Ser Mestre de Si Mesmo Para ser Líder de Pessoas*. Lisboa: Editora Vozes, 2008.

BETESDA, Faculdade Teológica. *Curso de Vocação Ministerial*. São Paulo: Editora Betesda, 2008.

BRINER Bob; PRITCHARD, Ray. *Lições de Liderança de Jesus*. Campinas: Editora United Press, 2000.

FOSTER, Richard J. *Celebração da Disciplina*. São Paulo: Editora Vida, 1983.

HUNTER, James C. *O Monge e o Executivo*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2005.

NOVO Testamento Grego com Introdução em Português e Dicionário Grego-Português. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

SMALLING, Roger L. *Liderança Cristã-Princípios e prática*. 15 de Março 2005.

WILKES, Gene C. *O Último Degrau da Liderança*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1999.

# faculdade teológica betesda

## Moldando vocacionados

### AVALIAÇÃO - MÓDULO IX

### LIDERANÇA CRISTÃ

1. Com que função geralmente a liderança é confundida?
2. Qual a diferença entre gestão e liderança?
3. O que podemos aprender quando entendemos a “não liderança”?
4. O que deve nortear a lista de prioridades de um projeto?
5. Qual é a condição básica para liderar os outros?
6. Explique o serviço como modo de liderança?
7. Explique com suas palavras o que você entendeu sobre mordomia cristã.
8. Qual a origem do termo “mordomo”?
9. Cite 5 características distintas de um mordomo cristão.
10. Em sua opinião, como devemos proceder com os bens que o senhor nos confiou?

**Caro(a) aluno(a):**

- Responda cada questão acima em folhas pautadas (com linhas) em letras de forma ou digite no computador, se preferir enviar por *e-mail*.
- Envie-nos as avaliações deste módulo todas juntas, de acordo com as regras gerais (p. 3-5):

Pelo correio: CAIXA POSTAL 12025 - CEP 02013-970 - SÃO PAULO-SP  
Por *e-mail*: [plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br](mailto:plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br)

- Em caso de dúvida, ligue para o Serviço de Atendimento ao Aluno (SAA).

# LÍNGUA GREGA I

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	469
1. HISTÓRIA DA LÍNGUA GREGA.....	470
2. O GREGO <i>KOINÊ</i> .....	472
3. CARACTERÍSTICAS DA LÍNGUA GREGA.....	473
4. O ALFABETO.....	474
5. O ALFABETO DO <i>ALFA</i> AO <i>ÔMEGA</i> .....	475
6. DEFINIÇÕES GERAIS.....	499
7. ARTIGOS.....	501
8. DECLINAÇÕES E CASOS.....	502
9. ALGUMAS PALAVRAS.....	504
10. TEXTO BÍBLICO.....	506
BIBLIOGRAFIA.....	507
AVALIAÇÃO.....	508

## INTRODUÇÃO

A respeito do valor de estudar o grego do Novo Testamento, Martinho Lutero escreveu:

“Ainda que o Evangelho tenha chegado até nós através do Espírito Santo, é inegável que tenha vindo também por meio de idiomas, e tenha sido conservado e divulgado valendo-se deles. Tanto quanto apreciamos a Palavra de Deus, tanto devemos nos esforçar também por aprender esses idiomas. Porque não foi em vão que Deus decidiu transmitir as suas Escrituras nessas duas línguas: o Antigo Testamento em hebraico e o Novo Testamento em grego. Se Deus não desprezou esses idiomas, mas os escolheu dentre todos os outros, para que neles fosse escrita a Sua Palavra, também nós deveríamos honrá-los acima de todos os outros.”

Estas palavras são dignas de serem consideradas por todos aqueles que apreciam a Palavra de Deus.

# HISTÓRIA DA LÍNGUA GREGA

A língua grega é um dos membros da grande família de línguas indo-europeias, que se estende por quase toda a Europa e parte da Ásia, particularmente o Irã e parte da Índia. A essa família pertencem, além do grego, outras grandes línguas culturais como o sânscrito e o latim, assim como o armênio, o germânico, o báltico, o eslavo, o albanês e diversas outras línguas menores. O desenvolvimento da língua grega pode ser dividido em cinco períodos:

## 1. Pré-homérico (das origens até 1000 a.C)

Infelizmente, por causa da falta de literatura remanescente, sabemos muito pouco desse período da língua grega.

## 2. A era dos dialetos ou período clássico (1000 a.C - 330 a.C)

A geografia e a política (cidades-estado independentes) fizeram com que o grego se fragmentasse em vários dialetos, sendo que quatro desses predominaram. Há hoje pouca literatura remanescente de outros dialetos.

Os principais dialetos foram:

*Eólico*: cujo material existente é somente poético, (Safo).

*Dórico*: também com remanescente poético, sendo seus maiores representantes os poetas Píndaro e Teócrito.

*Jônico*: encontrado em Homero, Hesíodo, Heródoto e Hipócrates.

*Ático*: o dialeto de maior influência. O dialeto ático, falado em Atenas entre 500 e 330 a.C e também chamado de “Grego Clássico”, deriva do antigo dialeto jônico e foi utilizado por alguns dos mais importantes autores gregos, entre eles Tucídides, Eurípides, Platão e Demóstenes.

## 3. O Grego Koinê (330 a.C- 330 d.C)

O Koinê nasceu das conquistas de Alexandre, o Grande. Na confederação das tribos (Atenas e outras cidades gregas), sob sua direção, houve uma miscigenação que, inevitavelmente suavizou a aspereza de alguns dialetos e destituiu outros de sua importância tribal. Após esse feito, as cidades e as colônias conquistadas aprenderam esse grego miscigenado como segunda língua. No primeiro século d.C, o grego era a língua franca de todo o Mediterrâneo, circunvizinhança e outras regiões distantes. Visto que a maioria desses povos helenizados aprendera essa modalidade grega como segunda língua, isso favoreceu tanto a perda de sutileza do idioma propagado pelas incursões de Alexandre, como a busca de mais clareza no uso do novo idioma mundial; este era o grego usado na palestina na época de Jesus Cristo, e também que foi escrito o Novo Testamento, este será objeto de nosso estudo.

## 4. O Grego Bizantino, ou Medieval (330 d.C- 1453 d.C)

O Koinê evoluiu para o Grego bizantino após a conversão de Constantino; ao revogar o edito de Diocleciano contra os cristãos. Constantino deu à língua um colorido religioso, nascia o grego eclesiástico. Após a divisão do império romano, a preservação da cultura grega, e com ela, da língua acontecia principalmente em Bizâncio e na Ásia Menor, muito mais do que na própria Grécia. A língua de uso comum naquele período é conhecida pelo nome de “grego bizantino”, uma continuação do Koinê. A ampla maioria dos manuscritos do NT grego foi copiada nessa “era bizantina”, que se estendeu até a queda de Bizâncio (Constantinopla) em 1453 d.C.

### 5. O Grego moderno (1453 d.C até hoje)

Historicamente também conhecido por Ρωμαίικα (Romaico), refere-se ao quinto estado de evolução da Língua grega isto é, as variedades do Grego falado no presente. Hoje, o Grego é falado por aproximadamente 17 milhões de pessoas, onde a maior parte se concentra na Grécia e no Chipre, e mas também por comunidades minoritárias, ou imigrantes, como em muitos outros países. O início do período da língua grega conhecida por “Grego Moderno” é simbolicamente atribuído à queda do Império Bizantino em 1453, embora rigorosamente se deva atribuir a sua gênese ao século XI.

Desde então, a língua permaneceu numa situação de diglossia, com dialetos regionais falados, que existiam conjuntamente com as formas arcaicas escritas. Notavelmente, esta situação durou até o século XX com uma versão reconstruída do grego antigo denominada Katharevousa. Atualmente, o Grego Moderno Padrão, uma forma padronizada de Demótico, é a língua oficial, tanto da Grécia como do Chipre.



## 2

O GREGO *KOINÊ*

Κοινή (Koinê) é o adjetivo feminino de Κοινός (koinos) “comum”, de onde deriva o termo Κοινωνία (Koinonia) “comunhão”. Portanto, o Koinê seria o “Grego Comum”; isto porque era a língua que o povo falava no seu dia a dia; foi o grego que (possivelmente) Jesus escutou na Galileia e em Jerusalém, o grego que Paulo usou para pregar em Atenas, Corinto e Roma, o grego que Apolo aprendeu em Alexandria. Era a língua dos instruídos, assim como a língua usada nas ruas e nos mercados; era a língua usada no comércio, tanto quanto na correspondência familiar.

É claro que nem todas as pessoas tinham o mesmo grau de instrução, de maneira que o domínio da língua variava de pessoa para pessoa. Isso também pode ser observado nos escritos do NT; Embora o grego do NT, em termos gerais, se assemelhasse mais ao grego popular, é possível observar uma linguagem mais culta em Lucas e no escritor da carta aos hebreus, enquanto a linguagem usada por Mateus, Marcos, e especialmente por João, tem características mais simples. Temos de lembrar que os escritores que Deus usou para escrever o NT eram judeus, com exceção de Lucas; estavam familiarizados com a vida religiosa judaica. Quando utilizavam o idioma grego faziam-no dentro de seu estilo, impregnando-lhe seus traços característicos. Além disso, estavam vivendo num mundo em que o grego Koinê também estava sofrendo influências do latim que se propagava pelo Império Romano. Pensando em tudo isso, não é de se surpreender que o grego do NT apresente vestígios de todas essas influências.

Deus utilizou um idioma riquíssimo para registrar a sua revelação. Valeu-se para isso de pessoas que tinham linguagem e estilo particulares, mas que eram todos homens de Deus, que falaram e escreveram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo (2Pe 1.21).

## 3

## CARACTERÍSTICAS DA LÍNGUA GREGA

Aprendemos na matéria de Hebraico (Módulo VII) que a sua forma de escrita é diferente daquela à qual nós estamos acostumados, escrevendo-se da direita para esquerda. Na língua grega, porém, voltamos para aquilo a que estamos acostumados na nossa cultura ocidental, de forma que as palavras são escritas normalmente da esquerda para a direita. Tomemos como exemplo uma das palavras mais conhecidas da língua grega:

Lê-se a partir daqui → Κύριος  
*Kurios*  
*Senhor*



## 4

## O ALFABETO

Ao conjunto de letras de um idioma convencionou-se chamar de “alfabeto”. Este nome deriva das duas primeiras letras do grego, vejamos:

<i>Maiúsculas</i>	<i>Minúsculas</i>	<i>Nome da letra</i>	<i>Transliteração</i>	<i>Pronúncia</i>
A	α	alfa	a	a em amor
B	β	beta	b	b em <u>B</u> íblia
Γ	γ	gama	g	g em ga <u>to</u>
Δ	δ	delta	d	d em <u>D</u> EUS
E	ε	épsilon	e	é em <u>f</u> é
Z	ζ	dzeta	z	z em <u>Z</u> ebulom
H	η	eta	e	e em <u>e</u> vangelho
Θ	θ	theta	th	no inglês <u>th</u> anks
I	ι	iota	i	i em <u>i</u> greja
K	κ	kapa	k	k em <u>k</u> ilo
Λ	λ	lambda	l	l em <u>L</u> ucas
M	μ	mi	m	m em <u>M</u> aria
N	ν	ni	n	n em <u>N</u> aum
Ξ	ξ	xi (ksi)	x	x em tá <u>x</u> i
O	ο	omicron	o	o em <u>L</u> ó
Π	π	pi	p	p em <u>p</u> ai
P	ρ	ro	r	r em <u>r</u> io
Σ	σς	sigma	s	s em <u>s</u> antidade
T	τ	tau	t	t em <u>T</u> iago
Υ	υ	upsilon	y ou u	u em <u>U</u> zias
Φ	φ	fi	f	f em <u>f</u> ilho
X	χ	ki	ch (qui)	c em <u>C</u> risto
Ψ	ψ	psi	ps	ps em <u>p</u> sicologia
Ω	ω	omega	o	o em <u>o</u> lô

5

## O ALFABETO DO ALFA AO ÔMEGA

Α α

Nome da letra: ALFA

É a primeira letra do alfabeto grego, tem som de “a”, como em amor.

ἀγάπη

Leitura: ágape  
tradução: amor

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as quatro linhas abaixo com a letra ALFA:

Α \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

α \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



B β

Nome da letra: BETA

É a segunda letra do alfabeto grego, tem som de “b”, como em Bíblia ou bondade.

βασιλεία

Leitura: basileia

Tradução: reino

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as quatro linhas abaixo com a letra BETA:

B \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

β \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

# Γ γ

Nome da letra: GAMA

É a terceira letra do alfabeto grego, tem o som de “g”, como em gato ou glória, e nunca como gentio ou gema (nunca tem som de j).

## γλῶσσα

Leitura: glossa  
tradução: língua

Curiosidade:

Quando a letra gama aparecer junto com as consoantes “c g k”, no meio de uma palavra, a primeira terá som de “n”; tomamos como exemplo a palavra “anjo”

Se escreve:

## αγγελος

Leitura: anguelos, e não aggelos.

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as quatro linhas abaixo com a letra GAMA:

G \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

γ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Δ δ

Nome da letra: DELTA

É a quarta letra do alfabeto grego, tem som de “d”, como em Deus ou Davi.

διακονία

Leitura: diakonía

Tradução: serviço ou ministério

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as quatro linhas abaixo com a letra DELTA:

Δ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

δ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



# Ε €

Nome da letra: ÉPSILON

É a quinta letra do alfabeto grego, tem som de “é”, como em fé ou José.

## Επίσκοπος

Leitura: episkopos

Tradução: bispo

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as quatro linhas abaixo coma letra ÉPSILON:

Ε \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

€ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Z ζ

Nome da letra: DZETA

É a sexta letra do alfabeto grego, tem som de “z”, como em Zebulom ou zebra.

ζωή

Leitura: zôe

Tradução: vida

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as quatro linhas abaixo com a letra DZETA:

Z \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

ζ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

# Η η

Nome da letra: ETA

É a sétima letra do alfabeto grego, tem som de “e”, como em Elias ou evangelho.

# ἦθος

Leitura: ethos

Tradução: costume

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as quatro linhas abaixo com a letra ETA:

Η \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

η \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Θ θ

Nome da letra: THETA

É a oitava letra do alfabeto grego, tem som de “th”, como em *thanks* no inglês. Não existe um equivalente em português.

Θεός

Leitura: Theós

Tradução: Deus

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as quatro linhas abaixo com a letra THETA:

Θ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

θ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

# I ι

Nome da letra: IOTA

É a nona letra do alfabeto grego, tem som de “i”, como em igreja ou índio.

## Ἰησοῦς

Leitura: Iesus

Tradução: Jesus

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as quatro linhas abaixo com a letra IOTA:

I \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

ι \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



# Κ κ

Nome da letra: KAPA

É a décima letra do alfabeto grego e tem som de “k”, como em kilo, ou seu equivalente “c”, como em casa ou cama, nunca como cebola ou Cida; porém, na transliteração, usa-se a letra “k” como correspondente.

# καιρός

Leitura: kairós

Tradução: tempo

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as quatro linhas abaixo com a letra KAPA:

Κ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

κ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Λ λ

Nome da letra: LAMBDA

É a décima primeira letra do alfabeto grego, tem som de “L”, como em Lucas ou luz.

λόγος

Leitura: logos

Tradução: palavra

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as quatro linhas abaixo com a letra LAMBDA:

Λ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

λ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



Μ μ

Nome da letra: ΜΙ

É a décima segunda letra do alfabeto grego, tem som de “m”, como em Maria ou mundo.

μετάνοια

Leitura: metánoia

Tradução: arrependimento

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as quatro linhas abaixo com a letra ΜΙ:

Μ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

μ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

# N ν

Nome da letra: NI

É a décima terceira letra do alfabeto grego, tem som de “n”, como em Naum ou Nínive.

## νόμος

Leitura: nómos

Tradução: lei

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as quatro linhas abaixo com a letra NI:

N \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

ν \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



Ξ ξ

Nome da letra: XI (KSI)

É a décima quarta letra do alfabeto grego, tem som de “x”, como em táxi, mas nunca como lixo; portanto, tem o som de “ksi”.

ΞÉΝΟΣ

Leitura: xénos (ksénos)

Tradução: forasteiro

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as quatro linhas abaixo com a letra XI:

Ξ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

ξ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



# O o

Nome da letra: ÓMICRON

É a décima quinta letra do alfabeto grego, tem som de “ó”, como em Ló ou óculos.

# οἶνος

Leitura: oinos

Tradução: vinho

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as quatro linhas abaixo com a letra ÓMICRON:

O \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

o \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Π π

Nome da letra: ΠΙ

É a décima sexta letra do alfabeto grego, tem som de “p”, como em Paulo ou Palavra.

πατήρ

Leitura: pater

Tradução: pai

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as quatro linhas abaixo com a letra ΠΙ:

Π \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Π \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

# Ρ ρ

Nome da letra: RÔ

É a décima sétima letra do alfabeto grego, tem som de “r”, como em rio ou respeito.

## ῥομφαία

Leitura: rhomfaia

Tradução: espada

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as quatro linhas abaixo com a letra RÔ:

Ρ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

ρ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



Σ σ ς

Nome da letra: SIGMA (a terceira letra é o sigma, quando aparece no final de uma palavra).

É a décima oitava letra do alfabeto grego; tem som de “s”, como em santidade ou sabedoria, mas nunca tem som de z, como em casa.

σταυρός

Leitura: stauros

Tradução: cruz

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as linhas abaixo com a letra SIGMA:

Σ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

σ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Sigma forma final:

ς \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

# T τ

Nome da letra: TAU

É a décima nona letra do alfabeto grego, tem som de “t”, como em Tiago ou tempo.

## ΤÉΚΤΩΝ

Leitura: tékton

Tradução: carpinteiro

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as quatro linhas abaixo com a letra TAU:

T \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

τ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



# Υ υ

Nome da letra: UPSILON

É a vigésima letra do alfabeto grego, tem som de “u”, como em Uzias ou uva.

# υἱός

Leitura: *huiós*

Tradução: filho

### CURIOSIDADE:

Quando a letra “u” upsilon aparece antes ou entre duas consoantes, ela terá som de “y” ou “i”. Tomamos como exemplo a palavra “Senhor”.

Se escreve:

# κύριος

Transliteração: *kurios*

Leitura: *kyrios*

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as quatro linhas abaixo com a letra UPSILON:

Υ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

υ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

1. Quando aparecerem juntas na mesma sílaba, a letra o+u terá som de u.

Φ φ

Nome da letra: FI

É a vigésima primeira letra do alfabeto grego, tem som de “f”, como em ferro ou fome.

φῶς

Leitura: *fhôs*

Tradução: luz

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as quatro linhas abaixo com a letra FI:

Φ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

φ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Χ χ

Nome da letra: ΚΙ

É a vigésima segunda letra do alfabeto grego, tem som de “c”, como em cabeça; porém, na transliteração, sempre será acompanhado pela letra “H”, mas ficando “CHI (QUI)”. Vejamos um exemplo:

Χριστός

Leitura: Christós

Tradução: Cristo

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as quatro linhas abaixo com a letra ΚΙ:

Χ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

χ \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Ψ ψ

Nome da letra: PSI

É a vigésima terceira letra do alfabeto grego, tem som de “ps”, como em psicologia ou psiquiatria.

ψυχή

Leitura: psiche (psique)

Tradução: alma

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as quatro linhas abaixo com a letra PSI:

Ψ \_\_\_\_\_

ψ \_\_\_\_\_



Ω ω

Nome da letra: ÔMEGA

É a vigésima quarta letra do alfabeto grego, tem som de “o”, como em Oseias ou alô.

ὠδή

Leitura: ode

Tradução: cântico

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Preencha as quatro linhas abaixo com a letra ÔMEGA:

Ω \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

ω \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

### OBSERVAÇÕES

O aluno deve memorizar a pronúncia de cada letra copiando uma a uma, tornando a memorização mais simples.

Assim como no português, a junção das letras formam uma sílaba, exemplo: g+a = ga, t+o = to.

E a junção das sílabas forma uma palavra. Ga+to = gato.



## 6

## DEFINIÇÕES GERAIS

**6.1 VOGAIS**

São sete as vogais: α ε η ι ο υ ω

a) Longas (o som se prolonga um pouco):

η ω

b) Breves (o som não se prolonga tanto):

ε ο

c) Breves ou longas (podem ser tanto breves como longas):

α ι υ

**6.2 DITONGOS**

O encontro de duas vogais que unem o seu som numa mesma palavra chama-se “ditongo”.

αι	ai	pai	αυ	au	flauta
ει	ei	peito	ευ	eu	neutro
οι	oi	coisa	ου	ou	nuvem
υι	ui	cuidado			

**6.3 IOTA SUBSCRITO**

Depois de uma vogal longa, o iota não se pronuncia. Além disso, ele é colocado debaixo dessa vogal.

α̣ η̣ ω̣

**6.4 CONSOANTES**

No grego existem 17 (dezesete) consoantes, que se dividem em 3 (três) categorias:

a) Mudas

	Surdas	Sonoras	Aspiradas
Labiais	π	β	φ
Guturais	κ	γ	χ
Dentais	τ	δ	θ

b) Líquidas (têm sonância variada)

λ μ ν ρ

c) Sibilantes (consoantes que soam como agudas)

σ ζ ξ ψ

## 6.5 ACENTUAÇÃO

Os acentos são três:

- a) ( ´ ) agudo: para indicar a sílaba tônica (mais forte) – indica uma elevação na voz.
- b) ( ` ) grave: também indica a sílaba tônica, porém só cai nas últimas sílabas.
- c) ( ˆ ) circunflexo: pode incidir somente sobre vogais longas ou ditongos.

O aluno não deve ter uma preocupação excessiva com os acentos, pois só irá escrever as palavras gregas que possuem acentuação.

## 6.6 ASPIRAÇÃO

Toda palavra que começa com uma vogal tem sobre ela um sinal chamado de “aspiração” ou “espírito”.

As aspirações são duas:

- a) aspiração fraca ( V ) – não se percebe na pronúncia. Ex: avpo,toloō: apóstolo.
- b) aspiração forte ( ~ ) – esta se pronuncia como se estivesse com a letra “h” no início. Ex: a`marti,a: hamartia.

## 6.7 PONTUAÇÃO

A vírgula e o ponto são usados no grego assim como no português.

O ponto alto ( \ ) substitui o ponto e vírgula, assim como os dois pontos do português.

O ponto e vírgula grego ( ; ) equivale ao nosso ponto de interrogação.

## 6.8 ESTRUTURA DAS PALAVRAS

A palavra grega é composta de duas partes: raiz e terminação. A raiz é a parte invariável de uma palavra, ou seja, jamais será alterada, enquanto que a terminação é a parte variável e sempre terá alterações. Exemplo: na palavra *logoō* a raiz é *log* na palavra terminação, *oō*.



## 7

## ARTIGOS

A língua grega não possui artigo indefinido (um, uma, uns, umas), somente o artigo definido (o, a, os, as), e este também se declina. A função do artigo grego é tornar definido ou identificar um certo substantivo; o artigo sempre concorda com o substantivo em gênero, número e caso; por isso, sempre seguirá a mesma flexão.

	I Declinação feminino		II Declinação masculino		III Declinação neutro	
	Singular	Plural	Singular	Plural	Singular	Plural
<b>N</b>	ἡ	αἱ	ὁ	οἱ	τό	τά
<b>A</b>	τήν	τάς	τόν	τούς	τό	τά
<b>D</b>	τῆ	ταῖς	τῶ	τοῖς	τῶ	τοις
<b>G</b>	τῆς	τῶν	τοῦ	τῶν	τοῦ	τῶν
<b>V</b>	—	—	—	—	—	—



## 8

## DECLINAÇÕES E CASOS

O grego, como o latim, possui palavras variáveis que se declinam. São o artigo, o substantivo, o adjetivo e o pronome.

A declinação grega tem somente cinco casos: nominativo, acusativo, dativo, genitivo e vocativo.

Há, em grego, como em latim, três gêneros: masculino, feminino e neutro. O grego possui três números: singular, plural e dual (não tendo nenhuma ocorrência do dual no novo testamento, não iremos estudá-lo).

## SISTEMA DE DECLINAÇÕES E CASOS

## 8.1 CASOS

**Nominativo:** sujeito (praticante da ação) e predicativo (atributo) do sujeito;

**Acusativo:** objeto direto (complemento verbal traduzido após o verbo);

**Dativo:** objeto indireto (sempre preposicionado);

**Genitivo:** indica origem ou posse “de”;

**Vocativo:** indica um chamado ou uma exclamação;

## 8.2 DECLINAÇÕES

	I Declinação feminino		II Declinação masculino		III Declinação neutro	
	Singular	Plural	Singular	Plural	Singular	Plural
<b>N</b>	ἄη	αἱ	ος	οι	ς	ες
<b>A</b>	ἀνῆν	αο	ον	ους	α	ας
<b>D</b>	ἄη	αἰο	ω	οις	ι	οι
<b>G</b>	αζης	ων	ου	ων	ος	ων
<b>V</b>	ἄη	αἱ	ε	οι	ς	ες

## 8.3 RESUMO DO CAPÍTULO

As declinações e casos da língua grega a princípio parecem ser algo muito complicado de se entender; para uma melhor compreensão, daremos alguns exemplos que encontramos no Novo Testamento.

Grego:

Mt 7:21 “Οὐ πᾶς ὁ λέγων μοι Κύριε κύριε εἰσελεύσεται εἰς τὴν βασιλείαν τῶν οὐρανῶν”

“Nem todo o que diz a mim: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus.”

Mc 1:3 “φωνὴ Βῶντος ἐν τῇ ἐρήμῳ· Ἐτοιμάσατε τὴν ὁδὸν κυρίου”  
 “Voz do que clama no deserto: preparai o caminho do senhor”

Jo 20:28 “ἀπεκρίθη Θωμᾶς καὶ εἶπεν αὐτῷ Ο κύριός μου καὶ ὁ θεός μου”  
 “Respondeu Tomé e disse a ele: Senhor meu e Deus meu.”

Observe que o termo “Senhor” aparece nos três versículos, porém, no texto grego, o termo aparece de forma variável: em Mateus aparece Ku,rie, em Marcos, Kuri,ou e, em João, Ku,rio,ῶ, mas os três são a mesma palavra, “Senhor”. Por quê? A resposta está na tabela de declinações – observe que a tabela indica a terminação de cada substantivo; analisando juntamente com a tabela, perceba que a raiz do termo Ku,rie é kur, sendo assim, esta parte permanece intacta todas as vezes, a terminação e encontramos na tabela somente uma vez esta no caso vocativo na segunda declinação, que é masculino singular. O caso vocativo exprime um chamado, alguém chamando ou clamando; portanto, no texto de Mateus aparece Senhor de forma diferente porque está expressando um chamado; já em Marcos aparece ΚΥΡΙΟΥ, lembrando sempre que a raiz ΚΥΡ- não muda. Onde encontramos a terminação “ΟΥ”? No caso genitivo da segunda declinação, masculino e singular. O que é o genitivo mesmo? É o caso que indica origem ou posse, portanto, texto mostra que o caminho pertence ao Senhor.

No terceiro exemplo, ku,rio,ῶ, a terminação oῶ é o caso nominativo singular masculino; o nominativo é o que no português chamamos de sujeito, aquele que pratica a ação ou aquele que tem o papel principal numa frase.

É para isso que servem as declinações em seus respectivos casos, para identificarmos qual papel daquela palavra na frase.



## 9

## ALGUMAS PALAVRAS

Αβραάμ	<i>abraam</i>	Abraão
ἀδελφός	<i>adelfós</i>	irmão
ἅγιος	<i>hagios</i>	santo
αἷμα	<i>haima</i>	sangue
ἄνθρωπος	<i>antropos</i>	homem
βαπτίζω	<i>baptizo</i>	batizar
βασίλεια	<i>basileia</i>	reino
γλῶσσα	<i>glossa</i>	língua
γνώσις	<i>gnosis</i>	conhecimento
Δανιήλ	<i>Daniel</i>	Daniel
δένδρον	<i>déndron</i>	árvore
διακονία	<i>diakonia</i>	serviço
δόξα	<i>dóxa</i>	glória
δοῦλος	<i>doulos</i>	servo
ἐκκλησία	<i>ekklesia</i>	igreja
εὐαγγέλιον	<i>euangelio</i>	evangelho
ζωή	<i>zoe</i>	vida
Ἡλίας	<i>Elias</i>	Elias
θάνατος	<i>thánatos</i>	morte
θεός	<i>theós</i>	Deus
Ἰακώβ	<i>Iakob</i>	Jacó
Ἰωάννης	<i>Ioannes</i>	João
Ἰωσέφ	<i>Iosef</i>	José
καιρός	<i>kairós</i>	tempo
καρπός	<i>karpós</i>	fruto
καρδία	<i>kardía</i>	coração
κύριος	<i>kurios</i>	senhor
λαός	<i>laós</i>	povo

λατρεία	<i>latreía</i>	culto
λόγος	<i>logos</i>	palavra
μαθητής	<i>mathetes</i>	discípulo
μαρτύριον	<i>marturion</i>	testemunho
Μᾶρκος	<i>Markos</i>	Marcos
μετάνοια	<i>metánoia</i>	arrependimento
νόμος	<i>nomos</i>	lei
παιδίον	<i>paidion</i>	criança



# 10

## TEXTO BÍBLICO

“Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν καὶ  
θεὸς ἦν ὁ λόγος οὗτος ἦν ἐν ἀρχῇ πρὸς τὸν θεόν”

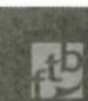
**LEITURA:** “En arché én ho logos kai ho logos en prós ton Theón kai Theós en ho logos. Hutos en en arché prós ton Theón.”

**TRADUÇÃO:** No princípio era a palavra e a palavra estava com Deus e a palavra era Deus. Ele estava no princípio com Deus.



## BIBLIOGRAFIA

- DANIELLOU, Maria da Eucaristia. *Curso de Grego I Gramática*. Rio de Janeiro: Biblioteca Científica Brasileira Coleção do Estudante III, 1957.
- DEMOSS, Matthew S. *Dicionário Gramatical do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Vida, 2004.
- DOBSON, John H. *Aprenda o Grego do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 1994.
- GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. São Paulo: Vida Nova, 2003.
- NOVO Testamento Interlinear Grego/Português*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.
- NOVO Testamento Grego com Introdução em Português e Dicionário Grego-Português*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. *Noções do Grego Bíblico*. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 1985.
- WALLACE, Daniel. *Gramática Grega uma Sintaxe Exegética do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Batista Regular, 2009.



# faculdade teológica betesda

## Moldando vocacionados

### AVALIAÇÃO - MÓDULO IX

### LÍNGUA GREGA I

1. De onde procede a Língua Grega?
2. Quais e quantos são os períodos da Língua Grega?
3. Qual o grego que foi utilizado na escrita do Novo Testamento?
4. O que significa o termo Κοινή (Koinê)?
5. Escreva o alfabeto grego e suas correspondentes no português.
6. Como se dividem as consoantes no grego?
7. Para que servem as declinações e os casos?
8. Quantos casos existem na Língua Grega?
9. Quantos gêneros há no grego?
10. Traduza os seguintes termos: ψυχή – ξένος – Ἰωσέφ – ἀρχή

#### Caro(a) aluno(a):

- Responda cada questão acima em folhas pautadas (com linhas) em letras de forma ou digite no computador, se preferir enviar por e-mail.
- Envie-nos as avaliações deste módulo todas juntas, de acordo com as regras gerais (p. 3-5):

Pelo correio: CAIXA POSTAL 12025 - CEP 02013-970 - SÃO PAULO-SP

Por e-mail: [plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br](mailto:plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br)

- Em caso de dúvida, ligue para o Serviço de Atendimento ao Aluno (SAA).

# APOLOGÉTICA CRISTÃ

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	511
<b>1. CONCEITOS GERAIS</b> .....	512
<b>2. NATUREZA DA APOLOGÉTICA CRISTÃ</b> .....	514
<b>3. A NECESSIDADE DE APOLOGÉTICA</b> .....	515
<b>4. APOLOGIA DA APOLOGÉTICA</b> .....	516
4.1 A QUESTÃO MAIS IMPORTANTE.....	516
4.2 APOLOGÉTICA E HERESIOLOGIA.....	517
4.3 APOLOGÉTICA, FÉ E RAZÃO.....	517
<b>5. HISTÓRIA DA APOLOGÉTICA</b> .....	519
5.1 OS PAIS APOLOGISTAS.....	519
5.2 NA IDADE MÉDIA.....	520
5.3 DA REFORMA EM DIANTE.....	520
<b>6. APOLOGÉTICA E EVANGELISMO</b> .....	522
6.1 A FÉ CRISTÃ É OBJETIVA E ESTÁ APOIADA EM FATOS.....	523
6.2 ANALISANDO ANTES DE RESPONDER.....	523
6.3 O CONCEITO DE VERDADE.....	524
6.4 TENHA CONVICÇÃO E CERTEZA DE ONDE ESTÁ APOIADA A SUA FÉ .....	526
<b>7. ACUSAÇÕES COM RELAÇÃO AOS ERROS DO CRISTIANISMO</b> .....	529
7.1 CRISTIANISMO E EXTREMISMO RELIGIOSO .....	530
7.2 O CRISTIANISMO BÍBLICO É SOFREDOR E NÃO AGRESSOR.....	530
7.3 O CRISTIANISMO BÍBLICO É PERSUASIVO E NÃO IMPOSITOR.....	530
7.4 O CRISTIANISMO BÍBLICO É ESPIRITUAL E NÃO BÉLICO.....	531
7.5 EXTREMISMO FILOSÓFICO.....	531
<b>8. O CARÁTER EXCLUSIVISTA DO CRISTIANISMO</b> .....	532
<b>9. O CONTEÚDO ESSENCIAL DA NOSSA FÉ</b> .....	534
9.1 UM DEUS COM PERSONALIDADE QUE SE REVELOU NA HISTÓRIA, PRINCIPALMENTE DE ISRAEL.....	534
9.2 AS SAGRADAS ESCRITURAS COMO RESULTADO DESSA REVELAÇÃO .....	535
9.3 JESUS CRISTO COMO ENCARNAÇÃO HUMANA DESSE DEUS.....	536
9.4 A EXPERIÊNCIA ADVINDA DESSES ELEMENTOS.....	537
<b>CONCLUSÃO</b> .....	538
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	539
<b>AVALIAÇÃO</b> .....	540

## INTRODUÇÃO

Em cada época da história o cristianismo enfrenta suas próprias dificuldades. Em nossos dias atuais, ele é um conjunto de crenças, entre muitas outras. Na escola, no trabalho, entre os amigos e principalmente na faculdade, se você é um cristão, será de alguma forma desafiado em suas crenças.

Alguns desses desafios serão diretos, com pessoas querendo que você explique os dinossauros, a teoria da evolução, os males e injustiças do mundo. Eles falarão sobre os crimes cometidos em nome da religião, contarão a história de cristãos que os decepcionaram, usarão muitos argumentos para explicar porque não são cristãos ou porque você não deveria ser também. Atacarão seus valores morais, zombarão de sua fé de muitas maneiras.

Outras vezes os ataques virão através do seu conteúdo didático. Não vivemos em um mundo cristão e academicamente falando, os valores cristãos geralmente são ignorados ou mesmo atacados.

Quando estamos no contexto da Igreja é fácil guardar a fé. Todos ali pensam, sentem como nós. Tiveram experiências espirituais com Deus que quando compartilhadas fortalecem a nossa fé. No mundo externo se dá o contrário. Tudo ali se choca com nossa fé e conhecimentos.

Intelectual e moralmente somos confrontados. Às vezes de forma agressiva, às vezes de forma questionadora. Algumas pessoas querem mesmo um conflito, outras tem curiosidade e desejam entender porque somos como somos. Nós precisamos dar a todas elas uma resposta coerente e pacífica, a fim de que entendam que nossa fé tem fundamentos sólidos. Foi isso que o apóstolo Pedro quis dizer quando escreveu: Antes, santifiquem Cristo como Senhor em seu coração. Estejam sempre preparados para responder a qualquer pessoa que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês. (1 Pe 3.15).

Nossa esperança tem uma razão de ser. A nossa fé não é um salto no escuro. Está consolidada por muitos fatores e precisamos conhecê-los para poder responder aos que sinceramente desejam saber porque cremos no que cremos. Mesmo que muitas coisas nas quais acreditamos possam parecer ilógicas para a mente do homem moderno, elas são fundamentadas em fatos bem definidos e coerentes. Isso ficou bem claro quando Paulo foi levado perante o rei Herodes Agripa. No texto de Atos dos Apóstolos nós lemos: A esta altura Festo interrompeu a defesa de Paulo e disse em alta voz: “Você está louco, Paulo! As muitas letras o estão levando à loucura!” Respondeu Paulo: “Não estou louco, excelentíssimo Festo. O que estou dizendo é verdadeiro e de bom senso”. (At 26.24, 25).

Paulo defendeu a coerência e racionalidade de sua fé diante do governador, porque este, ao ver o apóstolo discursando acerca de assuntos sobrenaturais, quis atribuir insanidade a ele.

Esse tipo de coisa tende a acontecer e o cristão deve estar preparado, pois ele geralmente não crê e não pensa como a maioria. As verdades bíblicas entram em choque com a cultura à nossa volta, não só em aspectos religiosos, mas em outros aspectos também, como cultural, científico, moral etc.

Essa forma de lidar com perguntas que as pessoas fazem acerca da Bíblia, de Jesus Cristo e do Cristianismo é chamada de apologética, uma palavra grega que significa “defesa”. É a defesa da fé cristã. As pessoas geralmente têm noções erradas daquilo que a Bíblia ensina e os programas de TV, rádio, revistas, jornais, livros etc., tendem a passar ideias erradas a cerca do cristianismo. Nossa obrigação é defender a fé cristã desses ataques, e esclarecer as dúvidas das pessoas.

A única maneira de fazer uma defesa eficaz é conhecendo o que as pessoas falam contra o cristianismo e o que o cristianismo ensina. A comparação entre os dois nos permite formular respostas sábias, que ajudarão a desfazer certos mal-entendidos. A razão de nossa esperança precisa ser bem clara em nossas mentes. As pessoas estão esperando por respostas claras e que satisfaçam suas dúvidas intelectuais.



## 1

## CONCEITOS GERAIS

Na questão bíblica de apologética, a referência mais comum é “Santificai a Cristo, como Senhor, em vossos corações, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor...” (1 Pedro 3:15).

A palavra traduzida acima por “responder” é, no grego, apologia (isto é, “defesa”). Sugere a ideia de “defesa da conduta ou procedimento”. Também pode ser descrita como “... uma defesa verbal, uma palavra de defesa daquilo que alguém fez ou da verdade que alguém crê.

Sendo assim, apologia significa “discurso para justificar, defender ou louvar”. Podemos citar como uma das maiores referências a obra de Platão, *Apologia de Sócrates*, que apresenta a defesa feita por este último diante de seus acusadores.

O substantivo apologia (traduzido em português pelo verbo “responder” em 1 Pedro 3.15, acima citado) é empregado mais sete vezes no Novo Testamento:

**Atos 22.1**

“Irmãos e pais, ouvi agora a minha defesa perante vós.”

**Atos 25.16**

“A eles respondi que não é costume dos romanos condenar quem quer que seja, sem que o acusado tenha presentes os seus acusados e possa defender-se da acusação.”

**1 Coríntios 9.3**

“A minha defesa perante os que me interpelam é...”

**2 Coríntios 7.11**

“Porque, quanto cuidado não produziu isto mesmo em vós que segundo Deus fostes contristados! que defesa, que indignação, que temor, que saudades, que zelo, que vindita! em tudo destes prova de estardes inocentes neste assunto.”

**Filipenses 1.7**

“... porque vos trago no coração, seja nas minhas algemas, seja na defesa e confirmação do evangelho, pois todos sois participantes da graça comigo.” Filipenses 1:16

“... estes, por amor, sabendo que estou incumbido da defesa do evangelho.”

**2 Timóteo 4.16**

“Na minha primeira defesa ninguém foi a meu favor; antes, todos me abandonaram. Que isto não lhes seja posto em conta.”

Como podemos ver na maioria das passagens, a ideia de defender o conteúdo do evangelho já estava presente quando do seu nascimento. A introdução do cristianismo no meio de uma sociedade marcada em parte pelo paganismo e pela filosofia grega e em parte pelo judaísmo exigia respostas intelectuais aos seus diversos acusadores. Na verdade, a literatura neotestamentária foi suscitada devido a acusações falsas e conceitos errôneos oriundos

tanto de seus simpatizantes quanto de seus opositores. Era preciso oferecer a eles “a razão da esperança” existente no coração dos seguidores de Jesus.

Não há Evangelho sem apologética. Ao ser proclamada a verdade, ela sem dúvida entrará em conflito com a cultura e os conceitos vigentes em seu contexto. Com toda probabilidade a mensagem encontrará resistência não somente por parte dos incrédulos, mas mesmo os crentes se verão diante de questões novas e precisarão de recursos para responder tais questionamentos. Não importa se esses questionamentos são bem-intencionados ou não. É preciso encará-los e resolvê-los.

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- 1) Qual a principal passagem bíblica que fala sobre defender a fé?
- 2) Que significa apologia?
- 3) Cite duas passagens onde aparece a palavra “apologia” no NT.
- 4) Que famosa obra de Platão usa o termo “apologia”?
- 5) Por que a apologética foi necessária no início da proclamação do evangelho?

## 2

## NATUREZA DA APOLOGÉTICA CRISTÃ

Qual seria exatamente o papel da apologética cristã dentro do contexto do cristianismo?

Lembrando que a ideia de defender determinada crença não está relacionada somente com o cristianismo. Pelo contrário. Temos apologias diversas, como a defesa do ateísmo, do islamismo, ideias políticas, de toda proposição ou ideologia. No caso da fé cristã, qual é a sua função? Nesse sentido, vale atentarmos para a afirmação de um dos grandes apologistas do século XX, Francis Schaeffer:

Há duas finalidades para a apologética cristã:

A primeira é a defesa. A segunda é comunicar o cristianismo de modo que qualquer geração possa entendê-lo.<sup>1</sup>

Com esse ponto de vista, a apologética não é vista apenas como ferramenta de defesa, mas como elemento passivo na teologia. É também destacada como instrumento de proclamação do evangelho, um instrumento para fazer seu conteúdo compreensível em cada geração. Em nossa sociedade ocidental a apologética cristã precisa receber atenção especial por dois motivos em especial. Primeiro devido à multiculturalidade que nos rodeia. Diferente de uma cultura muçulmana, a liberdade de pensamento não apenas trouxe ao nosso espaço geográfico diferentes maneiras de ver o mundo, como também defende a existência dessa diversidade. O evangelho é uma ilha cercada de cosmovisões diferentes por todos os lados. Para não submergir precisa ter respostas a todas elas.

Em segundo lugar, nossa sociedade apresenta um dinamismo acelerado. Cada geração cresce com novas ideias e novos conceitos de vida. As mudanças ocorrem mais rápido do que em outras épocas da história e talvez mais rápido do que em outras culturas. Questionamentos com relação ao evangelho, que não se faziam há dez anos, são feitos hoje por adolescentes, bombardeados por um mundo de informações contrárias ao cristianismo.

Sendo assim, temos que fazer a nossa apologia do cristianismo diante de católicos, espíritas, marxistas, ateus, agnósticos, esotéricos, jovens, idosos, crianças e mais a uma miríade de mentes que foram por um motivo ou outro formadas com noções diferentes daquelas constantes na Bíblia.

Esses fatores nos obrigam a uma constante reformulação não apenas das respostas, mas também das perguntas. Não adianta tentar responder com o Evangelho dúvidas que esta geração não mais possui e deixar suas verdadeiras inquietações intocadas. Cabe a nós procurar conhecer a relevância do cristianismo para as gerações da nossa época e do nosso lugar.

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- 1) Quais as duas finalidades da apologética?
- 2) Cite um motivo pelo qual a apologética se torna necessária na civilização ocidental.
- 3) Diante de quais grupos precisamos fazer apologia?
- 4) Por que precisamos sempre fazer novas perguntas com relação ao evangelho?
- 5) Cite uma pergunta que as pessoas sempre fazem com relação à fé evangélica (resposta pessoal).

1. SCHAFFER, Francis. *O Deus que Intervém*. São Paulo: ABU, 1981.



## 3

## A NECESSIDADE DE APOLOGÉTICA

*“Porque nada podemos contra a verdade, senão em favor da verdade” (2 Coríntios 13.8)*

A mensagem atual é paz entre as religiões. Recentemente, Gregory Smith, um adolescente americano de 14 anos, formado em matemática por Harvard e que corre o mundo pregando a paz mundial, foi questionado. “Qual a sua religião? Faço conexões entre todas as religiões para que elas possam funcionar como uma só” – foi sua resposta. Tolerância, principalmente religiosa, é a palavra do dia. Grandes pensadores, como o historiador Arnold Toynbee por exemplo, disse que o Cristianismo deve abandonar a crença de que é único, para que possa haver uma maior harmonia entre as religiões. (Tácito Gama Leite, *Religiões e Seitas*, CETEO, p. 112).

Se tolerância quer dizer respeito à crença alheia, concordamos. Não devemos atrapalhar o culto de ninguém. Não podemos deprender os elementos de qualquer religião, nem mesmo agredir a crença alheia verbal ou fisicamente. Isto é direito constitucional. Se quero ser respeitado, tenho de respeitar. “O que quereis que os homens vos façam, façais vós a eles” (Mt 7.12). Isto é tolerância.

Esta tolerância, todavia, não significa que sou obrigado a concordar com as afirmações e práticas do outro, ou que não devo dizer ao outro porque discordo dele. Ele é livre para crer no que quiser e eu também. E eu creio que minha obrigação é dizer-lhe a verdade de Deus. Respeito não significa indefinição

O grande pensador cristão, Francis Schaffer, em seu livro *A Igreja no século XX*, afirma que a Igreja deve ser bem clara em seus princípios, explicando que podemos ser cobeligerante sem sermos necessariamente aliados. Isto é, podemos até apoiar certas causas e batalhar por elas, sem que isto signifique que concordamos com outros grupos que fazem o mesmo.

Podemos, por exemplo, defender a necessidade de dar assistência às pessoas carentes, sem com isso querer dizer que concordamos com os espíritas ou com a LBV. Fazemos as coisas por princípio bíblico, não por modismos ou instigação de algum grupo específico.

A verdade não pode ser sacrificada no altar da paz, nem as convicções sobre o altar da tolerância. Concordar com o erro, associando-se a ele, é um assassinado da consciência.

A fé cristã é uma fé objetiva; deve, portanto, ter um objetivo. O conceito cristão de fé “salvadora” é o de uma fé em que se estabelece um relacionamento com Jesus Cristo... Um clichê que se deve rejeitar é: “Não importa o que você crê, desde que tenha convicção disto” (Josh McDowell, *Evidências que exigem um veredicto*, Candeia, p. 5).

Permitir que a fé cristã seja igual a qualquer outra fé é na verdade tirar dela o que lhe torna distinta e essencial. Com inúmeras crenças com objetos distintos, cada vez se torna mais necessário ter base apologética para demonstrar porque a fé cristã é exclusiva.

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- 1) Qual a mensagem atual com relação às diferentes religiões?
- 2) Como deve ser a tolerância cristã?
- 3) O que é uma fé objetiva?

## 4

## APOLOGIA DA APOLOGÉTICA

Alguns chegam ao extremo de considerar a apologética uma agressão. Classificam a análise de doutrinas religiosas à luz da Bíblia, um mero “falar mal”. Defendem uma espécie de “viva e deixe viver” cristão. Mas esta atitude não tem nada de cristão ou bíblico. Não passa de um espírito semiecumênico moderno de tolerância, uma acomodação perigosa diante do enganoso e do falso.

“Livra os que estão destinados à morte e salva os que cambaleiam para a matança” (Pv 24.11).

Se os profetas bíblicos assim pensassem, nada escreveriam, pois suas palavras eram uma verdadeira condenação das religiões ao seu redor. Ou ignoram que o próprio Jesus mostrou os erros doutrinários dos grupos religiosos de sua época (Mt 22) e disse que eles erravam por não conhecer as Escrituras e nem o poder de Deus (Mt 22.29)? Ou esquecem que uma boa porção das epístolas paulinas foi sua apologia contra doutrinas erradas (Cl 2.8; Gl 2.1-5)? Ou ainda que João, o discípulo do amor, foi radical contra os falsos ensinamentos, dizendo que se alguém não ensinava a verdadeira doutrina cristã era enganador e anticristo e não deveria ser hospedado na casa dos irmãos como se fosse um mensageiro do evangelho (2 Jo 7,8). Sem deixar de mencionar que Pedro falou contra os falsos mestres (2 Pe 2) e Judas exortou seus leitores a combaterem pela fé que de uma vez por todas foi dada aos santos (v. 3).

Nossa fé precisa ser defendida racionalmente. Não porque a lógica cria a fé, mas porque pode vir a perecer sem ela.

Embora o argumento não crie convicção, a falta dele destrói a fé. O que parece ser provado pode não ser abraçado; mas o que ninguém mostra a habilidade de defender é prontamente abandonado. Argumento racional não cria crença, mas ele mantém um ambiente em que a fé possa florescer. (Austin Farrer em C. S. Lewis.)

Não defendemos a agressão, o desprezo e o rancor contra os não cristãos. Devemos seguir a verdade em amor (Ef 4.15). Concordamos que não se deve perguntar a religião do que está caído no caminho de Jerusalém para Jericó. Devemos apenas ajudá-lo no que for necessário. Mas nossa atitude não é uma concordância com suas crenças, não é uma aceitação incondicional das doutrinas professadas por ele. Dizer a verdade ao meu próximo também é uma forma de demonstrar-lhe amor.

Todavia, nós julgamos e analisamos doutrinas e não pessoas. O budismo diante da Bíblia é uma mentira e uma falsidade que precisa ser exposta. O budista é um ser humano que precisa ser amado e, porque precisa ser amado, tenho que lhe falar de seu erro. Quando comparo as doutrinas budistas à luz do cristianismo, não o faço com um sentimento de superioridade, mas com um senso de verdade e de necessidade, buscando evitar que outros tomem a mesma vereda.

#### 4.1 A QUESTÃO MAIS IMPORTANTE

O historiador Will Durant disse que “onde existem mil crenças, tendemos a nos tornar céticos (incrédulos) em relação a todas elas” (Will Durant, História da Filosofia, Nova Cultural, p. 30) Porém, crer em nenhuma também é uma opção entre as demais. Escolher não crer também é uma escolha religiosa.

O homem discute a respeito de tudo em sua vida: sua carreira profissional, seu casamento, suas preferências políticas, esportivas, culturais. Existem debates e análises sobre todas as ciências, sejam elas humanas, exatas ou biológicas. E dentro dessas ciências existem linhas diversas que são discutidas e rediscutidas em seminários, livros e palestras. É homeopatia *versus* alopatia, freudianos e jungianos, física clássica e quântica. Na política e na economia, os partidos e as correntes multiplicam-se. Cada ramo da ciência tem seus conceitos que procuram

defender diante das demais opções. A religião é aquilo que define o destino eterno do homem. “Rendendo o homem o espírito então onde está?”, pergunta Jó (Jó 14.10). “Morreu acabou”, dirá o materialista ateu. “Vamos renascer em outro corpo”, dirá o reencarnacionista. “Purgatório”, defenderá o católico. “Descansando no seio de Abraão ou sofrendo no Sheol até a ressurreição” dirá o evangélico. Mas nem todos estarão certos ao mesmo tempo. E embora as opiniões possam ser muitas, a realidade será uma só. E se o homem falhar em sua escolha, será tarde demais. “Há caminhos que para o homem que parecem direito, mas no fim são caminhos de morte” (Pv ).

Temos consciência de que o abuso nas atitudes religiosas tem produzido até mesmo guerras. Mas estas não nasceram das convicções religiosas, e sim do comportamento errado diante dela. A Bíblia não ensina a agressão nem o silêncio diante do erro, mas nos instrui a “responder (defender no original) com mansidão e temor a qualquer que nos pedir a razão da esperança que há em nós” (1 Pe 3.15).

## **4.2 APOLOGÉTICA E HERESIOLOGIA**

É comum confundir-se apologética com heresiologia. A primeira é muito mais abrangente do que a segunda. É como se a apologética fosse a defesa do cristianismo frente ao todo, enquanto heresiologia fosse a mesma defesa diante de um grupo específico. Geralmente, a preocupação do apologista cristão é demonstrar porque o cristianismo é verdadeiro. Evidentemente que essa demonstração é feita quando há outra ou mesmo outras visões ao seu redor. Essa cosmovisão não precisa ser necessariamente uma seita, pode ser apenas uma forma de pensar.

Se tomarmos, por exemplo, o secularismo reinante no ocidente, vamos perceber quão necessária é a apologética. O secularismo não é de modo nenhum uma religião, nem mesmo uma ideologia. Ele é simplesmente uma forma de encarar a vida na qual o aqui e o agora é tudo o que há. A incerteza de um depois faz com que as pessoas não vejam qualquer razão para professar uma religião. A prosperidade material tende a contribuir com essa forma de pensar, uma vez que supre as carências básicas do ser humano.

Dentro de um contexto como esse, o apologista precisa encontrar falhas na armadura secularista e precisa apontar essa vulnerabilidade como prova da necessidade do cristianismo.

Mostrar que muitas pessoas, apesar de suas muitas posses, se sentem vazias a ponto de tirarem suas próprias vidas, é uma maneira de demonstrar que existem lacunas na natureza humana que este mundo jamais vai preencher. Em seguida, apresentar o evangelho como resposta para tais fatos é fazer apologética.

No caso da heresiologia, a defesa e a argumentação se voltam para um grupo específico com seu conjunto de doutrinas. Esse grupo pode ser pseudocristão ou mesmo uma religião no sentido amplo do texto, como no caso do islamismo. Nesse caso o conflito doutrinário não se dá em termos de cosmovisão, mas de afirmações pontuais discordantes das Escrituras Sagradas.

Claro que muitas vezes a amplitude da religião termina por se estabelecer como uma ideologia ou cosmovisão. O marxismo e o islamismo dominaram ou dominam seus respectivos contextos. A apologética nesse caso tomará formas de heresiologia, tendo de refutar os diversos pontos de maneira específica. Ainda assim a distinção permanece na grande maioria dos casos.

## **4.3 APOLOGÉTICA, FÉ E RAZÃO**

Por lidar especificamente com argumentação é muito fácil transformar a apologética em um conflito intelectual *ad infinitum*. Parece ser apenas uma tentativa de provar a veracidade do evangelho utilizando-se da lógica. Nesse caso, a fé seria um elemento dispensável.

Por outro lado, temos a definição da fé como sendo “um salto no escuro para os braços de Deus”, como queria Soren Kirkegaard. Nesse caso, nenhuma argumentação seria necessária, pois isso seria justamente o contrário da fé. Como resolver esse impasse, sem tornar a fé cristã fruto de proposições racionais e logicamente demonstráveis, ou uma atitude isenta de qualquer raciocínio que a justifique ou apoie?

Para quem teve uma experiência de novo nascimento, o cristianismo não foi um “salto no escuro”, mas “um passo na direção da luz”. Antes de tomar a decisão, os fatos foram pesados diante da mensagem proclamada ou

lida. A decisão pendeu decisivamente para o lado de que Cristo é o Filho de Deus e que depois de morrer pelos meus pecados ele ressuscitou dos mortos.

Caso tivesse exercitado uma fé cega, a maioria teria rejeitado Jesus Cristo e voltado as costas para todas as provas.

Claro que nem todos os que tomaram sua decisão por Cristo são dotados de uma mente indagadora e conhecimento intelectual suficiente para certos níveis de questionamento. Ainda assim, uma série de fatores levou essas pessoas a pesar as evidências e decidir que havia coerência no que foi dito. Entre esses fatores está a coerência da existência de Deus, a necessidade íntima, a figura de Jesus Cristo como personagem histórico relevante e mesmo sentimentos e experiências íntimas que de alguma forma estavam de acordo com a mensagem e reflexões do ouvinte.

Todos esses fatores não produziram a fé, mas despertaram naqueles que tiveram a experiência cristã a convicção, ou pelo menos a noção de que seria necessária uma atitude interior, um reconhecimento da validade de tudo isso expressos em atitudes externas de fé. Essa relação entre fatores externos e atitude de fé varia de pessoa para pessoa, mas com certeza ela existe.

A questão da apologética é que sem que a maioria perceba, há uma “pregação silenciosa” ao redor de cada pessoa. Essa pregação pode ser hostil ou simpática ao evangelho. Pode facilitar a fé ou colocar-lhe obstáculos. Em uma comunidade onde a maioria crê e pratica o evangelho, com certeza permitirá a fé do que em uma onde o evangelho não é mencionado ou onde os conceitos nele contido são refutados.

Se pensarmos em países como o EUA e a Arábia, por exemplo, não temos qualquer dúvida de que uma pessoa que lesse a Bíblia sozinho teria mais chance de aceitar o evangelho morando no primeiro. Assim como pode haver uma pregação anticristã “silenciosa” ou mesmo ruidosa, pode haver uma apologética “silenciosa” ou ruidosa que contribuirá para um melhor desenvolvimento da fé.

Esse contexto “apologético” ou “anticristão” pode ser encontrado em níveis muito menos amplos como em uma comunidade ou mesmo família. Embora nem todo filho de cristão se torne um cristão, a probabilidade é maior. A atmosfera construída com conceitos cristãos possui menos obstáculos intelectuais à fé e assim permite o seu nascimento e desenvolvimento. Quando a apologética é usada, sua finalidade não é produzir fé por meio de argumentos racionais e explicações lógicas. E permitir que a fé possa atuar livre de obstáculos criados por ideias e preconceitos errôneos.

Individualmente, cada pessoa recebeu ou concebeu conceitos que em algum momento podem obstaculizar a fé. A fé existe e já experimentou os frutos resultantes, mas esbarra em fatos que exigem uma explicação. São dúvidas sinceras que precisam ser esclarecidas. Uma vez removida as barreiras a fé segue seu crescimento, livre de amarras intelectuais, de sofismas que até então pareciam impedir a fé de contemplar a verdade.

Isso não significa que uma vez que os fundamentos intelectuais do cristianismo sejam apresentados de forma coerente, as pessoas irão crer automaticamente. Essa é a questão com relação à fé. Nem sempre são as dificuldades intelectuais que impedem uma pessoa de abraçar o cristianismo e crer. Existem fatores pessoais e morais envolvidos que tornam a aceitação da fé cristã algo que envolve o indivíduo como um todo. Ele pode não querer viver a moral cristã, pode ter medo do que as pessoas do seu círculo vão pensar e inúmeras outras questões.

Enfim, uma série de fatores que demonstram que a apologética é apenas um facilitador, uma ponte entre o evangelho e o indivíduo. Atravessar a ponte é decisão de cada pessoa.

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- 1) Como muitas pessoas julgam a apologética?
- 2) Qual a diferença entre apologética e heresiologia?
- 3) Como Soren Kirkegaard definiu a fé?

## 5

## HISTÓRIA DA APOLOGÉTICA

Como já vimos, os próprios textos neotestamentários tinham caráter apologético. E não estamos falando apenas das epístolas, mas de todos os livros. Quando observamos os evangelhos por exemplo, esse enfoque se torna ainda mais destacado.

Cada evangelho foi dirigido a uma comunidade diferente. Mateus aos judeus, Marcos aos romanos, Lucas aos gregos e João à Igreja. Cada um deles destacou aspecto de Jesus e sua mensagem que melhor se ajustavam para responder os anseios de seus leitores. O grande número de referências às profecias encontrado em Mateus era sua tentativa de mostrar aos judeus a messianidade de Jesus. A ênfase na ação, mais do que nas palavras, utilizado por Marcos, se ajustava ao caráter prático dos romanos. Lucas descreve o homem perfeito desejado pelos gregos. João, escrevendo depois de todos e vivendo em uma época em que diversos desvios já começavam a se manifestar no cristianismo, escreve seu evangelho para fortalecer a fé da Igreja nos fundamentos dos apóstolos.

Paulo, como um dos principais escritores do Novo Testamento, devido ao seu arcabouço intelectual, faz em suas epístolas uma completa apresentação do Evangelho, dando ao cristianismo uma cosmovisão a partir da revelação do Antigo Testamento, agora completada pela revelação do Messias.

Como podemos ver, não bastava apenas expor as verdades evangélicas, porque essas não estavam caindo em terreno neutro. Os destinatários viviam em contextos hostis ou alheios a mensagem na maioria das vezes. Se tomarmos o exemplo de 1 Coríntios 15, Paulo não está apenas falando que Jesus ressuscitou, mas apresentando razões e explicações relacionadas ao tema. Para seu público se tratava de uma ideia nova, não antes discutida ou proposta por seus pensadores. Era necessária uma defesa do tema.

Assim, o evangelho já nasce apologético, porque nascendo em meio a uma cultura reinante, se chocou evidentemente com ela, necessitando assim de defesa.

### 5.1 OS PAIS APOLOGISTAS

Logo após o período apostólico, surge um grupo de líderes intelectuais que vão enfrentar as oposições ao cristianismo. São os apologistas e os polemistas. Os primeiros fazem parte do grupo relacionado ao nosso assunto. O segundo, semelhantes, mas diferente dos primeiros, são chamados de polemistas porque entraram em conflito com as primeiras heresias na Igreja Primitiva.

Os apologistas tinham um duplo papel – refutar as falsas acusações lançadas contra os cristãos e ao mesmo tempo fazer uma apresentação do evangelho para as autoridades romanas e para os intelectuais de cultura helênica. Os dois primeiros séculos foram bastante fecundos nesse tipo de literatura.

Esses homens, devido a sua origem, escreveram mais como filósofos do que como teólogos. Para a maioria deles o Cristianismo era a verdadeira filosofia. Uma vez que o Pentateuco tinha sido escrito antes dos tempos homéricos, era superior a toda verdade encontrada no pensamento grego. A vida pura de Cristo e o cumprimento das profecias do Antigo Testamento sobre Ele eram as provas de que o cristianismo era essa filosofia da mais alta espécie. Educados em geral na filosofia grega, como um meio de levar homens a Cristo. Eles se utilizaram do Novo Testamento muito mais do que os chamados Pais Apostólicos. Entre esses apologistas podemos citar Aristides de Atenas, Justino Mártir, Taciano, Atenágoras e Teófilo de Antioquia, entre outros. Esses foram apologistas na região oriental do Império Romano. Na região oriental tivemos nomes como Tertuliano e Minúcio Félix, que procuraram dirimir os preconceitos dos filósofos e autoridades do mundo romano.

Essa atitude reflete muito o caráter da própria apologética. Foi criada uma ponte entre a mensagem do Evangelho e a cultura filosófica grega do mundo mediterrâneo dentro do Império Romano. Em parte possibilitou a

compreensão e aceitação do Evangelho por parte de alguns e em parte produziu um cristianismo híbrido, com forte apelo reflexivo.

É verdade que alguns desses apologistas, principalmente Tertuliano, foi contra esse tipo de abordagem. Em uma passagem clássica, ele faz a defesa por uma apologética e uma teologia livre da influência filosófica grega. Para ele, que foi um polemista (entrou em conflito com as heresias de seu tempo, geralmente também imbuídas da filosofia grega), parecia uma incoerência usar as mesmas fontes dos hereges. Em uma passagem clássica ele escreveu:

Os filósofos e os hereges discutem os mesmos assuntos e empregam os mesmos argumentos complexos. Pobre Aristóteles! Foi você quem lhes ensinou dialética, para se tornarem hábeis em construir e derrubar. Eles são tão sutis em suas teorias, formais em suas inferências, tão seguros sobre suas provas, tão solenes em seus debates, que se tornam fatigantes em virtude do fato que tratam de tudo de tão modo que, em última análise, não se tratou de nada. Que tem Atenas a ver com Jerusalém? Que tem a academia a ver com a igreja? Que tem os hereges a ver com os cristãos? Nossa doutrina flui da sala de pilares de Salomão, que aprendera que é preciso buscar ao Senhor com inocência de coração. A mim pouco importa, quem quiser que produza um cristianismo estoico, platônico e dialético. Visto como o evangelho de Cristo nos foi proclamado, não precisamos mais perscrutar esses assuntos. Se temos fé, não desejamos outra coisa além da fé. Nada há além desta fé em que precisamos crer.

## 5.2 NA IDADE MÉDIA

A Idade Média foi marcada pela religiosidade cristã católica. A união entre a Igreja e o Estado, iniciada por Constantino, aprofundou-se e alastrou-se até produzir uma sociedade cristianizada, onde os valores ditos cristãos eram naturalmente aceitos ou mantidos pela coerção dessa própria sociedade, semelhante ao que acontece no islamismo. A necessidade de uma apologética era mínima.

Todavia, o surgimento da civilização islâmica nas terras vizinhas do Oriente Médio, Norte da África e Sul da Espanha tornou necessária uma defesa do cristianismo perante a fé de Maomé. Entretanto, isso nem sempre aconteceu, pois ambas as civilizações, islâmica e católica, permaneceram em seus limites geográficos, vivenciando na maioria das vezes apenas conflitos bélicos, como no caso das Cruzadas.

Uma famosa exceção a essa regra pode ser encontrada em Raimundo Lúlio ou Raimond Lull. Convertido ao cristianismo, ele foi um dos raros homens desse período que pensou em conquistar os muçulmanos pela força dos argumentos. Ele desenvolveu toda uma apologética do cristianismo perante o pensamento Islâmico. Tentou de fato penetrar no mundo muçulmano para discutir com os sábios dali a superioridade do cristianismo sobre o islamismo. Alguns vezes até conseguiu estabelecer diálogo, mas sendo preso, expulso e posteriormente morto, não pode levar avante sua obra. Todavia, sua intenção e argumentação permaneceram como um marco da apologética nesse tempo.

## 5.3 DA REFORMA EM DIANTE

A Reforma pouco significou em termos de apologética. Havia, é claro, uma apologética do protestantismo frente ao catolicismo, mas nesse caso a argumentação ficava restrita ao cristianismo. Toda a discussão se deu dentro da sociedade cristianizada.

Será com o advento do Iluminismo e da Revolução Francesa que a apologética cristã necessitará desenvolver todo seu vigor. Com ambos nasce um espírito de crítica à Igreja, ao cristianismo e até mesmo contra toda a religião. O ateísmo passa a ser uma ideologia abraçada por muitos pensadores, muitas vezes de forma agressiva. A expansão do mundo europeu devido às grandes navegações oceânicas apresentou diante da Europa um mundo de pensamentos distintos e religiões distintas do cristianismo. Todos esses fatores obrigou ao cristianismo erguer sua bandeira e defender seus conceitos e valores.



Agora, dentro da sociedade ocidental, nascia o secularismo e correntes antagônicas ao cristianismo. Ataques intelectuais de todas as categorias foram lançados, exigindo respostas aos argumentos dos ateístas e secularistas. Os erros do cristianismo, como as guerras religiosas, principalmente aquelas da chamada Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), entre católicos e protestantes, levou muitos a questionar se não o mundo não seria melhor sem a religião.

A partir de então começam a surgir diversas correntes de pensamento e visão do mundo. A liberdade de pensamento produziu multiplicidades de pensamento. Os intelectuais cristãos e teólogos se viram com a tarefa de explicar o evangelho para uma geração exposta à inúmeras ideias. A Igreja passou a ter um sem número de “concorrentes” na missão de explicar o número. Diante desse fato surgiram teólogos e pensadores cristãos que tomaram para si a bandeira da apologética.

Entre esses números podemos citar Blaise Pascal, jansenista (um grupo católico que adotou conceitos bem semelhantes aos da Reforma), cuja obra *Pensamentos* reflete o conflito com o ateísmo e materialismo reinante em seu tempo. Na Inglaterra vai surgir G.K. Chesterton, apologista católico que lutou com diversas correntes de seu tempo, defendendo o cristianismo.

O meio protestante tem produzido grandes apologistas populares, principalmente da Inglaterra e Estados Unidos. C. S. Lewis, Francis Schaeffer, Josh McDowell, Norman Geisler, Alister McGrath são alguns autores e pensadores que têm se destacado na defesa da fé cristã e alcançado grande êxito.

A civilização ocidental atual levantou a bandeira da multiculturalidade. O resultado disso é que, além das dissidências internas em seu meio em termos de visão de mundo, há um conflito com outras correntes mundiais, vindas do extremo oriente e da civilização islâmica. O ocidente sempre foi povoado por inúmeras seitas pseudo-cristãs, mas agora tem sido alvo da militância hindu, através do movimento Nova Era e também do islamismo, que declaradamente busca se apossar dessa parte do mundo.

Geralmente nossa civilização é apresentada como sendo pós-cristã. Isso significa que o cristianismo já não é mais visto como óbvio, nem mesmo como essencial. A disputa com outras ideias transforma a apologética em uma das maiores necessidades de nosso tempo. Termina por ser uma ferramenta essencial na evangelização, por esse trabalho não encontrará mentes vazias, mas geralmente já formadas por outras cosmovisões e conceitos distintos ou contrários à Bíblia e ao cristianismo.

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- 1) Escreva o nome de dois apologistas da Igreja Primitiva.
- 2) Por que na Idade Média a apologética não se desenvolveu?

## 6

## APOLOGÉTICA E EVANGELISMO

Muitos terminam por enxergar na apologética um assunto difícil e pouco prático, destinado a mentes brilhantes e acadêmicos preocupados com questões irrelevantes. Não conseguem ver o óbvio, que a apologética está no cerne de todo trabalho evangelístico. Se tomarmos os grandes sermões do livro de Atos, vamos perceber o uso frequente da apologética, da defesa do evangelho perante outras culturas. Isso é muito claro, principalmente no famoso sermão de Paulo no Aéropago, onde a fé cristã estava entrando no terreno do pensamento helenista. Proclamação e apologética, kerygma e apologia, são dois lados de uma mesma moeda.

É com a apologética que se faz evangelismo. Enquanto esta primeira vai quebrando os falsos conceitos e falsos raciocínios, a proclamação vai inserindo na mente da pessoa a verdade salvadora. A apologética é como um arado que vai preparando a mente humana para a mensagem.

Quando Paulo chegou a Atenas, ele encontrou uma situação que o incomodou profundamente. Aquela cidade era tudo, menos neutra em questões ideológicas e religiosas. Era um desafio para o Evangelho.

E, enquanto Paulo os esperava em Atenas, o seu espírito se comovia em si mesmo, vendo a cidade tão entregue à idolatria.

De sorte que disputava na sinagoga com os judeus e religiosos, e todos os dias na praça com os que se apresentavam. E alguns dos filósofos epicureus e estoicos contendiam com ele; e uns diziam: Que quer dizer este paroleiro? E outros: Parece que é pregador de deuses estranhos; porque lhes anunciava a Jesus e a ressurreição. E tomando-o, o levaram ao Areópago, dizendo:

Poderemos nós saber que nova doutrina é essa de que falas? (At 17.16-19)

Nos templos religiosos (sinagogas), nas praças onde se encontravam adeptos de diversas seitas (o epicurismo e o estoicismo haviam se tornado religiões, tal como aconteceu com o taoísmo e com o confucionismo na China) e em locais de debate como o Aerópago, Paulo tentou transpor aquelas fortalezas. Com argumentos bíblicos ou filosóficos oriundos das Escrituras, ele procurou levá-los à fé em Jesus Cristo.

Nosso mundo, e talvez o Ocidente em maior grau, tornou-se uma imensa Atenas. Religiões, idolatrias e ideologias desfilam diariamente nas ruas, fazendo novos adeptos, aprisionando mentes e afastando-as da verdade. Alguns escapam dessas teias invisíveis e tornam-se membros do Reino de Deus. A maioria, porém, permanece presa a esses tenazes fios como presas a serem devoradas.

Claro que a proclamação é muito mais que um trabalho espiritual e a apologética não pretende ser uma substituta desse aspecto espiritual. Pelo contrário. Ainda assim não podemos ignorar os conceitos ideológicos e psicológicos envolvidos no esforço de conquistar as vidas e por isso precisamos considerar ambos os aspectos.

Todas as pessoas precisam ouvir o evangelho, mas se tomarmos alguém que foi de alguma forma influenciado por uma religião ou ideologia, a disposição delas diante do Evangelho é diferente. Pessoas envolvidas e doutrinadas naturalmente oferecerão mais resistências do que as demais. Será necessário “anular sofismas” e “derrubar raciocínios” (2 Coríntios 10.4, 5), usando argumentos ungidos e autoridade espiritual. Muitas delas possuem o que os filósofos alemães chamam de uma *weltanschauung*, ou seja, uma visão de mundo, uma cosmovisão, que funciona como um muro contra os conceitos da Bíblia. Precisaremos aliar contra-argumentos bíblicos bem fundamentados com unção e ação de Deus, para vencer esses muros. É por isso que precisaremos de oração, de muita oração, para que o quadro estatístico que apresentamos sofra mudanças. Precisamos conhecer nosso público-alvo quando formos evangelizar e transmitir a mensagem certa.

Como escreveu Alister McGrath:

A apologética responsável baseia-se no conhecimento tanto do evangelho quanto do público a quem se dirige. As pessoas têm diferentes motivos para se tornarem cristãs.

Elas apresentam diferentes pontos de contato com o evangelho. Uma apologética insensível à realidade humana e à variedade de situações nas quais as pessoas se encontram cairá rapidamente no vazio.

A apologética é um recurso, e cabe ao apologista fazer as relações com a vida das pessoas, de carne e osso, do mundo atual. Sem essa ponte, as teorias não passam de teorias, nada são além de ideias abstratas suspensas no ar sem nenhuma fundamentação na realidade da vida. A história da apologética cristã, porém, mostra que tais relações podem ser feitas, assim como a história da Igreja mostra que devem ser feitas. Feitas as contas, concluímos que a apologética não tem a ver apenas com a vitória de uma argumentação sobre outra; seu objetivo é conquistar pessoas.<sup>2</sup>

### 6.1 A FÉ CRISTÃ É OBJETIVA E ESTÁ APOIADA EM FATOS

Em segundo lugar, a fé cristã apoia-se em fatos. Ela é uma religião histórica. Não está fundamentada em experiência particulares e subjetivas. As religiões orientais, ao contrário, fundamentam-se na experiência individual. Nós cremos que nossa salvação se fez efetiva, porque Jesus Cristo, o Filho de Deus, tornou-se homem, viveu nesta terra, morreu pelos nossos pecados na cruz, ressuscitou ao terceiro dia e subiu aos céus. Estes são os principais eventos nos quais se apoiam nossa fé e esperança.

- “Tendo, pois, muitos empreendido por em ordem a narração dos fatos que entre nós se cumpriram, segundo nos transmitiram os mesmos que os presenciaram desde o princípio e foram ministros da palavra, pareceu-me também a mim conveniente descrevê-los a ti, ó excelentíssimo Teófilo, por sua ordem, havendo-me já informado minuciosamente de tudo desde o princípio (Lc 1.1-3)”
- “Se Cristo não ressuscitou dentre os mortos, é vã a nossa pregação e vã a vossa pregação (1 Co 15.14)”
- “Porque não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo a fábulas artificialmente compostas. Mas nós mesmos vimos a sua majestade (2 Pe 1.16)”.

As religiões orientais não fazem distinção entre fato e lenda. Rama e Krishná, deuses importantes do panteão, tiveram suas vidas narradas entre os homens, embora não haja nenhuma fundamentação histórica para isto. E dentro do conceito hindu de verdade religiosa, isto não faz nenhuma diferença. O mesmo se dá com as lendas em torno da pessoa de Sidarta Gautama, o Buda. História e lenda se misturam sem que isto faça qualquer diferença para os conceitos budistas. Da mesma forma o taoísmo introduziu diversas lendas populares no seu desenvolvimento histórico sem qualquer constrangimento.

Esta diferença de visão do mundo, da história e dos objetos da fé, tornam impraticáveis qualquer associação entre religiões orientais e cristianismo.

A fé cristã é uma fé objetiva; deve, portanto, ter um objetivo. O conceito cristão de fé “salvadora” é o de uma fé em que se estabelece um relacionamento com Jesus Cristo... Um clichê que se deve rejeitar é: “Não importa o que você crê, desde que tenha convicção disto”.

(Josh McDowell, *Evidências que exigem um veredito*, Candeia, p. 5)

### 6.2 ANALISANDO ANTES DE RESPONDER

Em um ambiente de trabalho, ou na escola, na faculdade ou mesmo em outros contextos, vamos encontrar pessoas que possuem dúvidas sinceras com respeito aos ensinamentos da Bíblia e do cristianismo em geral. São pessoas sensatas, que, gostaria de crer, mas encontram certas dificuldades em encaixar aquilo que a Palavra de Deus

2. MCGRATH, Alister. *Apologética Cristã no século XXI*. São Paulo: Vida, 2008

ensina dentro do mundo moderno. Mesmo quando eles leem a Bíblia, surgem perguntas e eles não se sentem confortáveis em crer até que esclareçam essas dúvidas.

Na escola aprendemos que os seres tiveram sua origem na seleção natural das espécies, pela sobrevivência dos mais aptos. Geralmente são cientistas e outros homens cultos que estão por trás dessa teoria. Mesmo que algumas pessoas não cristãs duvidem da Teoria da Evolução das Espécies, elas se sentem sem argumento para discordar.

Os problemas sociais são outro exemplo que coloca as pessoas em conflito. Elas não sabem como relacionar um Deus bom, os cristãos e a solução desses problemas tão graves que assolam a humanidade. O marxismo, que deu origem aos governos socialistas e comunistas, pretende ser a resposta e a solução definitiva a essas questões.

Outro assunto que coloca dúvidas no coração das pessoas é o número muito grande de religiões e grupos se dizendo portadores da verdade. Como saber qual deles é verdadeiramente o certo? Todos defendem estar com a verdade. Por esse motivo as pessoas preferem não crer em nenhuma.

Além desses assuntos todos, existem as falhas das igrejas e de cristãos, que são apontados como motivos de não se envolver com nada.

Todavia, precisamos ter em mente que nem todos que alegam dúvidas com respeito à Bíblia ou ao cristianismo são de fato sinceros. Muitos desses, na verdade, não querem crer, pois sabem que se aceitarem a Bíblia como verdadeira terão de largar seus hábitos pecaminosos. Eles bebem, fumam, usam drogas, praticam sexo ilícito e sabem que Deus condena todas essas práticas. Por isso preferem não crer.

Nesse caso, seu problema não é intelectual e sim volitivo. Não é que tem dúvidas. Na verdade não tem vontade de crer. Com pessoas desse tipo, você pode gastar todos os seus argumentos e eles continuarão irredutíveis. Seus argumentos nada significarão.

Como apologista, você não deve se sentir diminuído ou incapaz. Mesmo um evolucionista sabe que sua teoria não responde a todas as questões. Ainda assim ele continua defendendo sua opinião.

É por esse motivo que você precisa analisar cada pergunta e não tentar responder as que lhe parecem difíceis. Às vezes uma má resposta ou uma explicação não convincente é bem pior que resposta nenhuma. Leitura e meditação constante fazem parte da vida daqueles que querem dizer palavras “verdadeiras e de bom senso”.

Cuidado com aqueles que querem transformar as perguntas de alguns em debates públicos. A não ser que você esteja muito seguro do que vai falar, o fato de não saber o que responder pode levar a ser ridicularizado e provocado emocionalmente. Seu intuito não é exibir sua inteligência ou mostrar que sabe mais que o outro. Seu desejo é apenas mostrar que sua fé tem coerência e bom senso.

### 6.3 O CONCEITO DE VERDADE

Há um grande desafio no mundo moderno para nós cristãos defendermos nossa fé. Talvez os versículos evangelísticos mais conhecidos sejam: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida, ninguém vai ao Pai se não for por mim” (Jo 14.6) e o outro seria “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8.32). A verdade é salvadora e libertadora.

Acontece que o próprio conceito de verdade tem sido alterado. Como bem ilustrou Francis Schaeffer: O católico romano ortodoxo me diria que vou para o inferno, pois rejeitei a verdadeira Igreja. Ele está lidando com um conceito de verdade absoluta. Mas o novo católico romano que senta comigo junto à lareira diz: “Você é legal, Dr. Schaeffer, porque é tão sincero!”<sup>3</sup>

O que ele quer mostrar é que antigamente as pessoas tinham uma noção absoluta da verdade. Ou uma coisa era ou não era. Preto era preto e branco era branco. Havia o certo e havia o errado. Hoje, frases como “Cada cabeça é sua sentença” reflete a individualização da verdade. Demonstra um relativismo com relação à realidade na mente de pessoas que estão longe de conhecer filosofia. O homem da rua, do dia a dia, diante da multiplicidade de crenças e de valores, tem aceitado a proposta feita por muitos filósofos de que tudo é verdadeiro se você acre-

3. SCHAEFFER, *op. Cit.*

dita nisso sinceramente. Isaías 5.20 pode ser apontado como uma crítica divina a todo esse conceito distorcido de verdade: “Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem, mal! Que fazem da escuridade luz, e da luz, escuridade, e fazem do amargo doce, e do doce, amargo!”

Sendo assim, a apologética se torna necessária mesmo antes de fazer apologia do evangelho. É muito útil conhecer algumas colocações de Norman Geisler sobre essa questão da verdade: Existem muitas outras verdades sobre a verdade. Veja algumas delas:

- A verdade é descoberta, e não inventada. Ela existe independentemente do conhecimento que uma pessoa tenha dela (a lei da gravidade existia antes de Newton).
- A verdade é transcultural. Se alguma coisa é verdadeira, então ela é verdadeira para todas as pessoas, em todos os lugares, em todas as épocas ( $2 + 2 = 4$  para todo o mundo, em todo lugar, o tempo todo).
- A verdade é imutável, embora as nossas crenças sobre a verdade possam mudar (quando começamos a acreditar que a Terra era redonda, em vez de plana, a verdade sobre a Terra não mudou; o que mudou foi nossa crença sobre a forma da Terra).
- As crenças não podem mudar um fato, não importa com que seriedade elas sejam esposadas (alguém pode sinceramente acreditar que o mundo é plano, mas isso faz apenas a pessoa estar sinceramente errada).
- A verdade não é afetada pela atitude de quem a professa (uma pessoa arrogante não torna falsa a verdade que ela professa. Uma pessoa humilde não faz o erro que ela professa transformar-se em verdade).
- Todas as verdades são verdades absolutas. Até mesmo as verdades que parecem ser relativas são realmente absolutas (e.g., a afirmação “Eu, Frank Tutek, senti calor no dia 20 de novembro de 2003” aparentemente é uma verdade relativa, mas é realmente absoluta para todo o mundo, em todos os lugares, que Frank Turek teve a sensação de calor naquele dia).

Em resumo, é possível haver crenças contrárias, mas verdades contrárias é uma coisa impossível de existir. Podemos acreditar que uma coisa é verdade, mas não podemos fazer tudo ser verdade.

Leva um tempo para compreender essas proposições acerca da verdade e mais um tempo para saber explicá-las de maneira compreensível. Mais uma vez exposto isso, as coisas se tornam mais fáceis. A noção que as pessoas têm sobre verdades espirituais é que tudo se trata da criação da mente humana, de estar lidando com uma realidade que só existe na mente delas.

Um dos princípios lógicos fundamentais do pensamento ocidental é o Princípio da não contradição. “Tudo aquilo que é, é” (Locke) e “Toda coisa é aquilo que é” (Leibniz). Em outras palavras, uma coisa não pode “ser” e “não ser” ao mesmo tempo. Isso constitui o fundamento de nosso pensamento.

Enquanto o ocidente geralmente privilegia o “Objeto”, o oriente e particularmente o hinduísmo tende a privilegiar o “Sujeito”. Para nós a realidade é o que nos cerca, para o hindu ela é produto de sua mente. Para nós ela é tangível, antecede a nós e independe de nós. Para ele são produto de “maia”, ilusão. Nosso desafio é fazer com que ele perceba a importância dos fatos e aceite a realidade.

Questionar sobre os seus valores e educadamente e procurar compará-lo com os nossos de forma polida, com temor e mansidão, pode despertar no hindu reflexão sadia sobre a sua maneira de ver a vida. Temos o exemplo de Ghandi, que, como bom indiano, fazia adoração ao linga (órgão sexual masculino ou feminino). Seu encontro com a mente ocidental levou-o a abandonar tal prática. Ele afirmou que fazia aquilo com toda pureza, como algo verdadeiramente espiritual e mesmo assim percebeu que era uma prática incorreta. Apesar de arraigado um pensamento, tudo pode ser esclarecido.

O Princípio da não contradição afirma: é impossível que um ser seja e não seja idêntico a si mesmo ao mesmo tempo e na mesma relação. É impossível A é A e não A. “Nenhum juízo é verdadeiro e falso ao mesmo tempo”.

“É impossível que o que é, não seja, ou que o não é, seja”.

“O mesmo sujeito não admite ao mesmo tempo predicados contrários”.

“É impossível que uma coisa seja e não seja ao mesmo tempo”. (Locke)

“A afirmação e a negação não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo do mesmo sujeito”. Isso pode parecer o óbvio, mas nem sempre o hindu tem esse sentido de distinção.

## 6.4 TENHA CONVICÇÃO E CERTEZA DE ONDE ESTÁ APOIADA A SUA FÉ

Antes de iniciar qualquer debate, esteja seguro daquilo que você acredita. Nem todo mundo hoje possui convicções firmes ou bem fundamentadas. Na maioria das vezes eles repetem o que ouviram de outros ou o que normalmente as pessoas acreditam sem ter analisado ou refletido.

Se você diz que fundamenta sua fé na Palavra de Deus, deve saber em que lugar ela confirma as suas crenças. Você acredita que ela apresenta a verdade salvadora que pode salvar o homem e indicar o caminho correto para a vida. As pessoas geralmente extraem as suas “verdades” de outras fontes que não a Bíblia e é importante saber que essas fontes não são seguras. Entre os elementos nos quais as pessoas buscam consciente ou inconscientemente basear suas crenças, podemos citar:

### 1. Quantidade

No monte Carmelo eram oitocentos e cinquenta profetas de Baal e do poste ídolo, contra um único profeta do Senhor, Elias. (1 Rs 18.19). Não precisamos dizer quem detinha a verdade. O número de pessoas que creem em uma afirmação não a fazem verdadeira. Nem um bilhão de muçulmanos crentes no Alcorão podem torná-lo a verdadeira Palavra de Deus. Julgar uma crença pelo número de adeptos é medi-la com um padrão extremamente falível. Se Colombo assim pensasse, jamais descobriria a América. Neste caso, os números mentem.

Portanto, a nossa fé não se apoia na adesão de poucos ou de muitos. O prumo das Escrituras ignora resultados numéricos, embora o mundo moderno ame as estatísticas. Seguir multidões não é sinônimo, nem antônimo de seguir a Cristo. A Palavra é a Palavra “quer ouçam, quer deixem de ouvir” (Ez 2.7)

### 2. Antiguidade

A antiguidade de uma crença jamais será garantia de sua veracidade. O politeísmo é quase tão velho quanto a humanidade, mas isto não o torna aceitável. Astrólogos e reencarnacionistas gostam de apoiar-se sobre este fundamento, vangloriando-se de vestígios mesopotâmicos e egípcios de suas práticas. Mas a verdade não vive de múmias. Os antigos podem estar tão errados quantos os modernos. O movimento Nova Era, em sua adoração ao primitivo e ao antigo, não tem restaurado a verdade e sim ressuscitado o paganismo. Não é porque a astrologia é antiga que ela é verdadeira.

### 3. Sucesso

Sucesso transformou-se na palavra do momento, capaz de justificar qualquer comportamento e validar qualquer conceito. As pessoas estão dispostas a aceitar qualquer ensino – mesmo o Evangelho – se este os levar ao sucesso imediato. Se uma pessoa teve sucesso em sua vida, então tudo o que ela diz deve ser verdade e se alguém ensina algo, mas não é bem-sucedida para os padrões seculares atuais, então deve ser descartado em favor de outro melhor. Uma mensagem de “deixa tudo e segue-me” ou “negue-se a si mesmo” soa muito fracassada. Mártires já não são bem vistos e são muito mal ouvidos. Qualquer líder religioso que demonstre e prometa prosperidade, felicidade e sucesso é considerado verdadeiro.

Sabemos que a verdade pode tornar alguém bem-sucedido. Mas isso não significa que alguém bem-sucedido pode tornar qualquer coisa verdade. Pessoas bem-sucedidas podem estar avançando por outros caminhos que não os de Deus. Nem toda a fama de Paulo Coelho pode dar validade ao conteúdo de seus livros. Eles não passarão de ficção repleta de ideias pagãs, que matam em vez de dar vida.

#### 4. Moralidade

É perigoso colocar o comportamento como fundamento da verdade. As boas obras impressionam de uma tal forma, que muitos pressupõem que se alguém prega e faz bem ao próximo, então seu ensino deve definitivamente ser verdadeiro. Estas são coisas boas, que devem ser estimuladas e praticadas, sem no entanto confirmar qualquer doutrina. O espiritismo por um lado exalta a caridade e por isso conquista respeito da opinião pública. Por outro lado fomenta a consulta e incorporação dos chamados “espíritos de luz”, levando muitos ao pecado e à influência satânica.

Suas boas obras não podem justificar seus erros.

O apóstolo Paulo muitas vezes teve de se defrontar com homens que por um lado apresentavam aparência de justiça e por outro sustentavam ensinamentos contrários ao Evangelho.

Seus discípulos ficavam perplexos em concordar com o apóstolo, tendo de condenar homens que viviam uma vida justa. Sua resposta foi: “E não é maravilha pois o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz. Portanto não é muito que os seus ministros se transfigurem em ministros da justiça” (2 Co 11.14,15). Todos os que servem a Deus devem ser justos, mas nem todos aqueles que possuem aparência de justiça servem a Deus. O amor não é equivalente à verdade, embora os dois tenham que andar juntos.

#### 5. Beleza

As pessoas muitas vezes estão mais preocupadas com a aparência do que com a verdade. Todos querem uma religião de aparência, que pareça bonita, sem se importar se ela seja verdadeira ou não.

Trocam facilmente o conteúdo pela forma. Nem tudo o que é belo, é necessariamente bom e verdadeiro. Nem tudo que é verdadeiro tem de necessariamente ser belo, mas com certeza será bom.

#### 6. Agradabilidade

Ninguém se tornará popular pregando a doutrina do inferno. Ela não agrada aos ouvidos. Os que rejeitam a ideia de um inferno de fogo, onde os ímpios passarão a eternidade, não o rejeitam por não ser bíblica, mas pela sua dureza. Da mesma sorte, os que a pregam não o fazem com um senso de prazer, mas de fidelidade às Escrituras. A verdade nem sempre é totalmente doce. “E fui ao anjo, dizendo-lhe: Dá-me o livrinho. E ele disse-me: Toma-o e come-o. E ele fará amargo o teu ventre, mas na tua boca será doce como o mel” (Ap 10.9).

Há sempre tendência de se querer “adocicar” a mensagem para não repelir os ouvintes e tirar de seu conteúdo elementos que possam causar algum desconforto. Deus é bom e justo. Abraçar sua bondade e rejeitar sua justiça é a atitude de muitos. Um Deus que julga, condena e castiga o pecado tem se tornado cada vez mais impopular. A LBV chega ao ponto de interceder por Lúcifer para que ele seja salvo e o universalismo prega a salvação de todos os homens. São colocações agradáveis em termos de religião, mas não são verdadeiros e portanto não salvam.

#### 7. Erudição

Erudição e verdade não são sinônimos. Porque alguém sabe muito não significa que saiba a verdade. É muito fácil se impressionar com a cultura de uma pessoa e achar que pelo seu grande conhecimento ela deve estar certa em suas afirmações.

Homens como Marx, Engels e Nietzsche foram filósofos de conhecimento e profundidade extraordinários. Mas seus ensinamentos se mostraram falsos e destrutivos ao longo da História. Até o pensamento científico, que é olhado como árbitro de todas as afirmações, já defendeu enormes absurdos. Não rejeitamos a ciência, mas também não podemos tomá-la por infalível. Só Deus é infalível.

#### 8. Convicção

É mais comum do que se pensa errar com convicção. “Há caminhos que ao homem parece direito, mas no fim são caminhos de morte”. (Pv 14.12) Alguém pode pregar e ensinar o erro com mais entusiasmo do que outros

que ensinam a verdade. Uma crença não é verdadeira somente porque seus professantes se dispõem a morrer por ela. O martírio pode honrar a verdade, mas jamais pode tornar verdadeiro aquilo que é falso. Sem dúvida Hitler estava convencido das ideias loucas do nazismo e as proclamava com uma tal convicção que pode influenciar toda uma nação, isto porém não torna a doutrina nazista veraz.

Principalmente no meio de um grupo grande de pessoas, o ser humano tende a ser sugestionado pelos sentimentos e começa a reagir como o grupo. Qualquer pessoa então que proclame algo com insistência pode influenciar as pessoas a aceitarem coisas que não são verdadeiras.

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- 1) Por que temos de analisar antes de responder àqueles que questionam a fé cristã?
- 2) Qual o problema com o conceito de verdade atual?
- 3) Escreva três falsos fundamentos para a verdade.

## ACUSAÇÕES COM RELAÇÃO AOS ERROS DO CRISTIANISMO

Um dos desafios apologéticos encontrados por aqueles que querem proclamar e defender sua fé são as acusações dirigidas ao cristianismo. Muitas dessas acusações existem apenas na cabeça dos acusadores, que não conhecem história suficiente e apenas repetem o que outros estão dizendo. Existe inclusive o chamado *Livro Negro do Cristianismo* que faz questão de enumerar todo e qualquer erro cometido por supostos ou cristãos de fato.

Antes de expor alguns pontos que devem ser levados em consideração, nesse debate apologético é muito importante saber discernir entre cristianismo bíblico e cristianismo histórico. A Bíblia, e mais precisamente o Novo Testamento, expõe como deve ser crida, vivida e praticada a fé cristã. Isso não significa que todos aqueles que tinham e têm o título de cristão viveram conforme essa norma.

Em algumas instâncias tais pessoas se desviaram desse padrão devido à própria condição humana decaída, fato também ensinado pelo cristianismo. Por outro lado, nem tudo aquilo que teve o nome de cristão era necessariamente cristão bíblico, podendo ser um valor cultural ou pessoal incorporado pela instituição Igreja.

Um claro exemplo disso está presente naquilo que envolve o celibato. Ele é tão presente no catolicismo romano que alguns o consideram inerente ao cristianismo. Não fosse o protestantismo bani-lo de seu contexto como obrigação dos ministros, o celibato seria visto como uma verdade bíblica, quando evidentemente não é o fato.

Neste aspecto, o apóstolo Paulo fez um amplo desenvolvimento, mesmo porque ele foi um celibatário, por plena voluntariedade como disse Jesus. Mas ele não encarava tal fato como uma obrigação ministerial. Muito pelo contrário. Questionou aos coríntios em sua primeira epístola “Não temos nós o direito de levar conosco uma esposa crente, como fazem os demais apóstolos, e os irmãos do Senhor e Cefas?” (2 Co 9.5).

Logo, o celibato obrigatório não era instituição apostólica. Uma nota da Bíblia de Jerusalém sobre esta passagem diz: “Como quer que seja, em vista dos problemas materiais, os apóstolos casados, como Cefas (Pedro), geralmente levavam a esposa em missão”.

É difícil traçar uma genealogia histórica para o celibato clerical. Com certeza não foi apostólico tanto quanto não é bíblico. Nunca foi geral dentro do cristianismo e, mesmo quando foi imposto aos clérigos, nem assim era praticado uniformemente. “Por exemplo, a igreja oriental sempre permitiu que seus sacerdotes casassem. O celibato clerical é exigido somente dos monges. Os bispos ortodoxos orientais são tradicionalmente escolhidos dentro os monges, portanto, celibatários. O sacerdote simples da paróquia, no entanto, tem permissão para se casar antes de ser ordenado. Se for solteiro por ocasião de sua ordenação, deve permanecer assim. A tradição católica romana desenvolveu paulatinamente a prática do celibato clerical universal, de tal modo que todos os sacerdotes da Igreja devem permanecer solteiros e castos”. (Roger Olson, *História da Teologia Cristã*, Editora Vida, 1999, p. 309)

Isso não é um caminho que estamos trilhando para justificar todos os erros do evangelho. Mas é muito importante confrontar os contestadores com o fato que os fatos ruins sobre o cristianismo não são todos os fatos relativos ao cristianismo. Ele não tem sido uma desgraça para a humanidade, como uma corrente anticristã dentro da civilização ocidental tem querido fazer parecer. Ele tem sido uma bênção para a humanidade, coletiva e individualmente. E prova disso é você.

Não há nenhum problema em apologética você apresentar em que a mensagem do evangelho mudou sua vida. Os indivíduos transformados são a prova viva do que Deus pode fazer e ao mesmo tempo uma demonstração do poder transformador do cristianismo. Nesse caso, dentro do uso da apologética, é possível inverter esses con-

ceitos negativos sobre a igreja, o evangelho e o cristianismo que muitos adquiriram por experiências amargas e aprendizagem unilateral.

### 7.1 CRISTIANISMO E EXTREMISMO RELIGIOSO

A primeira coisa a dizer é que qualquer violência, de qualquer espécie, que tenha acontecido na história sob a bandeira do cristianismo, não passa de uma distorção desse mesmo cristianismo. Este nasceu do ensino de Cristo e seus discípulos e apóstolos, e seus escritos são a única fonte da doutrina cristã. Tudo o que não está de acordo com ela definitivamente não pertence a ela.

A Guerra dos Trinta Anos, que varreu a Europa de 1618 a 1648 e o atual conflito entre as Irlandas do Norte e do Sul, são conflitos de natureza política, cujos grupos antagônicos se identificaram com determinado ramo do cristianismo. Os conflitos não são consequência do Evangelho. Existem apesar dele e não por causa dele.

As guerras e revoluções são efetivadas como resultado de uma busca pelo poder. Os povos ou mesmo os governantes envolvidos nestes conflitos apresentam uma cultura particular, muitas vezes uma cultura cristã, seja ela católica, protestante ou outra. Cultura cristã, todavia, não é sinônimo de cristianismo e muito menos de doutrina cristã. Agressões podem ter sido feitas em nome do Cristianismo, mas nunca com sua aprovação.

Não negamos que atos reprováveis desta natureza tenham acontecido no passado ou que aconteçam no presente tempo. O que queremos provar é que estes atos não têm o mínimo apoio das Escrituras.

### 7.2 O CRISTIANISMO BÍBLICO É SOFREDOR E NÃO AGRESSOR

“Ouvistes que foi dito: Olho por olho e dente por dente. Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; e ao que quiser pleitear contigo e tirar-te a vestimenta, larga-lhe também a capa; e, se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas. Dá a quem te pedir e não te desvies daquele que quiser que lhe emprestes. Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem...” (Mt 5.38-45).

Matar, ferir, agredir, prender, coagir em nome da fé cristã é uma negação desta mesma fé cristã. Nenhum cristão, em obediência à Palavra, está autorizado ou motivado a cometer ações extremas em nome de Cristo. Se o Antigo Testamento, funcionando como legislação da nação judaica, autorizava a punição de certas transgressões, em nenhum momento incentivava a propagação da fé judaica por meios violentos. Tudo o que nela se refere à guerra está ligado a finalidades políticas, visando ao estabelecimento da nação. No Novo Testamento, nem mesmo estes elementos estão presentes.

Na verdade, nem mesmo a reação agressiva dos povos evangelizados justifica uma reação agressiva por parte da Igreja, quer seja provocada pela manifestação popular, que seja pela ação estatal. O espírito pacifista do cristianismo foi um ingrediente poderoso na conversão do Império Romano. A paciência dos mártires cristãos diante de seus executores convenceu a população do Império da superioridade da mensagem de Cristo.

### 7.3 O CRISTIANISMO BÍBLICO É PERSUASIVO E NÃO IMPOSITOR

“Porque, sendo livre para com todos, fiz-me servo de todos, para ganhar ainda mais. E fiz-me como judeu para os judeus, para ganhar os judeus; para os que estão debaixo da lei, como se estivesse debaixo da lei, para ganhar os que estão debaixo da lei. Para os que estão sem lei, como se estivesse sem lei (não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo), para ganhar os que estão sem lei. Fiz-me como fraco para os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para, por todos os meios, chegar a salvar alguns.” (1 Co 9.19-22)

Esta é a forma bíblica de expansão do Evangelho. Nada de agressões verbais ou físicas.

Nada de imposições ou obrigações estabelecidas, seja pelo Estado, seja por alguma instituição sujeita a este. Pregar e ensinar foi o método estabelecido por Jesus para divulgar sua mensagem ao mundo e assim seus discípulos procederam. Se pessoas mudariam sua fé, elas o fariam por meio das persuasão dos pregadores e não porque assim fossem coagidas.

## 7.4 O CRISTIANISMO BÍBLICO É ESPIRITUAL E NÃO BÉLICO

“Porque as armas da nossa milícia não são carnis...” (2 Co 10.4), diria o apóstolo. O combate pelo evangelho, tantas vezes mencionado (Fl; Cl; Ef), era apenas uma analogia, uma comparação. Em nenhum momento a espada foi colocada como meio de propagação da Palavra.

“Pedro, embainha tua espada, pois é necessário que aquele que ferir à espada, à espada seja morto”, disse Jesus.

Temos de aceitar o extremismo religioso como um desvio de comportamento presente em diversos segmentos religiosos e não a totalidade de qualquer religião.

## 7.5 EXTREMISMO FILOSÓFICO

Os grupos ateístas e secularistas modernos gostam de atribuir à religião a culpa exclusiva pelos conflitos bélicos mundiais. Deduzem que, se não houvessem ideologias religiosas, haveria paz.

Todavia, isso não é verdade. Qualquer extremismo é nocivo, seja ele religioso ou não. A intolerância, e não a convicção de qualquer espécie, é o motor por trás da agressão e do terrorismo. Qualquer ideologia, por mais passiva e neutra que seja, pode se tornar fonte de conflitos quando levada a extremos. A História é testemunha disso.

Entre os exemplos mais próximos temos o nazismo e o comunismo. Estes não têm base religiosa, ao menos declaradamente. Entretanto, apoiados em pressupostos raciais ou filosóficos, produziram uma infinidade de mortos e um sem número de guerras em todo o mundo. Segundo o Livro Negro do Comunismo, este produziu de 85 a 100 milhões de mortos, geralmente por se oporem à Revolução, ou como tática política para efetivação desta.

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- 1) O cristianismo sofre acusações? Cite um caso.
- 2) Cite uma prática presente no cristianismo histórico e ausente no cristianismo bíblico.
- 3) O que é extremismo filosófico?

## 8

## O CARÁTER EXCLUSIVISTA DO CRISTIANISMO

O cristianismo bíblico é exclusivista em sua natureza. Isso significa que ele não aceita sincretismos e misturas. Quando isso acontece, ele perde sua essência e deixa de ser cristianismo. Veja que o catolicismo apresenta, no América do Sul e Central, um alto grau de sincretismo com as religiões pré-colombianas e africanas. Muitos dos elementos dessas religiões foram adaptadas ao cristianismo.

No caso do protestantismo, houve aculturação ou síntese cultural, mas não sincretismo. A fundamentação bíblica do cristianismo evangélico impede que elementos não cristãos venham se sobrepor aos conceitos revelados nas Escrituras Sagradas. Por isso, jamais as religiões orientais poderão reformular o cristianismo. Podem até distorcê-lo, mas então ele terá deixado de ser cristianismo.

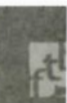
Certos alimentos nos dão água na boca só de pensarmos neles. Comer é um verdadeiro prazer pelo efeito que os diversos sabores causam em nosso paladar. Sejam alimentos naturais como as frutas, ou preparados como tortas e pudins, trazem sensações que podem até mesmo viciar, tal seu impacto em nós. Ninguém despreza uma boa cozinha, seja qual for a sua nacionalidade. Doce, salgado, azedo e até amargo – os alimentos nos cativam de tal forma que boa parte de nossa vida gira em torno de uma mesa, de jantares a *breakfasts*. É um dos grandes prazeres que Deus concedeu ao homem.

Ainda assim, não comemos porque os alimentos são gostosos. Comemos porque não temos opção. Se não comermos, morremos. Há uma grande diferença em fazer algo porque é bom e fazer algo porque é necessário. Comeríamos e as vezes até comemos, apesar de um alimento não ser tão gostoso. A necessidade nos impulsiona. Não há alternativa. Ou melhor, a alternativa é a morte. Os prazeres gustativos podem facilmente nos levar a esquecer que comer não é apenas bom ou importante, é vital. Até o frescor da água e a pureza do ar não são os verdadeiros motivos para sorvê-los. Precisamos indispensavelmente deles. Eles também não são opcionais. São vitais.

O Evangelho não é primeiramente paz, amor, alegria, cura. Não é um culto terapêutico e sentimentos pessoais. É o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê (Rm 1.16). Na verdade é a única salvação unicamente para quem crê. Os benefícios do Evangelho não são a razão para pregá-lo e levá-lo ao mundo. Restauração física, psicológica, social e familiar pode resultar da aceitação da mensagem, mas não é esta a razão de sua proclamação. Ele deve ser proclamado porque é vital, porque não há escolha, porque sem ele o ser humano está eternamente perdido. Não importa se ele é doce, salgado, azedo ou amargo. O importante é que somente nele o homem pode encontrar a salvação. Sem isso o homem está perdido. Como disse um apologista, ou o Cristianismo é TUDO para a humanidade, ou ele não é NADA. Ou é a maior das certezas ou a maior das ilusões...

Esta verdade criou mártires e heróis. Mobilizou milhões que semearam a verdade, nas ilhas e continentes. Se hoje há uma multidão de adoradores entre as nações, reconhecendo que o nome do Senhor é tremendo desde o nascer do sol até o seu poente, foi porque as gerações anteriores entenderam que o Evangelho era uma necessidade, não uma boa opção. Não valeria a pena arriscar-se tanto, por maiores que fossem os benefícios, mas valia a pena renunciar tudo pelo tudo.

Podemos aceitar que existe sinceridade e sinceros em todas as religiões. Podemos até mesmo admirar princípios éticos nas grandes religiões universais. Entretanto, a verdade salvadora só existe em Jesus. Sem isso o Evangelho não passa de uma alternativa entre outras, um alimento ingerido apenas pela curiosidade



e não pela necessidade, um produto descartável e dispensável, em vez de ser a porta pelo qual o homem precisa passar para ser salvo.

**VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM**

- 1) Onde encontramos cristianismo sincretista?
- 2) Que relação podemos encontrar entre a alimentação e o exclusivismo do evangelho?

## 9

## O CONTEÚDO ESSENCIAL DA NOSSA FÉ

Como já vimos nossa fé, aquilo que cremos e que está firmemente estabelecido por fatos é essencial para nós. Os elementos-chave de nossa crença podem até ser resumidos em um limite bastante estreito, mas esses limites não podem ser quebrados de forma alguma, pois do contrário nosso cristianismo deixará de ser cristianismo para se tornar outra coisa. Podemos resumir o conteúdo da fé cristã defendida por nós conforme abaixo:

Existe um Deus infinito, de sabedoria, poder e amor absolutos, que se revelou, por meios naturais e sobrenaturais, na criação, na natureza do homem, na história de Israel e da Igreja, nas páginas das Santas Escrituras, na sua encarnação em Cristo, e, através do evangelho, no coração daquele que crê.

Vemos aqui pelo menos alguns elementos que precisam ser levados em conta:

### 9.1 UM DEUS COM PERSONALIDADE QUE SE REVELOU NA HISTÓRIA, PRINCIPALMENTE DE ISRAEL

Em teontologia, ou seja, o estudo do ser de Deus, estudamos acerca de Sua natureza e obras.

Mais do que isso, temos a apresentação de evidências de sua existência. Essa evidência é apresentada na criação em primeiro lugar, criação essa que demonstra inteligência, propósito, beleza, ordem, elementos só possíveis se esse Deus for pessoal. É o primeiro passo testificando a realidade da Divindade.

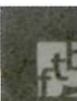
Também podemos nos referir à moralidade como evidência de uma lei eterna, estabelecida por alguém, presente na estrutura do próprio universo. Em Cristianismo Puro e Simples, o grande apologista C.S.Lewis expõe isso de forma magistral:

Todo o mundo já viu pessoas discutindo. Às vezes, a discussão soa engraçada; em outras, apenas desagradável. Como quer que soe, acredito que podemos aprender algo muito importante ouvindo os tipos de coisas que elas dizem. Dizem, por exemplo:

“Você gostaria que fizessem o mesmo com você?”; “Desculpe, esse banco é meu, eu sentei aqui primeiro”; “Deixe-o em paz, que ele não lhe está fazendo nada de mal”;

“Por que você teve de entrar na frente?”; “Dê-me um pedaço da sua laranja, pois eu lhe dei um pedaço da minha”; e “Poxa, você prometeu!” Essas coisas são ditas todos os dias por pessoas cultas e incultas, por adultos e crianças. O que me interessa em todos estes comentários é que o homem que os faz não está apenas expressando o quanto lhe desagrada o comportamento de seu interlocutor; está também fazendo apelo a um padrão de comportamento que o outro deveria conhecer. E esse outro raramente responde: “Ao inferno com o padrão!” Quase sempre tenta provar que sua atitude não infringiu este padrão, ou que, se infringiu, ele tinha uma desculpa muito especial para agir assim. Alega uma razão especial, em seu caso particular, para não ceder o lugar à pessoa que ocupou o banco primeiro, ou alega que a situação era muito diferente quando ele ganhou aquele gomo de laranja, ou, ainda, que um fato novo o desobriga de cumprir o prometido. Está claro que os envolvidos na discussão conhecem uma lei ou regra de conduta leal, de comportamento digno ou moral, ou como quer que o queiramos chamar, com a qual efetivamente concordam. E eles conhecem essa lei. Se não conhecessem, talvez lutassem como animais ferozes, mas não poderiam “discutir” no sentido humano desta palavra. A intenção da discussão é mostrar que o outro está errado.

Não haveria sentido em demonstrá-lo se você e ele não tivessem algum tipo de consenso sobre o que é certo e o que é errado, da mesma forma que não haveria sentido em marcar a falta de um jogador de futebol sem que houvesse uma concordância prévia sobre as regras do jogo. Ora, essa lei ou regra do certo e do errado era chamada



de Lei Natural. Hoje em dia, quando falamos das “leis naturais”, quase sempre nos referimos a coisas como a gravitação, a hereditariedade ou as leis da química. Porém, quando os pensadores do passado chamavam a lei do certo e do errado de “Lei Natural”, estava implícito que se tratava da Lei da Natureza Humana. A ideia era a seguinte: assim como os corpos são regidos pela lei da gravitação, e os organismos, pelas leis da biologia, assim também a criatura chamada “homem” possui uma lei própria – com a grande diferença de que os corpos não são livres para escolher se vão obedecer à lei da gravitação ou não, ao passo que o homem pode escolher entre obedecer ou desobedecer à Lei da Natureza Humana.

Assim, a noção de certo e errado termina por ser a apologia maior desse Deus que pregamos, mesmo para aqueles que se dizem ateus. Dentro dessa visão também é importante destacar que quando nós falamos de “Deus”, estamos falando de um Deus específico. Não estamos falando de algo ou alguém, um conceito desenvolvido filosófica ou psicologicamente para se referir a algum ser superior. Estamos falando do Deus da Bíblia, do Deus que se manifestou dentro da história humana, principalmente dentro da história de Israel. Podemos dizer, de certa forma, que o nosso Deus tem história. Ele participou de eventos específicos, em tempo e lugares específicos. Ele é “detectável”. Não estamos falando de uma ideia, mas de um ser. Sua transcendência revelou-se no meio da vivência humana.

## 9.2 AS SAGRADAS ESCRITURAS COMO RESULTADO DESSA REVELAÇÃO

Nossa apologia também se dirige para as Sagradas Escrituras, essa coleção de 66 livros sagrados, dividida em Antigo e Novo Testamento, que comumente chamamos de Bíblia. Nossa tarefa apologética é demonstrar que ela é a única revelação de Deus autorizada para a humanidade.

Elas são taxativas em defender sua inspiração e em recusar alterações posteriores. Coloca-se como único instrumento de revelação escrita à humanidade.

- “Toda palavra de Deus é pura; escudo é para os que confiam nele. Nada acrescentes às suas palavras, para que não te repreenda, e sejas achado mentiroso.” (Pv 30.5,6)
- “À Lei e ao Testemunho. Se não falarem segundo eles, jamais verão a alva” (Is 8.20)
- “Errais por não conhecerdes as Escrituras, nem o poder de Deus” (Mt 22.29)
- “Havendo Deus nos falado muitas vezes e de muitas maneiras aos pais, a nós nos falou nestes últimos dias pelo Filho...” (Hb 1.1)
- “Porque eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que, se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro; e, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida e da Cidade Santa, que estão escritas neste livro” (Ap 22.18,19)

Não existe lugar, dentro do cristianismo, para concordância entre livros sagrados. Duas afirmações contraditórias não podem estar certas ao mesmo tempo. As proposições bíblicas se chocam com as proposições dos livros sagrados das religiões orientais. Se para as religiões de origem oriental isso não faz diferença, para o pensamento cristão faz. A Bíblia é o único livro que merece ser considerado a Palavra de Deus por sua inspiração.

Nestas circunstâncias, a Bíblia apresenta o seu próprio conceito sobre o que ela mesma é. A Bíblia apresenta-se como a comunicação da verdade proposicional de Deus, escrita em forma verbalizada, àqueles que são leitos à imagem de Deus. Operando sob o pressuposto da uniformidade das causas naturais em um sistema fechado, tanto o pensamento secular quanto o pensamento teológico não bíblico da atualidade, diriam que isso é impossível. Todavia, é isso precisamente o que a Bíblia afirma apresentar. Tomemos, por exemplo, o que se deu no Sinai (Dt. 5.23-24). Diz Moisés ao povo: “Vós vistes; vós ouvistes”. O que ouviram (juntamente com outras coisas) foi uma comunicação proposicional verbalizada de Deus ao homem, em determinada situação histórica no tempo e no espaço. Não foi alguma espécie de experiência existencial, sem conteúdo, nem um salto anti-intelectual. Exatamente o mesmo tipo de comunicação encontramos no Novo Testamento, por exemplo, quando Cristo falou

a Paulo em Hebraico no caminho de Damasco. Temos, portanto, de um lado, a espécie de comunicação proposicional que Deus outorga nas Escrituras; vemos, do outro lado, a quem se dirige esta comunicação proposicional.

A Bíblia ensina que, embora o homem se ache irremediavelmente perdido, nem assim ele é nada. O homem está perdido porque está separado de Deus, seu verdadeiro ponto de referência, em razão de real culpa moral. Mas, a despeito deste fato, jamais será como nada. Nisso reside o horror de sua condição de perdido. Que o homem esteja perdido, em toda sua unicidade e maravilha, é trágico.

Além de sua autorreivindicação, não podemos esquecer de que as profecias bíblicas são uma demonstração sobrenatural de sua inspiração divina. Temos inúmeras predições que se cumpriram nos povos ao redor de Israel, no próprio povo de Israel e na pessoa do Messias de Israel, Jesus Cristo.

Conhecer essas profecias é sem dúvida um fator-chave para todo apologista que quer demonstrar com autoridade porque crê na Bíblia como Palavra de Deus e não em outro livro qualquer.

Quando vemos essas e outras características da Bíblia somos capazes de demonstrar quão significativa ela é. A história das nações e marcado por uma força que a torna interessante e enigmática – as profecias. Ela é marcada por um povo que a percorreu e a delineou – o povo judeu. E é, finalmente, marcada por um homem que a influenciou como nenhum outro, apesar de sua aparente fraqueza – Jesus Cristo. É bem verdade que isso não resume a História toda, mas na correnteza do rio da existência humana, tantas vezes tão confusa, fornece um forte cabo onde nossa mente pode se prender e se apoiar. Esta visão que a profecia nos oferece é como Deus-simples em sua grandeza, forte na sua simplicidade, seguro em sua fortaleza. Para aqueles que só são capazes de ver subjetividade nas Escrituras, verão que esta deixa pegadas visíveis, concretas e objetivas nas areias e também nas duras rochas do tempo.

Onde estão as sete maravilhas do mundo antigo? Onde está o farol de Alexandria? Onde está o Colosso de Rodas? Onde estão os jardins suspensos de Babilônia e o templo do Diana? E, enquanto, todos eles foram consumidos e vencidos pelo tempo, a profecia foi, é e será confirmada por ele como o maior monumento sobre a terra, edificando-se até mesmo sobre as ruínas do tempo.

### 9.3 JESUS CRISTO COMO ENCARNAÇÃO HUMANA DESSE DEUS

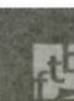
Não podemos esquecer ainda da singularidade de Cristo. Jesus é a pedra angular e o alicerce do edifício cristão. Isto significa que é impossível um cristianismo verdadeiro sem um Cristo verdadeiro. E um Cristo verdadeiro só pode ser extraído dos documentos do Novo Testamento.

- “Pois não há salvação em nenhum outro, pois nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos” (At 4.12)
- “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai se não for por mim” (Jo 14.6)
- “Veja cada um como edifica sobre ele, porque ninguém pode por outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo” (1 Co 3.12)

Nenhum outro personagem histórico foi semelhante a ele em sua vida. E nenhum personagem histórico ressuscitou dos mortos ou ao menos alegou que o faria como vemos nos evangelhos.

Sendo assim, estamos lidando com alguém de uma singularidade extrema. Mas não é só isso. Podemos também repetir as palavras ditas pelos soldados que foram prendê-lo. “Ninguém jamais falou como este homem”. As afirmações feitas por Jesus acerca de sua própria pessoa são estarrecedoras.

Jesus considerou de fundamental importância quem as pessoas acreditavam que Ele era. C. S. Lewis, que foi professor na Universidade de Cambridge e, outrora, um agnóstico, escreveu: “Estou aqui tentando evitar que alguém diga aquela grande tolice que frequentemente se diz a respeito dEle: 'Estou pronto a aceitar Jesus como um grande mestre de ensinos éticos, mas não aceito a afirmação que fez de que era Deus'. Isso é o que não devemos dizer. Um homem que fosse um simples homem e dissesse o tipo de coisas que Jesus disse não seria um grande mestre de ensinos éticos. Seria um lunático — estando em pé de igualdade com o homem que diz o mesmo de



Napoleão ou, então, seria o Diabo vindo do inferno. Você precisa tomar uma decisão. Ou esse homem era e é o Filho de Deus, ou, então, era um louco ou algo pior”. 18/40,41 C. S. Lewis acrescenta: “Você pode fazê-lo se calar, se tomá-lo por um tolo; você pode cuspir nele e matá-lo, tendo-o por um demônio; ou você pode cair a Seus pés e chamá-lo de Senhor e Deus. Mas que ninguém apareça com algum tipo de insensatez paternalista, afirmando que Ele foi um grande mestre humano. Ele não deixou conosco a responsabilidade de decidir a respeito. Não pretendeu fazê-lo”.

Jesus afirmou ser Deus. Ele não deixou quaisquer outras opções. Sua afirmação de que é Deus ou é verdadeira ou é falsa, e deve-se considerar seriamente tal afirmação. A pergunta de Jesus aos discípulos: “Mas vós, quem dizeis que eu sou?” (Mc 8:29) também é feita a nós hoje.

A afirmação de Jesus de que é Deus deve ser verdadeira ou falsa. Caso seja verdadeira, então Ele é o Senhor, e temos de aceitar ou rejeitar o Seu senhorio. Somos “indesculpáveis”.

Primeiro, suponha que era falsa a afirmação de que Ele era Deus. Se era falsa, temos então duas, e apenas duas, alternativas. Ou Ele sabia que era falsa ou não sabia. Analisaremos separadamente cada alternativa e examinaremos as provas existentes.

Se, ao fazer essas afirmações, Jesus sabia que não era Deus, então Ele estava mentindo. Mas, se ele foi um mentiroso, então foi também um hipócrita, pois ensinou os outros a serem honestos a todo custo, enquanto Ele mesmo estava ensinando e vivendo uma enorme mentira.

E, mais do que isso, Ele foi um demônio, pois ensinou as pessoas a confiarem a Ele o destino eterno de cada uma delas. Caso Ele não pudesse comprovar Suas reivindicações, e Ele sabia que não poderia, então Ele foi indescritivelmente maldoso.

Finalmente, Ele também foi um tolo, porque foram as suas reivindicações de que era Deus que O levaram à crucificação.

Marcos 14.61-64: “Ele, porém, guardou silêncio, e nada respondeu. Tornou a interrogá-lo o sumo sacerdote, e lhe disse: És tu o Cristo, o Filho do Deus Bendito? Jesus respondeu: Eu sou, e vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo com as nuvens do céu. Então o sumo sacerdote rasgou as suas vestes e disse: Que mais necessidade temos de testemunhas? Ouvistes a blasfêmia, que vos parece? E todos o julgaram réu de Morte”.

E João 19.7: “Responderam-lhe os judeus: Temos uma lei e, de conformidade com a lei, ele deve morrer, porque a si mesmo se fez Filho de Deus”.

Assim sendo, Jesus só poderia ser o que ele disse ser – o Deus Filho – qualquer outra afirmação a respeito de Jesus não teria qualquer sentido. Qualquer resposta diferente a respeito de quem ele foi estaria completamente fora dos moldes.

#### **9.4 A EXPERIÊNCIA ADVINDA DESSES ELEMENTOS**

Outro fator apologético a ser considerado é a sua experiência. Não quero dizer com isso que a sua experiência determina a verdade do cristianismo, mas o cristianismo determina a veracidade de sua experiência. Ou seja, aquilo que você experimentou ao crer nas verdades expostas na Bíblia Sagrada, levaram você a experimentar as realidades contidas nessas afirmações.

Sentimento de paz e perdão, transformação de vida, mudanças de conceitos que acontecem no coração do convertido, acontecem de modo sobrenatural.

Se pensarmos que o apóstolo Paulo se defendeu diante das autoridades tanto judaicas quanto romanas, contando o seu testemunho, somos capazes de perceber o valor apologético que elas possuem. De um opositor ele transformou-se em um dos maiores defensores. Isso só seria possível se sustentado por fatos objetivos. E foi o que ele quis provar.

Além do mais, a experiência cristã é universal, igual em seus pontos básicos, em qualquer época e qualquer lugar do mundo. Isso porque a salvação cristã é oriunda dos mesmos fatos: a morte de Jesus por nossos pecados, sua ressurreição, a ação transformadora mediante a Palavra e o Espírito Santo. Alguém pode alegar que é uma

prova subjetiva, que a experiência íntima de cada um não pode ser comprovada. Mas quando temos milhares de pessoas que alegam ter experimentado as mesmas coisas pelos mesmos motivos, então temos mais do que subjetividade.

Compartilhar a experiência também é apologética. Também é uma forma de demonstrar a veracidade e o poder do evangelho.

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- 1) Em uma declaração, qual a essência da fé cristã?
- 2) Cite dois fatores que provam a existência de Deus.
- 3) Por que a experiência cristã também é uma ferramenta apologética?

## CONCLUSÃO

Engana-se profundamente quem pensa que apologética é assunto estranho ao evangelho, ou que está destinado apenas a acadêmicos e cristãos intelectualmente dotados. Apologética é inerente à proclamação do evangelho. Ao mesmo tempo que você o proclama, você oferece as razões porque alguém deve crer nele. Ao mesmo tempo que você constrói com a Palavra, você destrói os obstáculos que oferecem resistência à eficácia da Palavra.

No dia a dia vamos conhecendo os fatores que impedem as pessoas de acreditar na Palavra de Deus. E conhecendo isso podemos formar, por meio da meditação, do estudo da Bíblia e de livros específicos, um arsenal apologético que nos permitirá responder com mansidão a razão da esperança que há em nós.

Cada vez menos esse nosso mundo é neutro em termos de crenças e ideologia. Cada vez mais as seitas, religiões e ideologia tornam-se mais militantes e prontas a se opor ao evangelho. A oposição cresce por todos os lados e uma cultura anticristã se desenvolve bem debaixo de nossos narizes. Temos de estar preparados. Temos de estar prontos e mostrar ao mundo que não somos pessoas que deram um salto no escuro, mas que somos pessoas que sabemos em quem e no que temos crido. Que estamos construindo nossa fé no firme alicerce da esperança divina, dada por Deus ao homem e exposta nas páginas das Sagradas Escrituras.

Utilize a bibliografia constante nessa matéria para desenvolver seus conhecimentos e habilidades apologéticas.

## BIBLIOGRAFIA

- CAIRNS, Earle E. *Cristianismo através dos séculos*. São Paulo: Vida Nova, 1992.
- CHESTERTON, G.K. *Ortodoxia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- EVANS, Stephan C. *Dicionário de apologética e filosofia da religião*. São Paulo: Vida, 2001.
- GAMA FILHO, Tácito Leite. *Religiões e seitas: estudando as heresias*. Goiás: CETEO, 2003.
- GEISLER, Norman. *Resposta às seitas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.
- GEISLER, Norman. *Enciclopédia apologética*. São Paulo: Vida, 2000.
- GEISLER, Norman. *Não tenho fé suficiente para ser ateu*. São Paulo: Vida, 2006.
- GEISLER, Norman. *Introdução à Filosofia*. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- LEWIS, C.S. *Cristianismo Puro e Simples*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- MCDOWELL, Josh. *Evidência que exige um veredicto*. São Paulo: Candeia, 1996.
- MCGRATH, Alister. *Apologética cristã no século XXI*. São Paulo: Vida, 2002.
- SPROUL, R.C. *Defendendo sua fé: uma introdução à apologética*. São Paulo: CPAD, 2003.
- SCHAEFFER, Francis. *A morte da Razão*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.
- SCHAEFFER, Francis. *O Deus que intervém*. São Paulo: ABU, 1981.
- PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo: Martin Claret, 2003.



# faculdade teológica betesda

## Moldando vocacionados

### AVALIAÇÃO - MÓDULO IX

### APOLOGÉTICA CRISTÃ

1. Por que não há evangelismo sem apologética?
2. Além da multiculturalidade ocidental, que outra característica de nossa cultura torna a apologética indispensável?
3. Qual a opinião de Arnold Toynbee sobre o cristianismo?
4. Na questão da tolerância, como o cristianismo deve se posicionar?
5. O que disse o historiador Will Durant sobre a crença religiosa?
6. Como pode ser descrito o secularismo?
7. Que apologista foi contra o uso da filosofia grega?
8. Por que a apologética se tornou mais necessária no ocidente após a revolução francesa?
9. Escreva o nome de dois apologistas dos tempos modernos.
10. Resuma o que Alister Mcgrath escreveu sobre apologética.
11. Escreva dois fatos sobre a verdade importantes para uma argumentação
12. O que é o princípio da não contradição?
13. Por que a moralidade não é certificação da verdade?
14. O que poderia ser dito àqueles que apontam os erros do cristianismo como prova de sua falsidade?
15. O que disse C. S. Lewis a respeito das reivindicações de Cristo acerca de si mesmo?

#### **Caro(a) aluno(a):**

- Responda cada questão acima em folhas pautadas (com linhas) em letras de forma ou digite no computador, se preferir enviar por *e-mail*.
- Envie-nos as avaliações deste módulo todas juntas, de acordo com as regras gerais (p. 3-5):

Pelo correio: CAIXA POSTAL 12025 - CEP 02013-970 - SÃO PAULO-SP  
Por *e-mail*: [plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br](mailto:plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br)

- Em caso de dúvida, ligue para o Serviço de Atendimento ao Aluno (SAA).

The image features a central horizontal tear in a piece of paper. The tear reveals a strip of paper underneath, which has Hebrew text printed on it. The text is partially obscured by the tear and appears to be a title or heading. The main text of the image is in Portuguese, centered within the tear.

# ACONSELHAMENTO PASTORAL

עסקים כיצד  
מעיון במאמר



# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>543</b>
<b>1. DEFINIÇÃO DO TERMO .....</b>	<b>544</b>
<b>2. UMA APLICAÇÃO DE ACONSELHAMENTO A NOSSA REALIDADE.....</b>	<b>546</b>
2.1 ACONSELHAR E ESTAR ENVOLVIDO NO DIA A DIA DA IGREJA.....	547
2.2 ACONSELHAR E INTEIRAR-SE DE SUA COMUNIDADE.....	548
<b>3. OS PERIGOS DO ACONSELHAMENTO PASTORAL.....</b>	<b>550</b>
3.1 MÉTODOS BÁSICOS DE ACONSELHAMENTO PASTORAL.....	550
3.2 A PALAVRA DE DEUS E O ACONSELHAMENTO CRISTÃO.....	551
3.3 PASTOREANDO O CORAÇÃO DOS PASTORES.....	551
3.4 O ACONSELHAMENTO PASTORAL E A NEGLIGÊNCIA COM AS ALMAS.....	553
<b>4. A MISSÃO DA IGREJA É DESENVOLVER UM MINISTÉRIO DE ACONSELHAMENTO.....</b>	<b>554</b>
4.1 ALVOS QUE O ACONSELHAMENTO VISA ALCANÇAR.....	554
4.2 TÉCNICAS USADAS NO ACONSELHAMENTO.....	554
4.3 FATORES QUE ATRAPALHAM A MOTIVAÇÃO PARA ACONSELHAR.....	554
4.4 FATORES QUE TORNAM VULNERÁVEL O ACONSELHADOR.....	555
<b>5. ÉTICA NO ACONSELHAMENTO PASTORAL.....</b>	<b>556</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>557</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>557</b>
<b>AVALIAÇÃO.....</b>	<b>558</b>

## INTRODUÇÃO

Torna-se salutar nos tempos presentes olharmos à nossa volta e podermos mensurar a gama de obstáculos que enfrentamos, não importa se só ou com alguém ao nosso lado e fazermos uma releitura disso tudo de uma forma positiva ao ponto de espelhamos em nós mesmos para dirigir o aconselhamento.

Como sabemos, aconselhamento é uma arte de continuar a obra de Cristo, e contribuirmos para formação de seres humanos melhores e capazes de desenvolver o reino de Cristo, a saber, que desenvolver e desenrolar os mistérios do reino e através de vidas que Cristo permitiu atravessar à nossa frente para podermos de certa forma conduzi-las em direção ao Pai.

Aconselhamento pastoral é uma arma poderosa nesse presente século para resgatarmos os princípios cristãos em nosso meio, estreitarmos relacionamentos, conhecendo nosso irmão, o considerando como imagem do Pai.

Primeiramente vamos analisar o porquê de todas as pessoas terem problemas. O primeiro problema chama-se “pecado”. O pecado entrou no mundo por causa de um homem, e a consequência disso foi que a terra foi amaldiçoada por causa da desobediência do homem. É por isso que toda humanidade tem problemas. Até o próprio Jesus teve problemas com os homens; o pecado é a raiz de todos os problemas.

Problema vem do grego “*próblima*”, no latim “*problema*”.

Problema é: questão não resolvida e que é objeto de discussão em qualquer domínio desconhecimento; problema filosófico – problema psicológico – problema de ordem econômico-financeira – problema de ordem moral – problema físico e mental – problema espiritual.

A Igreja Evangélica, que é composta de salvos, ainda tem problemas no lar que muitas vezes dificultam para melhor crescimento na presença de Deus.

A seguir observaremos algumas dicas práticas da vida para ampliarmos nossa visão e enxergarmos Cristo refletido em um rosto de um irmão.



1

## DEFINIÇÃO DO TERMO

Ao se buscar por uma definição inicial do termo “aconselhamento” no do dicionário da língua portuguesa, obtém-se a seguinte explicação: Aconselhamento é o resultado do “ato ou efeito de se aconselhar”. A palavra “aconselhar”, por sua vez, é entendida como “dar conselhos, indicar, recomendar, prescrever, receitar”. E o “ato ou efeito de se aconselhar” é ligado à psicologia, educação e genética.

De acordo com a Associação Europeia de *Counseling* (EAC) (*Counseling*, palavra inglesa usada para aconselhamento), aconselhamento é um processo interativo entre *counselor* (conselheiro) e um cliente, ou mais clientes, que aborda com técnica holística temas sociais, culturais, econômicos e emotivos. Pode se concentrar sobre o modo de enfrentar e resolver problemas específicos, favorecer um processo decisório, ajudar a superar uma crise, melhorar os relacionamentos com os outros, facilitar o desenvolvimento, aumentar o conhecimento, a consciência de si e permitir a elaboração de emoções e conflitos interiores.

O aconselhamento tem por objetivo geral oferecer para as pessoas, denominadas de clientes, a oportunidade de trabalhar o seu ser, com modalidades por elas definidas, com o intuito de que levem “uma vida mais satisfatória e rica de recursos, seja como indivíduos, seja como membros de uma sociedade mais ampla”.

O aconselhamento pastoral em termos genéricos e abreviados pode ser definido como processo de orientação espiritual e psicológico que ocorre entre dois (ou mais) indivíduos, no qual um deles, o conselheiro, por sua posição e capacidade, procura aplicar conhecimentos e intervenções com a intenção de compreender, orientar, influenciar e modificar a função mental e o comportamento do outro (aconselhado). Quanto maior for a confiança que o conselheiro transmite ao aconselhado, maior será o poder de ajudar. Todos nós precisamos, em algum momento da vida, ser ajudados, orientados ou até mesmo aconselhados.

Solicita-se ajuda num trabalho profissional; orientação para achar um endereço, completar uma informação; uma orientação de como reconciliar-se com o cônjuge; um conselho ao tomar uma decisão; ajuda para compreender o filho adolescente; enfim, busca-se ajuda para resolução de problemas que sozinhos não podemos solucionar. Há problemas que se tornam pesos esmagadores e somente “carregando as cargas uns dos outros”, poderemos aliviar o fardo na caminhada e tomarmos um pouco de alento.

Soma-se a estes problemas corriqueiros a realidade das mudanças constantes, gerando assim uma forte carga de estresse. Mal conseguimos digerir uma mudança, já temos que rever conceitos e comportamentos, pois tudo já mudou de novo. Ora, isso tudo interfere diretamente no estado emocional da pessoa e muitos, por dificuldade de filtrar o que realmente vale a pena ser mudado, entram num estado de ansiedade tal que por vezes deságua numa depressão. Numa situação como esta, além de solidamente embasado nas sagradas escrituras, o conselheiro precisa também ter uma visão de mundo bastante alargada a fim de que seu aconselhado sinta segurança em seguir suas orientações e, por conseguinte, sentir-se acalentado.

É próprio do ser humano antecipar, na mente, o que irá praticar depois. Assim se antevive os acontecimentos. Por outro lado, isto causa ansiedade, pois o que está lançado à frente como possibilidade, pode também gerar o medo; o medo é o sentimento mais paralisante, é antívida. Em todas as faixas etárias existem pessoas angustiadas e sobrecarregadas de dúvidas e ansiedades. A condição social não faz diferença. Homens e mulheres comuns, executivos, pais e mães, jovens, idosos, solteiros, casados, divorciados, profissionais, estudantes, crianças; todos com o mesmo problema: confusos, infelizes, ansiosos e tristes.

O ser humano é a realidade mais profunda e mais complexa do universo. Não podemos apreendê-lo, entendê-lo por uma única dimensão. Este apresenta dimensão espiritual, somática, psíquica, racional, social, econômica, estética, ética, sexual, histórica, afetiva e muitas outras dimensões.

Portanto, ao olharmos para as pessoas, com o intuito de ajudá-las, precisamos compreendê-las nos seus vários matizes, com espírito conjuntivo e não disjuntivo, isto é, não se pode olhar apenas uma parte, mas o conjunto todo, o ser humano por inteiro. O pastor e psicólogo Albert Friesen corrobora esta ideia:

“O aconselhamento pastoral deve tratar das tensões interiores e dos diferentes complexos que interferem na qualidade de vida. Deve promover a libertação de atitudes inadequadas e distorções de percepção quanto à realidade. Deve favorecer a libertação dos medos, culpas e das iras inadequadas. Estas tarefas deverão ser efetuadas com os recursos da Palavra de Deus, somado aos recursos que o conselheiro poderá obter da psicologia. Os recursos bíblicos devem permanecer básicos e preponderantes, estes como diretrizes, o outro como complementar e auxílio instrumental do aconselhamento”.

### **VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM**

- 1) Como podemos definir o aconselhamento pastoral de uma forma genérica e abreviada?
- 2) Qual a palavra inglesa que é usada para “aconselhamento”?
- 3) Quando o conselheiro encontra pessoas num estado de depressão além de conhecimento bíblico, o que mais ele precisa ter?
- 4) Segundo o Pastor e psicólogo Albert Friesen, do que trata o aconselhamento pastoral?



## 2

## UMA APLICAÇÃO DE ACONSELHAMENTO A NOSSA REALIDADE

Problemas é que não nos faltam nos dias atuais e de todas as ordens. Financeiros, políticos, emocionais, familiares, espirituais, de relacionamento, de saúde, de segurança, de moradia etc. Seu grau de agravamento decorre das influências das circunstâncias em que vivem ou trabalham as pessoas. E sobre eles ainda incide a pressão das mudanças éticas, morais, de costumes, de hábitos, deixando as pessoas confusas, a tal ponto que, na hora da angústia, não sabem qual é o melhor caminho a seguir. Assim, todos precisam de ajuda para sobreviver, de auxílio para conseguir enxergar seus problemas e de cuidado para melhor solucioná-los.

Auxílio para conseguir enxergar seus problemas e de cuidado para melhor solucioná-los, aí está o campo para a atuação do conselheiro pastoral. Esse trabalho é normalmente desenvolvido pelos pastores, mas também pode ser feito por membros, desde que a liderança invista em cursos de especialização na área de teologia prática. Vamos fazer uma análise de alguns modelos de cuidado pastoral utilizado e aplicados à nossa realidade.

Libertar: é uma sucessão de ações e reações com o objetivo de trabalhar com as pessoas para que sejam socorridas em tempo oportuno, tornem sabedoras das origens e desenvolvimentos da opressão e da dominação na sociedade em que vivem. Isso contribui para que entendam melhor sua vida profissional, financeira, social, psicológica e religiosa. Libertar não implica apenas ações que tirem à pessoa da influência negativa do reino das trevas, mas também do reino dos seres humanos.

Todo processo de cuidado pastoral é uma ação ou realização continuada e prolongada de alguma atividade que vise, ao final, ao bem-estar daquele que necessita de cuidados. Porém, trilhar esse caminho de auxílio ao outro exige uma análise crítica dos fatores que envolvem a vida da pessoa em questão. Isso pode revelar as diversas origens do problema e, também, direcionar para os melhores caminhos a fim de solucioná-los.

Os problemas de origens pessoais podem ser identificados na história de vida do aconselhado e têm muito a revelar sobre quem é a pessoa, como chegou ao ponto em que está. Identificadas às raízes das questões que a atormentam, ficará mais fácil desenvolver um trabalho de acompanhamento, de cuidado pastoral, até que haja libertação dos sentimentos negativos, dos pensamentos ruins e da forma de vida que prejudica a si mesmo e aos outros.

Quando um indivíduo nasce, já encontra uma estrutura pronta para recebê-lo. No decorrer de seu crescimento, ele não se adaptará a muitas questões que são consideradas normais para outras pessoas. Isso lhe trará conflitos interiores entre aquilo que pensa ser o correto e aquilo que todos dizem ser o certo. A estrutura política, social, financeira, familiar e outras vigentes durante o tempo de existência de uma pessoa poderão trazer problemas que exigirão maiores cuidados pastorais.

As relações, os processos e as estruturas sociais, enquanto formas de dominação política e apropriação econômica, produzem uma história de vida de muitas pessoas plena de diversidades, disparidades, desigualdades, antagonismos. As condições de sobrevivência, o trabalho das diversas categorias profissionais e as classes sociais são de fundamental importância para uma análise e identificação dos problemas de origens sociais. A libertação social precisa fazer parte da visão de quem faz um trabalho de orientação, pois a raiz dos problemas poderá estar lá.

Identificada a origem das dificuldades da pessoa que busca ajuda pastoral, é necessário avaliar as opções de soluções existentes que favoreçam uma mudança de vida por parte de quem precisa passar pelo processo de libertação. A militância política pode auxiliar na derrubada de sistemas que oprimem e destroem o ser humano. O cuidado pastoral orientado por este modelo pensa em uma teologia da libertação que vise à melhoria de vida

em todos os aspectos da população. É um grande caminho para cuidar daqueles que almejam uma libertação. Empoderar significa admitir que cada cidadão tem dentro de si forças necessárias para encarar certos problemas. É encorajá-lo a colocar seu potencial, sua inteligência, sua força interior em prática de forma justa e útil para si mesmo e para os outros. Significa promover a iniciativa e a participação das pessoas na sociedade e na Igreja. Constitui em tirar das mãos de poucos e colocar nas mãos de muitos o poder de decidir os rumos da sociedade. O cuidado pastoral orientado por este modelo é a base do processo de reestruturação psicológica, mobilização social e participação religiosa.

Não se pode atender pessoas eternamente, como se elas não tivessem as menores condições de assumir suas responsabilidades de vida e superar suas dificuldades. As pessoas precisam aprender que têm condições de resolver muitos problemas sozinhos, basta que passem a acreditar no potencial que têm.

A vida é composta de problemas que precisam de auxílios para ser resolvidos e de situações difíceis que exigem uma ação particular por parte de quem está enfrentando a fase negativa. O conselheiro cristão pode empoderar seus aconselhados para que eles consigam caminhar sozinhos pelas estradas da vida.

Os problemas e as coisas boas que existem na sociedade não são obras dos deuses. A vida em sociedade é o resultado da ação do ser humano que compõe essa sociedade. Isso significa que toda ação ou omissão faz do ser humano o sujeito da história e não um simples espectador. Por isso, o conselheiro não pode pensar apenas na fragilidade humana, mas em dar mais atenção à capacidade existente nas pessoas. O conselheiro terá de promover a iniciativa das pessoas, acreditando que elas são capazes de resolver os problemas que afetam diretamente suas vidas.

Quando Deus criou o homem, concedeu-lhe a capacidade de dominar e administrar. Isso implica que a pessoa está dotada de meios para gerir sua vida e transformar o que for necessário para que tenha uma vida melhor. Essa capacidade administrativa é como uma chama que a pessoa carrega dentro de si. O cuidado pastoral orientado por esse modelo implica dar vigor a essa chama, a essa energia que a história e as circunstâncias, às vezes, conseguem enfraquecer.

Os processos de marginalização criam um forte sentimento de impotência, de franqueza, nas pessoas a tal ponto que elas se acomodam, não acreditam mais em si mesmas, não conseguem mais visualizar mudanças no presente nem no futuro, pensam que a vida é assim mesmo e desistem de tudo. Mas o cuidado pastoral orientado por este modelo 'extraí e constrói', a partir das forças e recursos amortecidos de indivíduos e de comunidades, estratégias e métodos que minimizem ou eliminem o sentimento de impotência política e incapacidade pessoal. Assim, haverá pessoas e igrejas que construam a democracia e a participação; construam um país em que seus cidadãos promovam uma vida digna para todos.

O curso da vida do ser humano o expõe as diversas perdas, a variados problemas e a muitas frustrações. O resultado é que muitos sentimentos negativos, em maior ou menor intensidade, ficam registrados no interior da pessoa. Esse arquivo mental contém registros negativos de problemas não resolvidos e isso acaba por colocar dificuldades, barreiras na vivência diária. Isso acompanha o indivíduo e, com o tempo, produz uma desarmonia em muitas questões e desabam sobre as pessoas que estão à sua volta. Esse condicionamento mental negativo não permite que prossiga sua jornada diária, pelo contrário, cria diversos obstáculos psicológicos que acabam por refletir no comportamento.

O cuidado pastoral orientado por este modelo tem como objetivo a produção de cura das doenças da alma a tal ponto que o indivíduo passe por mudanças e sua vida venha ter estabilidade, equilíbrio, alívio, descanso e paz em Deus. A psicoteologia, através de terapia, será utilizada com um meio de elaboração e mudança interna na vida daquele que foi criado à imagem e semelhança de Deus. Terapia é toda intervenção que visa tratar os problemas somáticos, psíquicos ou psicossomáticos, suas causas e seus sintomas, com o fim de obter um restabelecimento da saúde e do bem-estar.

## 2.1 ACONSELHAR E ESTAR ENVOLVIDO NO DIA A DIA DA IGREJA

O método ministerial envolve o dia a dia da vida cristã através das diversas atividades da Igreja. A metáfora bíblica que mostra essa questão é a do pastor de ovelhas, que é uma pessoa que cuida do rebanho de Deus. Na



prática, ele lidera, alimenta, consola, corrige e protege. Estas responsabilidades pertencem a todos os membros da Igreja. Uma escola de treinamento fará com que as potencialidades das ovelhas sejam exercitadas para auxiliar o líder a cuidar do rebanho nas programações da Igreja.

O culto é o momento de adoração ao Senhor e pode ser aproveitado para cuidar das pessoas. A oração pode ser ferramenta para Deus trabalhar no interior dos ouvintes, o louvor pode entoar cânticos que tenham letras que falem do amor e da ação de Deus em prol daqueles que o busca, a pregação pode desenvolver temas na área de teologia prática. O culto pode servir de porta de entrada para que as pessoas problemáticas procurem ajuda pastoral.

A pregação é o momento do culto em que a Palavra de Deus é explicada para os ouvintes. Muitos possuem problemas e não sabem como resolver e, pior, têm vergonha de procurar o gabinete pastoral para melhor ser atendido. A explanação de temas relevantes da atualidade apontará propostas de soluções de problemas. O sermão é um eficiente recurso eficaz de aconselhamento e de cuidado pastoral.

O serviço cristão é um meio de fazer com que a ovelha perceba sua importância dentro da comunidade cristã, resgate sua autoestima, desenvolva um sentimento de utilidade, restabeleça o prazer de viver e de se relacionar com outras pessoas e aprenda a servir seu próximo. Há muitas atividades na Igreja que podem ser delegadas para os membros executarem. O sentimento de utilidade fortalece a autoestima, autoaceitação e autoimagem.

A comunhão exige que um grupo de pessoas tenha sintonia de sentimentos, de modo de pensar, agir ou sentir. Eles se identificam com alguma coisa e têm algo em comum. No caso do cristianismo, o ponto central de tudo é Jesus Cristo. Muitas atividades podem ser criadas para proporcionar momentos de confraternização cristã, principalmente, com aqueles que estão chegando agora para o meio da comunidade cristã. Muitas estão com problemas de relacionamento e não sabem o que fazer. A aceitação pela igreja cria o sentimento de acolhimento, a ideia de que ela pertence a um grupo, de que está sendo recebida da forma como é. A administração local é liderada pelo pastor, mas muitas funções de apoio podem ser delegadas aos crentes que possuem formação naquela área. Por conhecerem melhor certas questões, trarão melhores resultados. Administrar é um conjunto de princípios, normas e funções que têm por fim ordenar a estrutura eclesial e o funcionamento da Igreja. A definição das atividades semanais, dos horários em que elas acontecerão e a prefixação de todos os detalhes necessários para o bom funcionamento evitarão muitos problemas e muitas frustrações.

## **2.2 ACONSELHAR E INTEIRAR-SE DE SUA COMUNIDADE**

A sociedade atual conseguiu desenvolver uma comunicação superficial em que se fala muito e, às vezes, animadamente, mas sem interação pessoal, sem revelar quem realmente é o falante e quem é o ouvinte. Os relacionamentos atuais são úteis para a manutenção dos vínculos de amizade dentro de um grupo ou comunidade, mas pouco revelam da personalidade, do caráter, do jeito de ser dos indivíduos, porque eles se escondem nas mais diversas formas, não querem se expor.

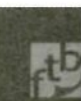
O cuidado pastoral orientado por este modelo desenvolve a interação pessoal, em que as habilidades relacionais são utilizadas para facilitar o processo de exploração pessoal, esclarecimento e mudança em relação a comportamentos, sentimentos ou pensamentos indesejados. Aqui se focaliza mais o indivíduo. Valoriza-se a autocompreensão em termos de interpretação da causa das dificuldades, na perspectiva de escolas psicoterápicas específicas. A pessoa não fica sozinha, isolada, mas descobre que seu envolvimento com a comunidade cristã pode lhe proporcionar momentos agradáveis em que seus traumas interiores sejam solucionados através do relacionamento, da comunhão e da confraternização cristã.

O fundamento da interação pessoal é a demonstração positiva da percepção da presença do outro. Para que exista interação pessoal efetiva é necessário que as pessoas se reconheçam enquanto sujeitos na relação comunicativa. Cada indivíduo possui suas características pessoais que devem ser respeitadas e aceitas pelo outro. As outras questões devem ser adaptadas. Uma pessoa que deixa o estilo de vida não cristão adotado pela sociedade inicialmente terá algumas dificuldades com o mundo evangélico, e a igreja poderá ajudá-la nessa fase inicial através dos eventos internos que exijam o envolvimento pessoal.

O conselheiro pode conscientizar as pessoas que um relacionamento só acontece e se desenvolve quando duas ou mais pessoas, cada uma com sua existência própria e necessidades pessoais, contatam uma a outra reconhecendo, respeitando e permitindo as diferenças entre elas. Nas confraternizações ou em qualquer outro momento de interação pessoal, cada um é responsável por si, por sua parte do diálogo, por sua parte no relacionamento. Isso significa que cada um é responsável por se permitir ser influenciado pelo outro, ou se permitir influenciar. Se ambos permitem, o encontro pode ser como uma dança, com um ritmo de contato e afastamento. Então, é possível haver o conectar e o separar, em vez de isolamento (perda de contato) ou confluência (fusão ou perda da distinção).

### **VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM**

- 1) Qual o campo de atuação do conselheiro pastoral?
- 2) A prática do aconselhamento só pode ser realizada por pastores? Quem pode trabalhar nessa área?
- 3) O que significa empoderar?
- 4) O aconselhador deve procurar ajudar as pessoas de que forma?
- 5) Quando Deus criou o homem ele lhes deu poder de administrar e dominar, em que isso implica?
- 6) Quais os benefícios que a pregação pode trazer no culto?



## 3

## OS PERIGOS DO ACONSELHAMENTO PASTORAL

O aconselhamento pastoral é uma bênção, infelizmente temos visto nos dias de hoje uma grande negligência nessa área, por parte de conselheiros, sem um pingão de sensibilidade para com os problemas alheios; quantas vezes não vimos a seguinte situação: Um membro vai até o gabinete do seu pastor pedir ajuda em alguma área da vida no qual tem sido tentado, o pastor, além de tratar o caso com desdém não se importando de fato com a vida e a salvação daquela pessoa, ao invés de ajudá-lo e conduzi-lo traz exortações pesadas e insensíveis, transmitindo ao membro a mensagem de que ele é um pecador e o Pastor é santo, e transmitindo a pobre alma uma enorme culpa. E na maioria das vezes o caso desse irmão(ã) se torna parte do sermão do pastor no culto à noite.

De maneira nenhuma, por mais absurda que seja a situação, devemos olhar para as pessoas com aquele olhar do fariseu que vê os pecadores como pessoas desprezíveis, por pior que seja aos nossos olhos o pecado ou a circunstância da ovelha, devemos nos comportar de forma passiva, amorosa e atenciosa.

Infelizmente muitos de nós temos confiado nossas vidas nas mãos de homens que foram enviados pra curar; no entanto, estamos o tempo todo sendo feridos, tendo nossas vidas expostas de maneira vergonhosa, o que tem tirado muitos da presença do Senhor.

Um obreiro realmente compromissado olhará para os exemplos de seu mestre, e se colocará no lugar de Jesus nas horas de decisão de sua vida.

### 3.1 MÉTODOS BÁSICOS DE ACONSELHAMENTO PASTORAL

Podemos resumir algumas das técnicas básicas mais utilizadas básicas numa situação de ajuda, são elas:

**1. ATENÇÃO:** o conselheiro deve tentar conceder atenção integral ao aconselhado, isto é feito mediante: contatos de olhos, olhar sem arregalar os olhos, como em meio de transmitir interesse e compreensão. Postura que deve ser relaxada e não tensa.

Gestos naturais – não devem ser excessivos para não provocar distração.

**Obs.:** O Conselheiro deve ter cuidado com algumas distrações íntimas que impedem de oferecer uma atenção integral, como fadiga, impaciência, preocupação com outros assuntos, devaneios e inquietação.

**2. OUVIR:** é fundamental no aconselhamento que o conselheiro saiba ouvir as mágoas, problemas e desaíchos do aconselhado. Os conselheiros que ouvem pouco e falam muito pode dar bons conselhos, mas estes são raramente ouvidos e terão ainda menor probabilidade de serem seguidos. Saber ouvir é a mesma coisa que lhe dizer: Eu me interesso.

**3. RESPONDER:** Não se deve pensar que o conselheiro apenas ouve, a sua ajuda também se caracteriza pela ação de respostas verbais específicas. Dentro destas abordagens o conselheiro deve saber conversar, por exemplo: Você pode dar-me mais detalhes? O que você está querendo dizer com: perguntar com habilidade. Deve evitar perguntas cuja resposta seja sim ou não, como aquelas que começam com: Você ama sua mulher? Deve-se dizer: Fale-me sobre o seu casamento.

### 3.2 A PALAVRA DE DEUS E O ACONSELHAMENTO CRISTÃO

Vivemos em uma época de “psicologização” do evangelho e da pregação da Palavra de Deus. Ao que nos parece, a nossa época tem sido marcada pelo forte desinteresse na utilização das Escrituras no aconselhamento cristão.

Pastores e mais pastores estão se refugiando em demasia na psicologia e ciências afins. Precisamos estar cômicos de nosso papel como ministros de Deus.

No aconselhamento do povo da aliança, o dr. John R.W.Stott disse certa vez: “Um ministério pastoral que se modele na vontade de Cristo incluirá, de modo semelhante, a pregação diante da congregação. Aconselhamento aos indivíduos e o treinamento de grupos”.

Esta perspectiva de Stott tem sido esquecida pela igreja de Cristo ao longo dos tempos. O púlpito deveria lidar com questões de aconselhamento. Alguns poderiam aventurar-se em negar tal perspectiva, mas é inevitavelmente necessário declarar que “a própria pregação é aconselhamento”.

A exortação ao bem viver cristão consiste em orientar por meio das Escrituras.

Utilizar-se das Escrituras para exercer o aconselhamento é uma tarefa sábia para os pastores que estão comprometidos com o crescimento espiritual de seus membros. Os homens não precisam de uma mensagem psicologizante, mas de uma mensagem derivada das Escrituras que são suficientes para “restaurar a alma”, isto porque a Lei de Deus é “perfeita” para exercer tamanha restauração (Sl 19.7-11).

As teorias de psicologia são diversamente conflitantes umas com as outras, a ponto de um respeitado professor na área dizer: “Não podemos ter certeza se qualquer dessas teorias é completamente verdadeira. Mas, se vocês têm de aconselhar outras pessoas, estudem estas teorias e decidam qual delas lhes parecem ser mais sensata”. O aconselhamento cristão não deveria ser considerado como uma especialidade separada do aspecto pastoral e da comunhão cristã na igreja.

Para o pastor, as habilidades para o aconselhamento são partes tanto do preparo como da entrega de sermões quanto da prontidão para responder aos ouvintes após a mensagem. É preciso que o pastor seja hábil intérprete da Palavra e hábil intérprete de pessoas, se ele quiser ser efetivo no ministério. Então, é tarefa do presbítero (docente e regente) aconselhar a igreja de Cristo que lhe foi confiada para governar. O pastor ou presbítero foi chamado para aconselhar o rebanho de Cristo.

Isso é demonstrado e ensinado por Paulo em 1 Timóteo 5.1; 2 Timóteo 4.2 e em Tito 1.9, nos fala de exortar, o verbo grego usado “Parakaleo” traduzido por encorajar, mas o sentido pode ser tomado no que se refere à palavra de encorajamento cristão. Calvino entendia que “o aconselhamento era indispensável no trabalho do presbítero”. O teólogo de Genebra acreditava que “o ensino, além de ser público nos cultos, deveria ser acompanhado por orientação pessoal e aplicado às circunstâncias específicas da vida das ovelhas”.

### 3.3 PASTOREANDO O CORAÇÃO DOS PASTORES

Temos percebido que é cobrado dos pastores a prática do aconselhamento com base nas Escrituras. Para um autêntico aconselhamento é necessário se ter às Escrituras como única regra de fé e prática, mas incomoda o meu coração em ver que os pastores não são pastoreados, pelos seus conselhos locais, pelos seus presbitérios; antes de tudo eles são abandonados e negligenciados. O que há de errado? É o fato de que muitos julgam que o pastor é alguém para aconselhar e não precisa de aconselhamento, pois Deus irá suprir suas necessidades de modo providencial. Creio nisso piamente, mas penso que não é por aí que se processa o aconselhamento para os pastores. Eles precisam ser pastoreados, confortados animados e estimulados pelos seus líderes. O desencorajamento pastoral é vivenciado dentro do seminário e depois no ministério. Alguém disse acertadamente que “o desencorajamento é um dos grandes obstáculos no ministério, especialmente nesses dias de coisas insignificantes”.



O que fazer quando a depressão chega ao nosso coração? O que fazer quando o desânimo chega ao coração do ministro? O príncipe dos pregadores tem algo a nos dizer sobre isso em termos pertinentes: “Crises de depressão acometem a maioria de nós. Animados como possamos ser normalmente, a intervalos temos que ser derrubados. O forte nem sempre está vigoroso, o sábio nem sempre é expedito, o bravo nem sempre é corajoso, e o alegre nem sempre está feliz”.

Spurgeon trata destas questões para poder animar os pastores mais jovens na caminhada cristã. Penso que é isso que falta em muitos dos nossos presbitérios atuais, o pastorear e consolar os seus pastores. O desânimo e a desilusão de muitos novos ministros estão vinculados à ausência de um aconselhamento.

Spurgeon, sendo eminentemente pastoral, nos diz o motivo de escrever tais palavras em suas lições pastorais: “Sabendo pela mais penosa experiência o que significa uma profunda depressão de espírito, sendo visitado por ela frequentemente e a intervalos não demorados, achei que poderia ser consolador, irmãos se partilhasse meus pensamentos sobre isso para que os jovens não imaginem que algo estranho lhes acontece quando tomados em alguma ocasião pela melancolia; e para os mais deprimidos saibam que a pessoa sobre quem o sol está brilhando.”

O ponto desta declaração de Spurgeon é que a sua preocupação era muito clara no que concerne ao desencorajamento pastoral; julgava necessário tratar deste assunto com muita clareza. Às vezes somos negligenciados pelos escritores de aconselhamento porque se limitam a nos ensinarem como devemos aconselhar o nosso povo. Mas o nosso coração, por vezes, e quase sempre, sente sede, em meio ao deserto da atividade pastoral; e não há nenhum com um cântaro de água viva para trazer ao nosso deserto uma esperança de vida.

Muitos dos nossos liderados virão ao nosso gabinete pastoral tratar de sua depressão e por mais irônico que isso possa parecer estaremos ali diante deles com o mesmo mal, e o mais irônico disso tudo que podemos lidar com a depressão do nosso povo, mas não com a nossa, isto porque ninguém nos socorre nas madrugadas quando as lágrimas chegam aos olhos.

Poderemos sugerir alguns caminhos pelos quais podemos trilhar a nossa vida cristã e enfrentar o desencorajamento, estes caminhos podem servir tanto para os ministros como para os membros de suas igrejas.

Sugiro que olhemos para a vida de Davi; Davi era um fugitivo de Saul e perseguido por este.

Davi havia procurado refúgio com um rei filisteu chamado Aquis; Todos nós conhecemos esta história. Há um momento da narrativa em que Aquis deseja lutar contra Israel; e esse rei desejava que Davi o acompanhasse (1 Sm 28.1-2); mas tal proposta foi rejeitada pelos soldados filisteus (1 Sm 29). Davi ao retornar à cidade de Ziclague (1Sm 30.1-6) encontra a cidade em ruínas, porque os amalequitas haviam invadido e levado o povo cativo. Ele estava ali encarando uma das cenas mais difíceis da vida. Os homens de Davi ficaram tão aflitos, que realmente falaram em apedrejá-lo. Tudo estava arruinado literalmente! Às vezes a “vida cristã assemelha-se a esta situação, e, isto não é menos verdadeiro no que se refere ao ministério pastoral; todas as coisas pelas quais nos esforçamos parecem desintegrar-se diante dos nossos olhos, e os companheiros do nosso “arraial” se tornam desafeiçoados”.

Como agiu Davi diante de tamanha depressão? Ele não desistiu; não se sentiu ofendido por Deus, nem culpou seus homens. Cook nos diz que devemos observar isso:

1. Primeiro, considere que Davi recusou entrar em desespero. Davi tinha tudo para se entregar ao desespero, pois estava sendo perseguido por Saul, estava desacreditado pelos filisteus e magoado nesta ocasião por seus próprios homens. Podemos fazer uma ponte com a nossa realidade atual, quase sempre nos entregamos ao desespero quando tudo na vida parece não ter mais jeito e solução.

Cristo não nos prometeu um ministério sem problemas. O pastor que se imagina pastoreando uma igreja sem problemas deveria deixar o ministério e fazer outra coisa. Davi sabia que grande parte de sua vocação era resolver problemas, estar disposto a aconselhar o povo, dirigir o povo no sentido pleno pastorear o povo, mas para isso ele precisava não entrar em desespero. Nosso conselho para cada um pastor ou futuros pastores é: diga não ao desespero.

2. A segunda consideração para o coração dos pastores é que Davi não permitiu que o presente determinasse seu ponto de vista a respeito do futuro.

Devemos aprender com Davi a importância de trazeremos Deus imediatamente à avaliação das circunstâncias. O futuro estava nas mãos de Deus, como também Davi. Essa é a perspectiva correta que deve ser adotada para o nosso ministério pastoral. Um autêntico aconselhamento para o coração dos pastores deve vislumbrar o conceito da soberania de Deus. Podemos, diante da mais profunda angústia de alma, clamar a Deus (Sl 43.5).

3 – A terceira consideração para os nossos corações é que Davi exercitou a sua fé em Deus.

Esta pode ser a significação ao tema de que “Davi se reanimou no SENHOR, seu Deus”. A grande questão é: como Davi fez isso? Ele simplesmente encorajou-se em Deus. É assim que devemos agir diante de nossos ministérios.

### 3.4 O ACONSELHAMENTO PASTORAL E A NEGLIGÊNCIA COM AS ALMAS

O aconselhamento pastoral visa edificar as almas, consolando, exortando e animando-as. E quase sempre negligenciamos o nosso ofício e por vezes negligenciamos as nossas próprias almas.

Alguém disse acertadamente que somos bastante imaturos no que diz respeito a avaliarmos nossas prioridades espirituais. Podemos nos preparar com diligência para realizar deveres exteriores e nos apressar, mas somos exortados a olhar por nós mesmos, para não suceder estarmos vazios da divina graça salvadora que estamos oferecendo a outros, porquanto é possível oferecermos esta graça.

Diante disso podemos dizer que o ministério pastoral deve primeiramente valorizar a alma dos próprios ministros, e assim eles estarão aptos para ministrar um aconselhamento eficaz para os seus paroquianos.

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- 1) Quais os métodos básicos para o aconselhamento pastoral?
- 2) É certa ou errada a afirmação de que o púlpito deve ser um lugar para se lidar com aconselhamento? Justifique.
- 3) O que um renomado professor afirmou sobre as teorias da psicologia?
- 4) Como Calvino entendia o aconselhamento?
- 5) O que Spurgeon falou sobre depressão no ministério pastoral?
- 6) Como Davi reagiu às crises depressivas?
- 7) Complete a frase de acordo com o texto:  
 “O aconselhamento pastoral visa \_\_\_\_\_.”



## 4

## A MISSÃO DA IGREJA É DESENVOLVER UM MINISTÉRIO DE ACONSELHAMENTO

A Igreja como uma comunidade terapêutica deve possuir grupos terapêuticos em que os membros se ajudam uns aos outros provendo apoio, desafio, orientação e encorajamento, que não seria possível de outra forma. Os corpos locais de crentes podem oferecer apoio aos membros, cura aos indivíduos perturbados e orientação quando as pessoas tomam decisões e seguem em direção à maturidade.

### 4.1 ALVOS QUE O ACONSELHAMENTO VISA ALCANÇAR

- a) Autocompreensão: Um dos alvos do aconselhamento é que um ajudador deve ser objetivo, auxilie os que estão sendo assistidos a obter um quadro real do que está passando em seu íntimo.
- b) Comunicação: O aconselhado precisa aprender a comunicar sentimentos, pensamentos e atitudes, corretas e eficazmente.
- c) Aprendizado e modificação de comportamento: O aconselhamento inclui ajuda no sentido de fazer com que o aconselhado desaprenda o comportamento negativo e aprenda meios mais eficientes de agir. Tal aprendizado vem através da instrução, da imitação de um conselheiro ou outro modelo, e da experiência e erro.
- d) Autorrealização: Aprender a alcançar e manter o seu potencial máximo.
- e) Apoio: Encorajamento e “divisão de fardo”, até que sejam capazes de remobilizar seus recursos pessoais e espirituais, a fim de enfrentar eficazmente os problemas da vida.

### 4.2 TÉCNICAS USADAS NO ACONSELHAMENTO

- a) Atenção: O conselheiro deve tentar conceder atenção integral ao aconselhado.
- b) Ouvir: O conselheiro deve ouvir o aconselhado para ele, por meio da conversa, expressar suas mágoas, esclarecer um problema e desabafar.
- c) Responder: De maneira redirecional a conversação.
- d) Refletir: Para permitir que os aconselhados saibam “que estamos com eles” e também dizer frases que refletem o que está acontecendo no aconselhamento.
- e) Perguntar: Com habilidade, para extrair informações úteis.
- f) Confrontar: Para apresentar alguma ideia ao aconselhado, a qual ele ou ela talvez não percebesse de outro modo.
- g) Informar: Abrange a apresentação de fatos aos que precisam de informação.
- h) Apoiar e encorajar: O apoio incluiu a orientação do aconselhado no sentido de fazer uma avaliação de seus recursos espirituais e psicológicos, encorajá-lo à ação e ajudar com quaisquer problemas ou fracassos que possam resultar dessa ação.
- i) Ensinar: O conselheiro é um educador, ensinando através da instrução e orientando o aconselhado à medida que ele ou ela aprende a enfrentar os problemas da vida.

### 4.3 FATORES QUE ATRAPALHAM A MOTIVAÇÃO PARA ACONSELHAR

O aconselhamento torna-se às vezes ineficaz porque o conselheiro não tem uma ideia clara do seu papel e responsabilidades. Eis alguns exemplos:

- a) Visita em lugar de aconselhamento: O aconselhamento é uma conversa centralizada em um problema, dirigida para o alvo, não uma conversa mútua e amigável.

- b) Pressa em lugar de deliberação: As pessoas no geral querem apressar o processo de aconselhamento até um término rápido e bem-sucedido.
- c) Desrespeito em lugar de simpatia: Alguns conselheiros classificam rapidamente as pessoas e depois despedem os indivíduos com um confronto rápido ou um conselho tímido.
- d) Condenação em lugar de imparcialidade.
- e) Sobrecarregar a sessão em lugar de moderar o aconselhamento: Devido ao seu entusiasmo com a ideia de ajudar, o conselheiro tenta às vezes fazer demasiado numa sessão.
- f) Ser diretivo em vez de interpretativo: Quando os aconselhados recebem ordens quanto ao que devem fazer, eles confundem a opinião do conselheiro cristão com a vontade de Deus.
- g) Envolver-se emocionalmente em vez de permanecer objetivo.
- h) Atitude de defesa em lugar de empatia: Quando somos criticados, ficamos incapazes de ajudar.

#### **4.4 FATORES QUE TORNAM VULNERÁVEL O ACONSELHADOR**

- a) Manipulação: Os conselheiros manipulados sempre têm pouca utilidade, pois o aconselhado impõe a sua vontade.
- b) Resistência: O alívio permanente pode exigir tempo e o paciente não quer perder atenção pessoal, e por isso não coopera. E também aqueles que adquirem um senso de poder e realização quando conseguem frustrar os esforços dos outros.

#### **VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM**

- 1) Quais os alvos que o aconselhamento visa alcançar?
- 2) Quais as técnicas usadas no aconselhamento?
- 3) Quais os fatores que atrapalham a motivação para aconselhar?
- 4) Quais os fatores que tornam vulnerável o aconselhador?



## 5

## ÉTICA NO ACONSELHAMENTO PASTORAL

O aconselhador deve respeitar cada indivíduo como pessoa que possui sentimentos, pensamentos e vontade. O aconselhador busca sinceramente o bem-estar do aconselhado e não tenta manipulá-lo. O conselheiro tem a obrigação de manter em segredo as informações confidenciais a não ser que haja risco para o bem-estar do aconselhado ou de outra pessoa.

Todo conselheiro cristão tem sobre si uma grande responsabilidade, afinal, quando alguém nos procura pedindo ajuda (conselho), devemos considerar isso como um ponto positivo, pois isso é um sinal de que essa pessoa nos enxergou dignos de confiança para desabafar, e também alguém com capacidade para ajudá-lo; sendo assim, não devemos menosprezar a oportunidade que temos de fazer o bem a uma pessoa, e de dar continuidade à obra de Cristo.

Muitas vezes não levamos isso a sério, pelo contrário tratamos os problemas das pessoas como fardos que não tem nada a ver conosco, mas não deve ser assim a postura do conselheiro cristão, nossa postura deve ser de pessoas prestativas em socorrer os aflitos, assim como Jesus. Por isso todo cuidado é pouco, pessoas são sensíveis, e mais do que “cajado” como dizem hoje em dia nas igrejas, precisamos sim “admoestar” como o apóstolo Paulo nos ensina, mas a palavra admoestar não é simplesmente desferir violentamente golpes na consciência das pessoas, admoestar quer dizer corrigir amigavelmente com a proposta de fazer a pessoa rever seus conceitos e tomar uma nova direção.

Por isso, no aconselhamento pastoral, a ética se torna imprescindível, é como dois gêmeos siameses que não podem se separar de maneira alguma, o aconselhamento sem respeito não é aconselhamento, pode ser qualquer coisa menos aconselhamento. Pastores que ao invés de aconselhar seus membros acabam se intrometendo na vida alheia tirando toda liberdade de a pessoa pensar e agir, e se acham donos da vida dos seus liderados; devemos aprender a amar e zelar pelas pessoas sem nos intrometermos em suas vidas, sem tomar conta como se fôssemos os donos e tudo que fazem devem prestar contas a nós; devemos lhes transmitir confiança e segurança ao ponto deles nos considerarem parte de suas vidas.

O que falta hoje em muitos ministérios pastorais é ética para com os membros da Igreja. Muitos ainda não compreenderam o que significa ser um líder de pessoas, e acabam se achando chefes, esse problema infelizmente é o grande responsável por haver um êxodo em nossas igrejas; pessoas que contam suas causas a um pastor e no outro dia toda a vizinhança está sabendo do ocorrido, e o pastor acaba transformando a pessoa em um exemplo a não ser seguido, colocando a moral da pessoa lá em baixo, fazendo com que essa desista da caminhada cristã.

Sigamos o conselho do apóstolo Pedro no ministério pastoral: “Aos presbíteros, que estão entre vós, admoesto eu, que sou também presbítero com eles, e testemunha das aflições de Cristo, e participante da glória que se há de revelar”:

Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho.

E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa da glória” (1 Pe 5; 1-4).

**VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM**

- 1) Qual o significado da palavra “admoestar”?
- 2) Qual a relação entre ética e aconselhamento pastoral?

## CONCLUSÃO

A prática do aconselhamento pastoral é fundamental na sociedade em que vivemos. As pessoas continuam com problemas, mas a Igreja pode ajudá-las a vencer a si mesmas, às dificuldades interiores e aos obstáculos que se formaram no decorrer de sua existência. As pessoas precisam ser cuidadas, necessitam de apoio para continuar sobrevivendo e há métodos que podem ser utilizados pelo conselheiro pastoral.

Esse conselheiro não precisa ser necessariamente o pastor da igreja. Membros da igreja podem receber treinamento teórico e prático para auxiliar a liderança da igreja e ajudar aqueles que necessitam ser cuidados. Aceita esse desafio?

Notamos que a necessidade de um aconselhamento atualmente é vital para o bom desenvolvimento de qualquer grupo social que visa ao benefício das pessoas que estão envolvidas ou que cooperam com ele. Cada vez mais o ser humano busca a necessidade de orientação por causa dos apelos constantes da mídia, da globalização, da velocidade das informações etc. As pessoas ficam sem saber o que optar, surgindo assim a necessidade de um aconselhamento pastoral à altura da necessidade de cada pessoa. Os problemas básicos e sociais são patentes aos nossos olhos como causadores de intrigas, desacordos, facções, tribos, levando as pessoas a estarem em um grupo e não pertencerem a este grupo. Fortalecem assim a necessidade de um aconselhamento maduro.

Que possamos usar muito esta poderosíssima arma para o aconselhamento pastoral.

## BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento. Tradução na linguagem de hoje. 1. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

CLINEBELL, Howard. *Aconselhamento Pastoral: Modelo centrado em libertação e crescimento*. 2. ed. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 1987.

DANON, Marcella. *Counseling: uma nova profissão de ajuda*. Curitiba: Sociedade Educacional e Editora IATES, 2003.

FRIESEN, Albert. *Cuidando do ser: Treinamento em Aconselhamento Pastoral*. Curitiba: Esperança, 2000.

WONDRACEK, Karin; HERNÁNDEZ, Carlos. *Aprendendo a lidar com crises*. São Leopoldo, Sinodal, 2004.

SPURGEON, Charles Haddon. *O Melhor de Charles Spurgeon*. São Paulo: CPAD, 2002.



# faculdade teológica betesda

## Moldando vocacionados

### AVALIAÇÃO - MÓDULO IX

### ACONSELHAMENTO PASTORAL

1. Como podemos definir o aconselhamento pastoral de uma forma genérica e abreviada?
2. Segundo o Pastor e psicólogo Albert Friesen, do que trata o aconselhamento pastoral?
3. A prática do aconselhamento só pode ser realizada por pastores? Quem pode trabalhar nessa área?
4. O que significa empoderar?
5. Quais os benefícios que a pregação pode trazer no culto?
6. Quais os métodos básicos para o aconselhamento pastoral?
7. O que um renomado professor afirmou sobre as teorias da psicologia?
8. Como Davi reagiu às crises depressivas?
9. Quais as técnicas usadas no aconselhamento?
10. Qual a relação entre ética e aconselhamento pastoral?

#### **Caro(a) aluno(a):**

- **Responda cada questão acima em folhas pautadas (com linhas) em letras de forma ou digite no computador, se preferir enviar por e-mail.**
- **Envie-nos as avaliações deste módulo todas juntas, de acordo com as regras gerais (p. 3-5):**

**Pelo correio: CAIXA POSTAL 12025 - CEP 02013-970 - SÃO PAULO-SP**  
**Por e-mail: [plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br](mailto:plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br)**

- **Em caso de dúvida, ligue para o Serviço de Atendimento ao Aluno (SAA).**

# ESTÁGIO PRÁTICO

**Caro(a) ALUNO(a):**

Conforme comentado nas páginas 3, 4 e 5, a FTB se preocupa com a formação integral do aluno, o que inclui o lado prático da vida ministerial cristã. Por isso, pedimos que, além das AVALIAÇÕES (ver final das matérias), você participe, com dedicação, dessa atividade: o ESTÁGIO PRÁTICO.

É muito simples! Basta escolher um assunto das cinco matérias estudadas neste **Módulo 9** e ministrá-lo como pregação, estudo bíblico ou simplesmente uma aula. Você também pode optar por ministrar o que aprendeu em um culto, em uma classe de EBD (Escola Bíblica Dominical) ou em uma reunião de grupos familiares etc. Converse com o pastor da sua Igreja sobre a melhor opção.

Lembre-se: um líder local deve assistir a sua participação e assinar a DECLARAÇÃO DE ESTÁGIO PRÁTICO SUPERVISIONADO.

- Tire uma cópia da para o devido preenchimento e envie para a secretaria da FTB, juntamente com as respostas das Avaliações.
- Veja, abaixo, um modelo de preenchimento.



### DECLARAÇÃO DE ESTÁGIO PRÁTICO SUPERVISIONADO

**NOME:** Raphael Julian Messes  
**CURSO:** Bacharel em Teologia  
**DATA:** 01/12/2006 - Nº MATRICULA: 0364

COMENTÁRIO: *Escolhi o tema "A divindade do Senhor Jesus" e ministrei uma aula na EBD da minha igreja. Os irmãos fizeram muitas perguntas e, graças a Deus, consegui responder a todas satisfatoriamente. Percebi que realizar esse estágio prático me levou a estudar melhor o assunto. Aprendi muito mais!*

  
 \_\_\_\_\_  
 ALUNO

  
 \_\_\_\_\_  
 SUPERVISOR

  
 \_\_\_\_\_  
 CHANCELA

Escreva aqui um resumo das suas atividades práticas

Preencha com seus dados

Favor assinar

Carimbo da igreja onde você realizou seu estágio

Assinatura do líder que supervisionou sua atividade

